



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS – PPGER**

LUCICLEIA SANTOS BATISTA

**LÍNGUA INGLESA NA EJA INDÍGENA: Cartilha sobre Segurança Alimentar
como subsídio político pedagógico**

Itabuna

2022

LUCICLEIA SANTOS BATISTA

**LÍNGUA INGLESA NA EJA INDÍGENA: Cartilha sobre Segurança Alimentar
como subsídio político pedagógico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais, sob a orientação do Prof. Dr. Milton Ferreira da Silva Junior.

Itabuna

2022



LUCICLEIA SANTOS BATISTA

**LÍNGUA INGLESA NA EJA INDÍGENA: Cartilha sobre Segurança Alimentar
como subsídio político pedagógico.**

Memorial Dissertativo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais, na linha de pesquisa em Educação e Ensino.

Avaliado em 03 de Fevereiro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Milton Ferreira da Silva Junior (Presidente)
Universidade Federal do Sul da Bahia

Prof. Dr. Casé Angatu (Examinador interno)
Universidade Federal do Sul da Bahia

Prof^a. Dr^a. Juciene Silva de Souza Nascimento (Examinadora Externa)
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^a Dr.^a Amanda Post (Convidada – Examinadora Externa)
Universidade Federal de Jataí - Goiás



Dedico este trabalho à memória de todos os meus ancestrais indígenas com os quais fui impedida de conviver. Galhos não levam flores e frutos em potencial!!! Reexistimos!



PÂKTÊ'XÓ

A NIAMISÚ

À família mais família que existe: mine.

À minha niōtxí Maria Hosana.

À minha wonderful imãmakã, Bernadete.

Aos meus brightfull konehõs, Arthur e Álvaro.

Ao meu kakusú baixú, Ananias.

À my prima Jaqueline.

A Dr. Milton Ferreira da Silva Junior – meu ipakâié, meu mentor.

Aos meus colegas de curso, em especial à Qelia, Shirley e Sara

Aos meus colegas de work, em especial, Mayhã (Minha Tia Alzira), Rosenete,
Jandaia e Tapurumã.

Aos meus taputaris/parentes do PPGER, Hayô, Mayô, Hitxá, Oiti, Wayãã, Takirawã
e Angelo

À Carolina Santos da Silva – Design gráfico

À Adriana Barros C. Silva – Revisora Textual

À Adriana Quint - Tradutora

Aos meus queridos alunos, do passado e do porvir.

Aos que colaboraram como juízes da Fap'bwá'kwi/cartilha.

Aos Doutores: Amanda Post, Anari Brás, Casé Angatú e Juciene Nascimento.

Aos que colaboraram direta ou indiretamente.

Aos que levaram essa causa à Niamisú.

MY NITXÍ AWÊRY!!!



“Nem conteúdo só, nem desvelamento só, como se fosse possível separá-los, mas o desvelamento do mundo opressor através do ensino dos conteúdos”.

Paulo Freire



RESUMO

Demonstra o processo de construção e validação de cartilhas – uma para alunos indígenas e outra para alunos não indígenas, da EJA, 7/8, com a temática da Segurança Alimentar Indígena para subsidiar o ensino descolonializado de língua inglesa na Educação de Jovens e Adultos em ambiente intercultural indígena e não indígena; objetivando fomentar uma discussão teórico-prática acerca do assunto, incentivando a mobilização social pró qualidade da Segurança Alimentar no Município. Um estudo metodológico, realizado em três etapas, sendo: levantamento bibliográfico e pesquisa acerca dos povos envolvidos, a elaboração da cartilha e a validação do material. Foram consultados 25 representantes do público-alvo. Feita a revisão das cartilhas, sem possibilidade de acessar os alunos por meio da Escola posto que já iniciara o período de férias, foram contatados 9 juízes escolhidos intencionalmente. A avaliação por parte dos juízes voluntários, se deu após assinatura do Termo de Acordo Livre e Esclarecido modelo UFSB, através de coleta de dados sócio-demográficos e preenchimento de escala linkert. Feitas as alterações sugeridas pelos juízes, a cartilha foi validada e entendida como um grão de areia em meio às muitas possibilidades que a temática envolve.

Palavras-chave: Ensino de Inglês em ambiente Intercultural Indígena. Alimentação Indígena. Pataxó.



ABSTRACT

It demonstrates the process of construction and validation of booklets - one for indigenous students and another for non-indigenous students, from EJA, 7/8, with the theme of Indigenous Food Security to support the decolonialized teaching of English in the Education of Youth and Adults in indigenous and non-indigenous intercultural environment; aiming to promote a theoretical-practical discussion on the subject, encouraging social mobilization for the quality of Food Security in the Municipality. A methodological study, carried out in three stages, namely: bibliographic survey and research on the people involved, the preparation of the booklet and the validation of the material. 25 representatives of the target audience were consulted. After reviewing the booklets, without the possibility of accessing the students through the School since the vacation period had already started, 9 judges chosen intentionally were contacted. The evaluation by the volunteer judges took place after signing the Free and Clarified Agreement Term UFSB model, through the collection of socio-demographic data and completion of the linkert scale. After the changes suggested by the judges were made, the booklet was validated and understood as a grain of sand in the midst of the many possibilities that the theme involves.

Keywords: Teaching English in an Indigenous Intercultural Environment. Indigenous Food. Pataxó.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Minha família	22
Figura 2 – Cruz no local da celebração da primeira missa no Brasil, em Coroa Vermelha, antes (A) e depois (B)	26
Figura 3 – Alzira Pataxó, primeira professora indígena da aldeia, e seus alunos	33
Figura 4 – Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (área externa)	36
Figura 5 – Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (área interna)	36
Figura 6 – Vista aérea da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha	37
Figura 7 – Vista aérea (de outro ângulo) da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha	37
Figura 8 – Localização Geográfica da Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha	49
Figura 9 – Localização geográfica da Reserva onde vive o povo Navajo	52
Figura 10 – Moradia tradicional Navajo (chamada de Hogan)	53
Figura 11 – Oca tradicional Quéchua, primeira escola do, hoje, mestre em Linguística pela Universidade de Brasília, Armando Gutierrez Cisneiros	54
Figura 12 – Mapa da Língua Quéchua	54
Figura 13 – Casa tradicional Guarani	55
Figura 14 – Familiaridade dos docentes com termos e conceitos prévios	67
Figura 15 – Percentual de docentes que conhecem os Povos Indígenas Quéchua, Guarani e Navajo.	69
Figura 16 – Resultado do questionário acerca de características identitárias aplicado aos colaboradores indígenas Pataxó.	71

Figura 17 – Atividades para matriz de priorização.	72
Figura 18 – Páginas da cartilha	78
Figura 19 – Cartilha revisada	82
Figura 20 – Cartilha para não-indígenas	84



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Linha do tempo do ensino da Língua Inglesa no Brasil	38
Tabela 2 – Atividades exitosas desenvolvidas na EJA	42
Tabela 3 – Características dos povos Navajo, Quéchua, Guarani e Pataxó	56
Tabela 4 – Resultados da aplicação da cartilha	80



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CONSEA-BA	Conselho Segurança Alimentar do Estado da Bahia
COVID-19	Corona Virus Disease – 2019
EIPCV	Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha
EIPMM	Escola Indígena Pataxó Mata Medonha
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ERER	Educação para as Relações Etnico-Raciais
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciência
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IPEA	Institutos de Pesquisas Econômicas Aplicadas
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LI	Língua Inglesa
PANCs	Plantas Alimentares Não-Convencionais
PPGER	Programa de Pós-graduação em Ensino das Relações Etnico-Raciais
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular Nacional Educação Indígena
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo



SINAPIR	Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UMIAB	União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira



SUMÁRIO

KAWATÁ UPÚ IMAKAIÉ NOÃTXÓ A´ATXU MAXAKALI	16
1 PESQUISA PRÉVIA	24
1.1 Ihábnká de Conversation – Início de Conversa	24
1.2 Ensino para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na educação de jovens e adultos indígenas	29
1.3 Caracterização da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha	33
1.4 Breve histórico do ensino de Língua Inglesa no Brasil	38
1.5 Memória histórica das aulas de inglês na EIPCV na última década	41
1.6 Sujeitos do – desejado - intercâmbio Pan-Americano	46
1.6.1 <i>O Pataxó da aldeia indígena Coroa Vermelha</i>	48
1.6.2 <i>Conhecendo mais sobre os Navajos, Quéchuas e Guaranis</i>	52
1.6.3 <i>Alimentação Tradicional dos povos pesquisados</i>	57
1.6.3.1 <i>Alimentação Guarani</i>	57
1.6.3.2 <i>Alimentação Navajo</i>	58
1.6.3.3 <i>Alimentação Quéchuas</i>	60
1.6.3.4 <i>Alimentação Pataxó</i>	63
1.7 Relatando a Experiência	63
1.7.1 <i>Estudando na nova realidade</i>	63
1.7.2 <i>Reconfigurando propósitos</i>	65
1.8 Resultados prévios	67
1.8.1 <i>Atividades iniciais</i>	67
1.8.1.1 <i>Segurança, Sustentabilidade e Soberania Alimentar: o que se ganha e o que se perde quando o indígena ou povos ancestrais perdem suas origens...</i>	71

1.8.2	<i>Soberania Alimentar na visão indígena</i>	73
2	PATXÍXÁ'IRÁ THE CARTILHA – CONSTRUINDO A CARTILHA	74
3	VALIDATION DA FAP'BWÁ'KWI – VALIDAÇÃO DA CARTILHA	79
4	NOTAS (IN)CONCLUSAS	86
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICES	93
	ANEXOS	152



KAWATÁ UPÚ IMAKAIÉ NOÃTXÓ A´ATXU MAXAKALI¹

Lucicleia, quando eu tiver a minha primeira filha, vou colocar esse nome, e anotando no seu caderninho para não esquecer o nome daquele personagem de fotonovela, dona Bernadete antes de conhecer o meu pai, me nomeou. Não demorou muito para que ela, o conhecesse, buscando libertação de uma vida acabrunhada em função do reflexo do sofrimento que teve a minha avó, cabocla, ao ser abandonada por um branco, genitor da minha mãe, decidi fugir de casa. Aquela linda moça de traços notadamente mestiços, encontra-se com aquele caboclo, atraente, dente de ouro, mineiro, madeireiro; e então, os enjôos, a suspeita do meu pai e a negativa da minha mãe. Você está prenha! Deus me livre! E continua a fumar na certeza de que nada havia lá dentro, quando eu lá já estava; de tanto ouvir, pare de fumar porque você está prenha, ela decidiu tomar uns chazinhos amargos para tirar uma possível grande responsabilidade que em seu pensamento pudesse vir a estar dentro dela. Adiantou nada. Fui teimosa, aqui estou!

Em meio a muita desavença em função da bebida excessiva do meu pai e das suas recorrentes “escapadas”, ganhei mais quatro irmãos, dois meninos, duas meninas – gêmeas. Seriam mais 9 não fosse os natimortos. De relacionamentos furtivos, meu pai fez mais dois, de que tivemos conhecimento. Aos cinco anos já sonhava em casar para sair de casa. Viver longe dos conflitos. Sonhava com uma casa própria, mesmo de tábuas, uma bacia de pneu, nova, e que nunca faltasse comida nem sabão para lavar os macacões do meu esposo que seria mecânico. Meu universo era no momento, o da Rua das Marias no Moisés Reis, Eunápolis, Bahia, de onde as serrarias não estavam longe e as oficinas de mecânica automotiva, começavam a chegar. Nenhuma mulher de mecânico que eu conhecia passava dificuldades. Mal sabia que a vida ainda traria grandes desafios.

Crescemos, os cinco, infância e adolescência recheada de todas as dificuldades que uma família mestiça de baixa renda poderia ter. Despejos, alimentação restrita e em poucos momentos, a falta dela. A barra de sabão, ou mesmo do “corte da barra de sabão” – uma fração daquele tablete, de um ou dois dedos, vendidos, na venda, a granel, mudava repentinamente de status, o mesmo sabão,

¹ Coração de Professora Numa Alma Maxakali.

servia como sabonete, shampoo, lava-louça, lava-roupa, vedação de botijão de gás, de fundo bacia, enfim, era o verdadeiro mil e uma utilidades. Jornal, revista e folhas usadas do caderno eram os papéis de higiene no banheiro, ou melhor, na sentina/privada uma fossa com estacas de braúna sobre a sua “boca” e espaço para a gente se acocorar, cercada de madeira ou lona, onde fazíamos nossas necessidades. Um ambiente, em que mesmo em meio àquele zunido de moscas e a horripilante imagem avistada lá embaixo, eu conseguia ler um ou outro pedaço de livro ou revista.

Sempre gostei de ler. Cheguei aos oito anos na escolinha particular da casa da professora Nilza, feliz da vida. Minha mãe não achou importante que eu fosse antes à escola, meu pai não dava conta de comprar material e afirmava: “eu num estudei e tô vivenu” deslanchei, aprendia com muita facilidade, me lembro da surpresa do meu pai quando me viu ler. ABC, Tabuada, Cartilha de Alice, foi tudo muito fácil, e eu queria mais.

Apesar de ter sido obrigada a trabalhar a partir dos sete anos para contribuir nas despesas, eu não gostava de perder aulas. Derramei muitas lágrimas em frente ao Eloyna Barradas por chegar atrasada e ser impedida de entrar. Sofria muito quando não conseguia fazer todas as cobranças da minha mãe, que vendia revistas – Avon, Linetti, Chirstian Gray, Cerâmica, Hermes... - antes do horário das aulas vespertinas. Mas, terminado o fundamental II, queria fazer Ensino Médio! Queria ser professora de verdade. Tinha passado o tempo de “obrigar” irmãos e colegas a serem meus alunos. Mas veio o trabalho de tempo integral, e fazer magistério pela manhã? Nem pensar! Parecia ser o fim de um sonho. Foi a hora de ouvir: você já estudou demais, pra quê estudar tanto? Vai endoidar. Conheci um rapaz que de tanto estudar ficou louco. Cuidado viu? Discurso que ecoava com muita força, principalmente nos momentos de cansaço extremo. Mas, não conseguia parar. Não havia em minha mente um plano de estudo, uma imagem formada dos passos que eu deveria seguir. Só queria continuar.

Terminado o curso médio técnico em administração de empresas, soube através de amigas da seleção do recém chegado CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, hoje IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Vamos participar da seleção? Que curso? - Tem Turismo e tem Científico, - Melhor Turismo. Então vamos?! Fizemos, que maravilha! Só que não era

mais vantajoso atuar na área; depois de ser vendedora ambulante, caixa de uma empresa de construção, prestar atendimento no setor administrativo em uma grande loja de departamento, consegui entrar através de estágio remunerado na maior empresa da região, uma então, empresa florestal com fins de se tornar uma indústria de celulose. Estava tudo certo, terminado o curso técnico em turismo, como já tinha administração de empresas em nível técnico, seria de pensar em procurar fazer um curso superior na área e fazer carreira, mas, triste é o coração dividido. Aquela menina que sonhava em ser professora insistia em não adormecer. Vem o primeiro curso público superior para a cidade. De novo as amigas: -- vamos fazer? Letras, o que é mesmo isso? Ah Cléa, é licenciatura, serve pra gente que já é professora, mas pra você que é chique, melhor fazer administração, pra sua área de trabalho é melhor. – Ah sim. Mas meu sonho é ser professora e eu não sei até quando vou ficar nesta empresa. – Menina larga de ser besta, você entrou como estagiária, foi telefonista, e já está como compradora, seu salário é bem melhor que o nosso. - Eu vou tentar também, sei que um dia serei professora. Elas não sabiam que, embora as condições fossem promissoras, a mocinha idealista que ia mudar o mundo ainda morava dentro de mim.

Foram quatro lindos anos! Era terrível ouvir tantas experiências de colegas que atuavam diretamente na educação e eu sem nenhuma vivência, mas todas sabiam o meu lema: um dia eu serei professora. Sétimo semestre e a correria com o TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, já um casamento fracassado e um rebento de um ano de idade, não me impediram de ser seduzida pela oferta daquele cartaz: Pós Graduação em Pedagogias Diferenciadas, era a FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna me oportunizando a capacitação para trabalhar com a então chamada minoria, hoje, em processo de descolonização da mente, entendo, são maiorias minorizadas, já estava no meu coração o desejo de ser diferença. Assim foi, glotonaria acadêmica total.

Final de graduação em Eunápolis, e pós em Itabuna aos fins de semana. Filho? Família? E as doze horas de trabalho na indústria? Tudo junto e misturado. Qual era mesmo a frase da minha mãe? – Você vai endoidar de tanto estudar. Não sei pra quê tudo isso, essa menina já tem num sei quantos diplomas e fica aí atrás de estudo, deixando o filho pra trás, esquece até da família! Deus queira que não viú? Mas, vai acabar endoidando. É que eu tinha descoberto que não bastava ser professora, tinha

que ser uma professora que transmitisse parte dos conhecimentos que obtive junto ao movimento católico franciscano de Comunidades Eclesiais de Base. Meu primeiro ABC das diferenças sociais. Dei conta! Tava lá, meu padrinho todo engravatado com dois anos e meio de idade, um pedaço de mim, tão eu! No demorar da cerimônia de formatura, ele reclamou em alto e bom som! Tô com fome mamãe!!! Não tem nem uma farofinha de ovo pra comer aqui não?! Era o mascote da turma.

O término da pós não trouxe nenhuma perspectiva de mudança na minha rotina de trabalho. Antes, fui contemplada com um bolsa de estudos para a graduação em administração de empresas. Era sessenta por cento do curso e mais algumas horas à noite, eu dou conta. Não sei quando serei professora mesmo. Perder eu não vou! Presencial, curso de administração de empresas, outro casamento, Arthur, pediu um irmão, veio Álvaro, final do sexto semestre e a mente não aguenta. Para tudo que eu quero descer! Essa não é a vida que eu sonhei. Não é a vida que eu quero ter, não sou a pessoa que eu queria ser... Com toda colaboração e boa vontade da empresa, foi aceito o meu pedido de acordo, para que os tempos de serviço me fossem liberados. Pronto, agora vou ser professora, pensei, mas, como? Não sabia como começar.

Fui convidada a dar aula na faculdade Santo Agostinho, no curso de história, prestei serviço por uns dois anos, em seguida fui coordenadora pedagógica da Escola Técnica Egídio José da Silva. Boas experiências! Depois contratada da rede municipal de Eunápolis e então, achei o meu lugar, na educação escolar indígena. São como novas e pungentes as fotos mentais que carrego do início do meu trabalho na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Eu havia trabalhado o ano anterior como professora do Colégio Frei Henrique, em Regime Especial de Direito Administrativo – REDA, onde tive contato com os meus primeiros alunos indígenas: Katunaú, Kamymy, Jocimara... muito me cativou, gerando em mim a vontade de atuar como professora na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Foi em 2008 que iniciei minhas atividades pedagógicas, era uma tarde de verão e eu me lembro que inspirei bem fundo ao entrar naquela secretaria e procurar o diretor para oferecer os meus serviços como professora àquela instituição. Ademário Braz Bonfim, o gestor, que, com o cenho fechado e bem sisudo, como é o seu feitio, disse-me: aqui só falta professor de Inglês, a senhora dá aula de inglês? Eu tenho conhecimentos na área, respondi. E a Senhora já deu aula de inglês em algum lugar?

Já fiz cursos e gostaria de tentar se fosse possível – disse abafando aquela vozinha que teimava em me lembrar o quanto eu não me identificava com a gramática da língua inglesa e lançando mão àquela lembrança de quão elogiada eu era quando o assunto era a pronúncia. Então tá bom, vê aí com as meninas da secretaria o que é que precisa para contratar a senhora. Eita que alegria, que vitória, pulos de satisfação dançavam na minha mente.

Foi ali, naquele espaço de chão adornado com ocas amarelas e um pavilhão destoando do conjunto que se deu o encontro de mim com uma parte do meu passado. Aquelas feições, aqueles cabelos, comportamentos, palavras, saberes... tudo me remetia a algumas tias, tios, meus avós paternos... os vi ali. Me vi ali. São como eles, sim, são como os meus familiares cujo contato foi tão escasso ao longo da vida e ao mesmo tempo tão intenso, que se tornaram inconfundíveis para mim. Sim. Lucinha, aquela tia conhecida como Índia, Carlinhos, sim meu tio com cara de curumim. Eles estão aqui.

Meu pai, a bebida, seu comportamento... Pai de onde vieram seus pais? O senhor já morou em aldeia? Como foi sua infância? O senhor é índio? - Agente é de lá das bandas de Almenara pra lá. - E quando o senhor era criança, morava onde? Ah! nós moramo num bucado de lugá. - E em aldeia? - Em aldeia não, agente morou foi em caverna. Quando eu era mininu ainda, bem pequenim ainda, eu lembro que agente tava correno das terra da gente e nós ficamo iscundido durante muito tempo na caverna. Os fazendeiro era ruim com a gente, só tinha esse que deixô a gente ficar nas terra dele. - Pai será que o senhor não é índio? Cara a gente tem né? Uma doce risada com aquele dente de ouro à mostra ecoou no ar. Eu num lembro não de ter parente assim índio não. Tem aldeia perto de onde o senhor morava? Num sei não. - Se eu pesquisar e encontrar aldeias por lá o senhor vai lá comigo vê se o Senhor tem algum parente lá? - Vamo sim. Vai sê bom né? E a viagem, sem sucesso e turbulenta – meu pai deu crises de abstinência alcóolica e um desarranjo intestinal inexplicável - , foi das primeiras e poucas tentativas de encontrar algum familiar aldeiado. Perguntas aos familiares, originavam respostas das mais diversas, a maioria delas, alertando para a má fama do caráter do ser indígena. E quem quer ser índio minina? disse uma das minhas tias, e essa raça presta? Olha cê cuidado ein? Cuidado porque essa indiada aí é tudo raça ruim viu? Ao dizer para uma tia avó materna: - Ô tia, mas a senhora tem cara de índia. Não esperava tamanha exasperação. - É o que minina?!

Batendo em sua própria face gritava: culpa de mamãe que foi se enrabixar com um cara de gamela.

Tantas foram as outras reprovações ao meu interesse pelo veio indígena da família que achei por bem, me acomodar. O câncer de boca que se alastrou pela garganta e esôfago vitimou meu pai, ele faleceu pouco depois da nossa aventura. Já tinham dormido, meus avós e vários tios e tias, sempre do mesmo mal, em áreas do corpo diferentes, pâncreas, fígado, estômago, cérebro... mas sempre o mesmo diagnóstico.

Após conhecer pessoalmente o povo Maxakali, em especial as mulheres, não tive dúvidas, aquela era a minha raiz... aquele era o povo ao qual eu pertencia... - Era assim mesmo mãe, lá tinha um monte de tia Lucinha, lembra daquele vestido laranja de tia Lucinha? Eu não! - Aquele mãe de alcinha, o cabelo, o rosto comprido, o jeito, tudo igual mãe! Meu pai é descendente Maxakali. Tenho certeza. Deve ter acontecido algo como o fogo de 51 por lá e foi por isso que meu pai disse que viveu numa caverna quando era criança. - Vem pra cá! Não lembro nada disso! Você tá vendo isso porque tá querendo ser índia também igual a seus aluno. Cê gosta daquele povo né?

É horrível quando o seu olhar, apesar de real, é solitário e rechaçado. Mas, nada disso me impediu de sentir que o sangue indígena Maxakali correr pelas minhas veias. O que isso significa de verdade, eu não sei, é um misto de alegria, tristeza, sentimento de injustiça... Nesse momento todas aquelas diferenças construídas entre o meu pai e eu, tomaram uma dimensão maior. Ao cogitar que ele poderia ter desenvolvido aquele comportamento beberrão, fumante, com dificuldades em assumir as responsabilidades familiares, em função de um possível trauma infantil, me fez perdoá-lo. Nem tudo é trauma, sem dúvida. Mas foi a explicação que encontrei para tamanha contradição entre pensamento, vontade e atitude numa só pessoa. Assim como a certeza de que muitas das dificuldades psicológicas individuais e de convivência familiar são geradas anos antes, às vezes gerações antes, reflexo de políticas sócio-econômicas do País e do mundo.

Todo esse contexto histórico pessoal determinou a minha atuação profissional, era mais que um emprego, mais que um trabalho, mais que uma ocupação, era um encontro de amor, restauração, com frutos. Conseguia imaginar que a aceitação da Língua Inglesa não se daria de forma tão fácil como gostaria, mas, passada mais de uma década, colho os frutos de ser aquilo que sempre sonhei, uma professora que

vive a diferença, que sofre hoje, na sua pardidez, parditude e pardição, sofre, todas as riquezas do ser diferente e todos os desafios de amar o diferente. Surge oportunidade de mestrado. Que beleza! E as amigas? Hoje outras colegas! – Vai tentar Lú? – Qual é mesmo curso? Ensino para as Relações Étnicos Raciais. – Como não? Poucas chances, mas muito empenho. Aqui estou eu! As amigas, aquelas da graduação: Êh Cléa agora você vai ajudar a gente né? Manda pra gente aí as informações das próximas turmas. Virei professora? Não! O bom aluno de repente aprende, seja na posição docente ou discente.

Figura 1 – Minha família.



Fonte: Arquivo pessoal

Fascina-me de forma angustiosa, a revisão de minha própria trajetória de vida, alegra-me a possibilidade de ser-estar na comunidade da qual recebi informações genéticas incontestáveis, como a nação indígena. Muito fica, no entanto, por ser dito, uma vez que devo muito ao veio africano da minha personalidade, se assim o posso dizer. Minha bizavó Gildete, que viveu até os 104 anos, bem vividos, tinha imagem de uma “Creinha” fruto do branqueamento familiar tão ansiado por ela. “Graças a Deus, nossa família tá embranquiceno” dizia ela com todo orgulho, numa demonstração simples de ojeriza por todo o sofrimento pelo qual havia passado enquanto mulher

preta.

Tudo isso me coloca como ser de posição cultural fronteira. Mas, nunca em posição de inoperância. Eu sou um ser humano forjado na e para a luta. Luta pela sobrevivência, luta pela existência, pela re-existência e ressignificação não apenas da minha vida, mas, da vida de todos e todas que são interseccionados pelas mazelas oriundas da colonização nas suas mais diversas facetas. Desta forma, me questiono: porquê Pero Vaz de Caminha se referiu ao indígena como pardo e hoje, o declarante pardo deve ser considerado de raiz africana? Morte ao indígena é o que declaram com suas leis e atitudes. Mas o ressurgir está em no destino de quem luta no e para um coletivo. Por isso, elejo como tema de todas as minhas escritas, reflexões e práticas, a tônica decolonial, o discurso-vida flagrante do mundo opressor que permeia a sociedade afro-indígena e da violência que lhe é sobreposta dia após dia.



1 PESQUISA PRÉVIA

1.1 Ihábnká de Conversation – Início de Conversa

Dada a devida apresentação da autoria no capítulo anterior, através do seu histórico de vida, adentra-se a essa altura, no contexto da atuação profissional desta, no local de aplicação do produto final da pesquisa, bem como a apresentação fundamentada do que se pensou para o estudo.

A convivência ao longo de mais de dez anos na ministração de aulas na aldeia e especificamente, na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, faz perceptível à autoria que as dificuldades do ser índio em meio à vida urbana modificaram, inclusive, sua dieta alimentar, antes, “baseada na farinha de mandioca, peixes e/ou crustáceos e moluscos.” (CARVALHO; MIRANDA, 2013). Ver o aluno chegar na sala de aula consumindo um pacote de “salgadinho” e um refrigerante em substituição à uma refeição, como o café da manhã, é sentido como um retrato gritante dos efeitos do colonialismo global na comunidade.

Ao se intencionar a valorização do uso da Língua Estrangeira Moderna como meio de acesso a questões socioculturais relevantes, mergulha-se nessa temática cujos textos adotados são de autores decolonias e que, o resultado da leitura destes, ao compor a cartilha, produto final, e mais especificamente, na aplicação desta, proporcionará compulsoriamente uma ação pedagógica mediadora de intercâmbio “bibliográfico”, entre as culturas Quéchua, Navajo, Guaraní e Pataxó, posto que traz a realidade dessas quatro etnias.

Quiçá, incentivando a retomada de práticas que lhes dão ou davam uma provável soberania alimentar sustentável, caso lhes pareça pertinente; entendendo como Soberania Alimentar “o direito de cada nação a manter e desenvolver os seus alimentos, tendo em conta a diversidade cultural e produtiva” (VIVAS, 2017, p. 3), e como segurança alimentar, a letra da Lei Orgânica de Segurança Alimentar Nacional 11.346 de 15 de Setembro de 2006:

A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares

promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (BRASIL, 2006).

É possível também que o estudo venha fomentar deliberações coletivas, sobre as possibilidades para o povo Pataxó do Litoral Sul da Bahia, a partir do conteúdo das aulas de Língua Inglesa. Expor-se-ão, naturalmente, opções de aproximação dos alunos com culturas e saberes de outros povos nativos ao se valorizar seus conhecimentos no favorecimento do ensino da Língua Estrangeira Moderna, amparada pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 124): “A aprendizagem de línguas estrangeiras, por outro lado, quando desejada ou vista como necessária, é um direito das populações indígenas.”

O indígena e o meio ambiente, são indissociáveis, no entanto, em meio à realidade do crescimento do número de aldeias urbanas em função da dinâmica de territorialização, desterritorialização e reterritorialização imposto desde o contato com os primeiros colonizadores, pode-se dizer que hoje, ingenuamente se “vende” a ideia de que todo indígena seja a priori um sujeito dotado de um senso de proteção da natureza, do meio ambiente e com isso um autoprodutor de atividades sustentáveis.

A maior aldeia urbana do país perdeu muito das suas características iniciais. O Conjunto Habitacional Marçal de Souza inaugurado em 1995, com 135 ocas de alvenaria mais parece um bairro como outro qualquer de Campo Grande (COUTO, 2019).

Respeitando o direito da pessoa indígena de agir e interagir em ambientes que bem lhe aprouver, uma vez que este goza de direitos e deveres que garantem sua idoneidade, não querendo de forma alguma relegar a figura indígena à mata, cabe ressaltar que, dada a forma violenta como a colonização rechaçou o ser indígena, “a mesma pessoa pode se considerar indígena em alguns contextos, e não em outros, ou apelar a outras identidades genéricas [...] em situações de contato interétnico, como caboclo, índio civilizado, descendente indígena” (BAINES, 2004).

No contexto urbano, o indígena se vê muitas vezes, levado a adotar não apenas identidades genéricas, como também atitudes colonialistas, práticas aprendidas dos algozes da sua história. Isso é retratado frente à realidade de que a maior aldeia urbana na Bahia, Coroa Vermelha, sente o impacto ambiental

semelhante ao denunciado por Gabriela Couto, no Mato Grosso do Sul; considere-se a denúncia, registrada em matéria virtual:

Processo de favelização de Coroa Vermelha preocupa autoridades e moradores e está motivando a criação de um conselho para administrar o local onde foi rezada a primeira missa no Brasil. [...] Muitos deles abandonaram as lojas do centro comercial para montar suas barracas nas calçadas, ou na Praça do Cruzeiro, mais perto do fluxo turístico. Outros, em busca de moradia, construíram barracas e casas de forma desordenada, nas margens do Rio Mutary (COROA, 2003).

Importante ressaltar a frase: “mais perto do fluxo turístico”, pode-se ler, com mais probabilidade de venda, de ganho, com maior garantia de ganho para a sua subsistência, uma vez que é do turismo a sua principal renda.

Nota-se nas imagens abaixo, o antes e o depois do maior símbolo da invasão das terras brasileiras pelas naus lusas. A cruz da celebração da primeira missa no País. Antes, circundada pela vista estonteante do mar, hoje, ladeada de barracas de artesanatos e especiarias diversas, procuradas pelos turistas.

Disponibilizadas por muitos que necessitam garantir comida à sua família. Apostando de forma desesperada, na produção e mais ainda, no comércio de artesanato como meio de garantia de aquisição de alimentos que muitas vezes, ferem seu direito à segurança alimentar.

Figura 2 – Cruz no local da celebração da primeira missa no Brasil, em Coroa Vermelha, antes (A) e depois (B).

(A)



(B)



Fonte: BARRETO, 2008 (A); MONUMENTO, 2021 (B)

Sendo possível que, este, de posse do dinheiro ganho em seus empreendimentos, tenha dificuldade de acesso a alimentos sem agrotóxico, ou que a dinâmica da venda do artesanato, a exposição ao sol escaldante durante todo o dia, tire do indígena a disposição de preparar um alimento de forma mais saudável.

Nesse cenário, a escola torna-se um dos mais influentes meios de formação de opinião e promoção de discussões acerca da necessidade de se pensar sustentavelmente, uma via, não só difusão de conhecimentos voltados para a sustentabilidade.

Que sustentabilidade e segurança alimentar nossa atuação tem proporcionado? Se o turista se desencanta com o cenário que a minha aldeia apresenta, logo ele procurará outros atrativos, no mínimo seu tempo de permanência, passa a ser menor, com isso, menor renda, menor segurança alimentar.

Seria necessária a descoberta de que é preciso ou necessário também adotar/preservar práticas de plantio e cultivo, nos espaços hoje disponíveis para que se não perca de vista a liberdade cultural e legal de plantar e colher o próprio sustento ou parte dele?

Fatalmente será desencadeada um ciclo reflexivo com fins de responder à questão: em que pese ao desrespeito aos direitos indígenas como atitude recorrente na história política nacional brasileira, que ações desenvolver para garantir a segurança e soberania alimentar na aldeia indígena Coroa Vermelha?

Sendo assim, o presente projeto visa tornar-se um pequeno auxílio no preenchimento dessa lacuna. Pois, tratar dessa temática a partir do ensino de Língua Inglesa é ainda um terreno pouquíssimo explorado.

Por isso, acredita-se que, a partir do trabalho com o aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), alcançar-se-à um público alvo, que melhor pode promover a multiplicação do conhecimento envolvido, em suas devidas salas de aula, ecoando em toda a aldeia, oxalá, abrindo as possibilidades para futuros empreendedores de possíveis práticas agropecuárias e reaprendizagens de re(e)xistência em novas configurações sócio-econômicas, reaprendendo com os antepassados e/ou adotando práticas atualmente possíveis a uma sobrevivência menos colonizada.

Existem duas Escolas Indígenas de Ensino da Educação de Jovens e Adultos – EJA, em Santa Cruz Cabralia: Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (EIPCV) e Escola Indígena Pataxó Mata Medonha (EIPMM). Houve atuação da autoria nas duas,

sendo que, na segunda, por apenas um ano. São três as línguas contempladas pelo currículo destas escolas: Patxohã – Língua Pataxó, Língua Portuguesa, e Língua Inglesa.

Considera-se que, **era**, inicialmente, o objeto real de busca bibliográfica e compreensão dessa pesquisa, *o uso, desuso ou abuso de Sementes Crioulas, Insetos e Plantas Alimentares Não Convencionais² (PANCs), na dieta alimentar dos povos Navajo, Quéchuas e Guarani*, com fins de confecção de uma cartilha trilingue contendo uma sequência didática de oito aulas, a serem aplicadas a alunos do ensino médio do Colégio Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Em face da COVID-19, o público-alvo **pensou-se em eleger** os professores indígenas que ministram aulas de língua inglesa na Educação de Jovens e Adultos, nas Escolas Indígenas Pataxó da cidade de Santa Cruz Cabralia – BA. Através de minicurso virtual, utilizando tecnologia remota e *on-line*, em encontros síncronos e assíncronos. Por fim **passou a ser** os alunos da EJA dos anos 7/8 dos turnos vespertino e noturno da EIPCV, em Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabralia, no modo híbrido - remoto e presencial.

Ansiando respeitar o caráter comunitário das práticas da aldeia, em que, cada agente escolar é um educador e por isso co-participante da construção do aprendizado dos alunos, decidiu-se perceber qual o nível de domínio conceitual dos servidores da instituição em relação à temática Soberania e Segurança Alimentar. Utilizando-se de um questionário, aplicado em um dos momentos da Jornada Pedagógica de 2020.

O resultado tornou evidente que, saber fazer é diferente de dominar as nomenclaturas das práticas que se adotam cotidianamente, ou seja, mesmo os agentes que habitam nas glebas e preservam a forma originária de plantio e colheita, afirmaram não conhecer as terminologias apresentadas, o vocabulário, os léxicos Soberania e Segurança Alimentar, se mostraram desconhecidos, logo, a necessidade de se explicitar as implicações e consistências temáticas junto ao corpo escolar.

Diante dessa realidade, considerou-se ser de maior aproveitamento e impacto sócio-cultural, que o objeto final, enfatizasse o aprendizado acerca dessas temáticas de forma interativa, o que tornou uma cartilha com textos informativos leves e questões para pesquisa a melhor opção de produto final.

² Terminologia da Sociedade Científica atual.

1.2 Ensino para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na educação de jovens e adultos indígenas

Retratar a pesquisa de uma professora de identidade fronteiriça, que intenciona construir uma cartilha abordando a segurança e a soberania alimentar indígena nas américas, tendo como público-alvo os alunos da EJA numa escola municipal indígena, cravada em uma aldeia urbana com um dos maiores pontos turísticos do País é debruçar-se sobre a prática do ensino para as relações étnico raciais onde ela efetivamente tem se dado, bojo de relações inter-étnicas, como em poucos espaços conhecidos.

Lugar comum é o enunciado: “a pobreza tem cor” referindo-se a negritude. De fato, em leituras de pesquisas de ampla divulgação³, a maioria das pessoas que se consagram no campo científico pertencem à classe média alta, são brancas, oriundas de escolas particulares no ensino fundamental e médio, frequentam as instituições públicas, e boa parte delas, nelas atuam, consagrando teorias eurocêntricas, colonialistas; no entanto, essa polarização branquitude x negritude, demonstra quão invisibilizados estão os povos originários. Afinal, o indígena sofre preconceito, discriminação ou racismo? Eis uma questão fundante! Consideremos a interpretação de Krenak (2019):

As relações do Estado brasileiro com os povos indígenas são profundamente influenciadas por uma histórica relação de genocídio, de extermínio, e uma expectativa hipócrita de que os que sobrevivessem seriam mantidos em reservas cercadas por agronegócio, reservas sempre prestes a serem invadidas por garimpeiros, por fazendeiros, e descritas até por alguns presidentes da FUNAI como ‘não produtivas’, como contrárias aos interesses da sociedade brasileira. É uma relação de desigualdade, de segregação que penaliza os povos indígenas de uma maneira tão disfarçada que parece um benefício. Assim como o Brasil consegue ter, na visão de alguns, a experiência do racismo cordial, ele também consegue produzir um outro fenômeno que é o benefício racista, que é quando você, a pretexto de proteger alguém, de preservar algum direito, na verdade segrega e controla. O racismo, ele se disfarça o tempo todo (KRENAK, 2019, p. 2171).

³ Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA).

Depreende-se da fala do autor, que o indígena sofre sim o racismo, e ainda que este o solapa desde o seu primeiro encontro com o europeu, no entanto, vive-se, pelo menos, legalmente falando, uma realidade mais favorável nas primeiras décadas do século XXI, fruto de muita luta e embates até, na busca pela igualdade de direitos.

Comemorar a promulgação da Lei nº 11.645, que altera a LDBEN modificada pela Lei nº 10.639/2003 e acrescenta a obrigatoriedade do ensino da cultura e história indígena como conteúdo da educação básica, requer a lembrança e valorização das conquistas e avanços legais no que tange ao ensino para as relações étnico raciais, especificamente aos que concernem à categoria indígena.

Segundo Santos (2010), essas leis começaram a ser evidenciadas, nas últimas décadas. Inclui-se os Movimentos Sociais nos anos de 1970, o Movimento Operário do novo sindicalismo e a assinatura da Lei 6.001 do Estatuto do Índio.

O surgimento das escolas bilíngues, a retomada da questão de demarcação das terras indígenas, bem como os Movimentos Negros contra a discriminação racial, em 1978, e as campanhas populares que impõem o fim do regime militar no Brasil, em 1985, culminando na promulgação da Constituição Federal de 1988, instituindo um Estado democrático e assegurando, aos homens e mulheres, relevante recompensa com o reconhecimento da diversidade étnica, cultural, religiosa, etária e de orientação sexual, são eventos fundantes dessa conquista.

A promulgação da Lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que define e regulamenta o sistema de educação brasileiro, com base nos princípios da Constituição de 1988, cujo texto do art.º 3, o inciso X “Consideração com a diversidade étnico-racial” foi acrescido pela Lei 12.796, de 4/4/2013 é um marco, complementado pela consolidação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Indígena de 2008.

Na última década, as conquistas são significativas e objetivam assegurar o respeito à diversidade, ao direito humano de ser diferente e não ser tratado como desigual – desigualdade que representa discriminação e inferioridade nas relações de poder. A publicação destas leis visa a garantir os direitos sociais destes grupos específicos e possibilita a implantação de políticas públicas para garantir-lhes uma vida digna, numa sociedade mais humana e mais justa, preceitos da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (DECLARAÇÃO, 1990).

Como a publicação das leis por si só não garante o seu usufruto, é necessária a criação de políticas públicas que garantam a sua efetivação e cumprimento dos objetivos da promoção da justiça social.

As políticas públicas organizam programas e ações à fim de permitir o “acesso ao conhecimento e à aprendizagem para diversas camadas sociais, alijadas historicamente desse direito” (FARENZENA; ROSSI; MAFASSIOLI, 2013 apud ALBUQUERQUE, 2014).

As também chamadas de ações afirmativas, respondem ao anseio de grupos minorizados, como é o caso da Lei de cotas que prevê a reserva de cotas para negros, pardos e indígenas, para o ingresso nas universidades federais e instituições de ensino técnico de nível médio - Lei nº 12.711/2012. Bem como a instituição do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (SINAPIR) pela Lei nº 12.288. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) também se apresenta como uma conquista política, regulamentada na 9394/96. Muito embora, a ação educativa inicial do País, instituída pelos jesuítas desde o início da colonização, teve os indígenas adultos como primeiro público alvo.

No período colonial os religiosos exerciam sua ação educativa missionária em Escolarização de jovens e adultos grande parte com adultos. Além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Chegando ao século XXI, composta por sujeitos excluídos social, econômica e educacionalmente:

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sua História muito mais tensa do que a História da Educação Básica. Nela se cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos (ARROYO, 2008, p. 221).

É um horizonte cruel, retrato de luta e resistência constante. De todas as modalidades de educação, a EJA é a que melhor retrata as relações subalternizantes no emaranhado da teia social, sendo ainda mais alijados os sujeitos indígenas, uma

vez que a existência e quantidade de autores ativistas negros na defesa de políticas públicas que atendam às especificidades de sua comunidade é infinitamente maior, não sendo citado o indígena, quando se elenca as populações frequentantes da EJA, como no excerto acima.

A EJA indígena tem ou deveria ter especificidades cuja evidência, denota(sse) a importância de se fomentar o discurso acerca das suas necessidades. Como atuante dessa modalidade há mais de uma década, testemunho especificamente do que tenho participado; a comunidade Pataxó Coroa Vermelha tem sido persistente e atuante para manter a EJA em funcionamento.

Além de ter um estreito relacionamento com os parentes alunos – os professores fazem visitas às casas, a fim de avisá-los pessoalmente quando da abertura das matrículas, para incentivar– já empreendeu inúmeros esforços para torná-la mais efetiva e eficiente, não apenas no que tange ao cunho metodológico ou pedagógico como também no âmbito da legislação, em que tem sido discutida com representantes da educação municipal, a possibilidade de instaurar a EJA em regime semestral, com fins de combater a evasão, tão frequente; embora ainda sem êxito.

Santa Cruz Cabrália é um dos poucos municípios baianos que dispõe de coordenação pedagógica municipal específica para a EJA, um trabalho que tem incentivado e promovido a aplicação prática das nuances específicas da EJA indígena.

Conhecimentos e saberes durante a prática da EJA indígena são trocados e efetivados numa dinâmica contínua.

Ao atuar na EJA indígena, os professores constroem diversos conhecimentos oriundos de sua prática pedagógica. Esses saberes adquiridos, vão sendo reelaborados para dar conta das especificidades e da necessidade de aprendizagem do público da EJA indígena. Identificamos ainda, que a construção dos saberes desses professores, ocorre em diversos momentos, espaços e tempo da sua trajetória docente. Tanto pode acontecer em espaços formais como informais, uma vez que é fruto do contato com colegas de profissão, coordenação pedagógica, anciões (idosos das aldeias), educandos; por fim, no meio onde atuam (SILVA, 2017, p. 8).

A EJA indígena específica, diferenciada, multilíngue, comunitária e de qualidade é uma demanda antiga de contingências atuais, como a juvenilização da

EJA, que denunciam a ineficácia do sistema educacional público brasileiro, posto que temos em nossa pátria, cerca de 11 milhões de analfabetos (BRASIL, 2020) e 53,% da população acima de 25 anos não concluiu a educação básica; o que excede e rasura todas as metas esperanças nos frutos das lutas empreendidas, desde a Constituição à BNCC, a despeito da 10.639/03 e da 11.645/08, fator que torna todo empreendimento que vise o combate a esse fenômeno, digno de apoio e colaboração.

1.3 Caracterização da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha⁴

Figura 3 – Alzira Pataxó, primeira professora indígena da aldeia, e seus alunos.



Fonte: Arquivo pessoal de Mayhã – Alzira Ferreira.

Para melhor entendimento do contexto em que deve se dar a presente pesquisa, que tem como público-alvo os alunos da EJA – 7/8 anos vespertino e noturno - da EIPCV, apresenta-se então as características físicas e administrativas do espaço escolar envolvido. A Escola indígena Pataxó (EIPCV) pertence a um conjunto cultural Pataxó, composto por Posto de Saúde conquistado com grande luta. Nasceu da necessidade da comunidade através do trabalho de alfabetização utilizando a areia

⁴ Realidade Pré-Pandêmica

como caderno e o graveto como lápis, assim conta tia Alzira Pataxó, a primeira professora indígena da aldeia.

Situada à margem da BR 367, KM 06, em Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália – Bahia, desde o ano 2000, já passou por duas ampliações de emergência que, infelizmente, desconfiguraram parte de seu padrão arquitetônico e hoje se tornou uma escola com grande, embora, não ideal, estrutura física: são 18 salas de aulas, uma biblioteca improvisada, 06 banheiros, 01 cozinha, 01 secretaria / diretoria, 01 centro de convívio, 01 quadra esportiva coberta, 01 sala improvisada de AEE (Atendimento Educacional Especializado), e uma sala de coordenação que também é improvisada, antes, sala de atendimento de cidadania digital, desativada por falta de manutenção.

Já se multiplicou em 04 extensões: 1- Agricultura com uma sala de aula multiseriada; 2- Aroeira também duas salas de aula multiseriada; 3- Nova Coroa uma sala de Educação Infantil; 4- Txihi kamaywrá com uma sala de EJA (Educação de Jovens e Adultos) de 1ª a 4ª série.

Organizada por regime político interno, coletivo, seu Projeto Político Pedagógico (PPP) é orientado pela Resolução CEB nº. 3, de 10 de novembro de 1999, que fixa as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e outras providências. É América César que nos dá um vislumbre da dimensão dessa conquista:

O movimento em direção a uma maior autonomia político-pedagógica da escola indígena, desenvolvido principalmente pelo grupo de professores indígenas locais, beneficia-se das discussões em pauta, numa época especialmente conturbada em Coroa Vermelha. A gestão da escola indígena e a implantação do seu projeto político-pedagógico 184 Lições de Abril estabelecem-se, porém, num complicado jogo de forças políticas. De um lado, há a tensão entre o poder municipal local e as outras esferas do governo federal e estadual, como o MEC e a Secretaria de Educação, na disputa pelo controle da escola indígena; e, internamente, a comunidade escolar indígena e as lideranças estabelecidas revelam dissensões na interlocução com o poder local (CÉSAR, 2011, p. 184).

Participante desde o início das lutas da comunidade. Conquistou-se a direção própria, específica, estabelecida por eleição a cada dois anos, sempre na segunda

semana de dezembro, com direito a reeleição, voto aberto da comunidade escolar, representantes de Pais e lideranças. Exercendo dedicação exclusiva e obedecendo aos seguintes critérios: ser professor ou fazer parte da comunidade escolar a mais de três anos na escola; ter uma noção básica de gestão escolar; ser responsável, dedicado, participante das atividades culturais da escola e comunidade, ter boas relações pessoais e interpessoais com a comunidade escolar. Podendo exercer o seu mandato por dois anos, com direito a reeleição. Assim como, se aplica para vice-direção e coordenação. Regido por uma direção, vice direção, secretaria geral, auxiliares administrativos, professores, pais, Lideranças e conselhos escolares, com efetiva participação.

São 121 funcionários, apenas um sem reconhecimento indígena (professora de inglês, autora desse trabalho, mas com reconhecimento de vivência na aldeia como os demais parentes, conforme carta anexa), 01 diretor, 02 vice-diretoras, 02 coordenadoras, 35 professores, 02 secretárias, 02 agentes administrativos escolares, 06 professores auxiliares, 02 vigias, 03 merendeiras, 11 auxiliares de serviços gerais e atualmente atende aproximadamente mais de 1050 alunos, em três turnos, matutino e vespertino, Educação Infantil, séries iniciais e séries finais. Noturno com a modalidade da EJA de 1ª a 8ª série.

Quanto ao quadro de professores, 97% já estão com a formação superior iniciada. E uma média de 80% deles, já concluíram o ensino superior em licenciatura indígena. 20% dos professores, estão cursando Licenciatura Intercultural nas Instituições, Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e Instituto Federal da Bahia (IFBA). Entendendo-se a capacitação profissional como importante Instrumento na construção da qualidade profissional e esforço do corpo docente para efetivarmos uma Educação Específica Diferenciada e de Qualidade.



Figura 4 – Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (área externa).



Fonte: BOMFIM (2020).

Figura 5 – Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (área interna).



Fonte: BOMFIM (2020)

Figura 6 – Vista aérea da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.



Fonte: Arquivo da EIPCV

Figura 7 – Vista aérea (de outro ângulo) da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.



Fonte: Arquivo da EIPCV

A prática da educação escolar comunitária, intercultural, diferenciada e multilíngue, tem atendido aos interesses e princípios étnicos da comunidade e auxiliado diretamente na formação de líderes comprometidos com os ideais da comunidade e dos povos originários em geral, fruto de um trabalho coletivo na realização de projetos, que garantem aos alunos um melhor ensinamento na preparação da formação de cidadãos ativos, conhecedores dos seus direitos e deveres, capazes de opinar e agir de forma crítica respeitando as múltiplas diferenças encontradas na sociedade indígena e não indígena, como autoestima e orgulho da sua identidade cultural Pataxó.

1.4 Breve histórico do ensino de Língua Inglesa no Brasil

Pesquisar e escrever sobre possibilidades para o ensino da Língua Inglesa, requer, uma abordagem, ainda que breve, de como se deu efetivamente, a adoção dessa prática no contexto nacional. A Tabela 1 elucida uma linha do tempo a respeito do ensino de língua inglesa no Brasil, de acordo com Lima (2017).

Tabela 1 – Linha do tempo do ensino da Língua Inglesa no Brasil (continua).

ANO	EVENTO
1808	D. João VI fugiu de Portugal e veio parar nas bandas de cá. Os ingleses escoltaram os navios da coroa portuguesa até o Brasil (que na época era Brazil mesmo) e com isso conquistaram o direito de fazer negócios na colônia.
1809	D. João VI assinou um decreto determinando que fossem criadas no sistema educacional brasileiro as cadeiras de ensino de francês e inglês. Até então Latim e Grego eram ensinados nas escolas. O primeiro professor de inglês – <i>oficialmente nomeado pela Coroa</i> – foi o padre irlandês Jean Joyce
1930	Missionários que para cá vieram com o objetivo de conquistar fiéis para suas crenças. Para se comunicar com a turma, todo mundo tinha de se virar nos 30. Conseqüentemente, o ensino de inglês prosperava, mas, a língua inglesa não foi a língua de prestígio durante muito tempo por aqui.

Tabela 1 – Linha do tempo do ensino da Língua Inglesa no Brasil (conclusão).

ANO	EVENTO
1931	Na eminência da Segunda Guerra Mundial, o Príncipe de Gales, Edward, fez uma visitinha por aqui para estreitar ainda mais as relações entre Reino Unido e Brasil. Mas, o poderio econômico americano já vinha crescendo e os brasileiros já faziam muitos negócios com os estadunidenses. uma reforma no currículo passou a privilegiar o inglês. A carga horária do ensino de Latim foi reduzida e as línguas modernas – <i>francês e inglês</i> – ganharam mais horas. Devido a questões políticas, econômicas e comerciais, o inglês passou a receber mais atenção. Isso tanto no ensino público quanto no privado. Chamada Reforma Francisco de Campos, criando o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública pelo decreto nº. 19.402 de 14 de novembro de 1930 e Francisco Campos, renomado educador de Minas Gerais, assumia como primeiro titular no dia 18 de novembro
1931	daquele mesmo ano. Como ministro, Francisco de Campos reformou toda a estrutura do ensino brasileiro, estabeleciam, oficialmente pela primeira vez, a adoção do “método direto intuitivo”, o qual consistia, entre outros atributos, em ensinar a língua estrangeira na própria língua estrangeira.
1935	A Escola Paulista de Letras Inglesas fechou uma parceria com o Consulado Britânico e mudou seu nome para Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.
1938	Um cidadão – <i>médico</i> – de nome Domingos de Machado, em parceria com o Consulado Americano, fundou o Instituto Universitário Brasil-Estados Unidos, cujo nome foi logo mudado para União Cultural Brasil-Estados Unidos.
1942	Reforma Capanema. Em 9 de abril de 1942 foi promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário, mediante o decreto lei nº. 4244. De acordo com Chagas (1957), no ginásio incluíram-se como disciplinas obrigatórias, o latim, o francês, e o inglês (as duas primeiras com quatro e a última com três anos de aprendizado) e no colegial o francês, o inglês e o espanhol (o primeiro com um ano e os outros com dois anos), bem como o latim e o grego, ambos com três anos no curso clássico.
1961	A publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação não incluem as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Isso significou um retrocesso para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil.
1990	Yázigi e CCAA configuram como as mais antigas. Wizard e Wise Up se consolidam no mercado nacional.

Fonte: LIMA, 2017

Importante observar que “as LDBs de 1961 e 1971 não incluem as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Isso significou um retrocesso para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. A LDB de 1996 muda esse contexto” (ROSSATO, 2012, p. 590). Dado toda essa contextualização, há que se valorizar o ensino da Língua Inglesa no Brasil, considerando que “a importância do inglês no mundo

contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômica, não deixa dúvida sobre a necessidade de aprendê-lo.” (BRASIL, 1998, p. 50).

Oportuno salientar que a obrigatoriedade do ensino, não vem seguida do oferecimento de condições adequadas às situações de aprendizagem, algumas dificuldades pelas quais passam os professores dessa disciplina “salas numerosas, poucas aulas de língua estrangeira por semana, falta de material didático básico, descrença no ensino de línguas por parte de alunos, dos pais, dos colegas e da direção da escola” (LOPES, 1996 apud PERIN, 2008), para não citar entraves mais específicos da EREER em EJA indígena, na qual a LI tem apenas uma aula na carga horaria, para dividir com a língua materna da aldeia - no caso dos Pataxó, o Patxohã - que, por não ser parte da temática desse trabalho, suprime-se informações mais expositivas acerca desse fenômeno.

Freitas e Silva (2000) vêm ao encontro da necessidade de minimização dos entraves ao sucesso do ensino de língua estrangeira, apontando uma possível via.

Quebrar falsos mitos e ideologias preconceituosas sobre o processo ensino-aprendizagem de línguas, criados ao longo de décadas, não é tarefa fácil, o que não significa dizer que seja impossível, diz Moita Lopes em *Eles não aprendem Português quanto mais Inglês*. E é dentro desse panorama de desafio que o autor "conclama" os colegas lingüistas aplicados da área de ensino de línguas a subverter a ordem e "voltar seu foco de ação para a educação em LE das classes subalternas" (p.77), ao invés de concentrar suas pesquisas em tópicos relacionados com a educação das classes dominantes (FREITAS; SILVA, 2000, p. 3).

Contextualizando a afirmativa das autoras, com os objetivos dessa pesquisa, pode-se depreender que o indígena, que nunca se subalternizou, pode e deve falar, na língua que ele decidir querer se pronunciar.



1.5 Memória histórica das aulas de inglês na EIPCV da última década

Como é dar aula de inglês na Escola Indígena? O que tem de diferente das demais escolas? Sou tão curiosa para saber isso? São algumas das questões com as quais eu me deparo, feitas por pessoas que se assustam ao me ver afirmar minha ascendência indígena. Soa como um tiro a frase; “Sou indígena”. Ficando claro no meu entendimento, que não se trata de uma rechaça a aspectos físicos, se não aos comportamentais e intelectuais, dadas as frases que seguem, algo como: Mas, você é tão delicada, inteligente... Estereótipos...

Conviver e estabelecer uma relação de troca com a comunidade escolar indígena, requer uma dose muito grande de aceitação de ambas as partes. Não basta ser simpatizante, é necessário ser amante do povo e de sua causa, é necessário ser intimamente um indígena. A pardidez que me assola me interseccionando, traz consigo uma parididão que me conecta ancestralmente com meus antepassados também indígenas, como já dito. O que denuncia uma ineficiência na nomenclatura “Parda” estabelecida pelos agentes governamentais que se encarregam de classificar gente, o que exige de mim uma pariditude.

As especificidades da Educação de Jovens e Adultos na escola indígena, são ainda mais exigentes. Alcançar a eficiência de ministrar uma aula por semana de uma matéria “non-grata” é como um se “vira nos quarenta.” Sendo necessária a assertividade na abordagem e na técnica, não necessitando necessariamente de nenhuma dessas duas, dentre as conceitualmente existentes, para promover interação e aprendizado.

A Tabela 2 é como uma mostra de algumas práticas desenvolvidas com êxito, sendo adotadas em períodos diversos do ensino da 6/7^a e 7/8^a. Notadamente com a finalidade de promover um ensino de LI, fortalecendo atividades culturais e a prática da Língua Nativa, distintivos essenciais da Educação Escolar Indígena.



Tabela 2 – Atividades exitosas desenvolvidas na EJA (continua).

NOME	DESCRIÇÃO	O QUE SE ALCANÇA
<p>COMPRANDO E VENDENDO FRUTAS</p>	<p>Simula-se o ambiente de Feira. As duplas ou trios de alunos ficam responsáveis por barracas de frutas diversas. São apresentados dois ou três modelos de textos diálogos, que, depois de lidos e repetidos, podem ser adotados. As equipes ensaiam os textos, e montam suas barracas na sala em lugares pré escolhidos. A culminância é uma festa regada a muita fruta e alegria. É comum os alunos pedirem que o professor faça um áudio dos textos e envie por uma rede social.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Melhora da Pronúncia ➤ Fixação de Vocabulário ➤ Identificação das frutas mais comuns na aldeia. ➤ Desinibição ➤ Interação descontraída
<p>MÚSICAS DE AWÊ</p>	<p>A música escolhida é exposta no quadro. Após feita a leitura e repetição por parte dos alunos, é pedido para eles identificarem o texto. Depois de uma conversa rápida sobre o tema é feito o convite para cantar e dançar o texto. As preferidas são: Muká Mukaú e Anguaré.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Melhora da pronúncia ➤ Ampliação de vocabulário ➤ Interesse do aluno ➤ Maior segurança em falar a língua estrangeira.
<p>MOSTRA DE ARTE</p>	<p>Cada aluno adota uma das Expressões de uso em sala de aula, elencadas e trabalhadas pela professora. Constrói um quadro tamanho Ofício na horizontal com imagens desenhadas ou coladas e escreve a frase bem visível. Ao final é feita a exposição com apresentação oral da frase. Algumas turmas contaram com uma banca de jurados, do corpo técnico da Escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Memorização de frase ➤ Prática de oralidade ➤ Expressões artísticas típicas da comunidade, como grafismo e cores específicas.

Tabela 2 – Atividades exitosas desenvolvidas na EJA (continuação).

NOME	DESCRIÇÃO	O QUE SE ALCANÇA
TRAVA-LÍNGUAS E DITADOS POPULARES	Registro de trava-língua e ditados populares, conhecidos através de bate-papo com os alunos. Questionamento acerca da possibilidade de se pronunciá-los em língua materna e também em língua inglesa. Ensaio e apresentação oral em ordem Patxohã, inglês e português.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Prática de escrita e oralidade ➤ Registro de herança cultural e folclórica.
PEÇA TEATRAL	Em datas comemorativas, como dia dos pais, dia das mães é sempre possível interpretar um pequeno texto. Acontece também de os alunos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Desenvolvimento da capacidade artística do aluno. ➤ Promoção de prática de oralidade ➤ Aumento da criticidade ➤ Maior participação do alunado na atividade
PEÇA TEATRAL	quererem dramatizar uma música enquanto uma outra parte da sala representa. “My heart will go on” com uma protagonista que deixa à amostra sua indianidade enquanto seu lindo vestido cai do corpo, ficou famosa. “What a wonderful world” é sempre mais fácil de se trabalhar com o 6/7, na segunda unidade em que se enfatiza o Meio Ambiente.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Participação de familiares e comunidade nas atividades da matéria.

Tabela 2 – Atividades exitosas desenvolvidas na EJA (continuação).

NOME	DESCRIÇÃO	O QUE SE ALCANÇA
CAMINHADA DE LEITURA	Com um papel e caneta ou celular na mão, fez-se a caminhada pela avenida mais movimentada da aldeia, registrando palavras escritas em inglês, nas casas comerciais. Pediu-se que fosse feita a tradução dos termos e discutiu-se sobre os “achados”. Quando a turma foi convidada para fazer um intercâmbio com outra turma de EJA, elegeu essa atividade para apresentar.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Interação diferenciada com o meio-ambiente próximo. ➤ Aumento da criticidade ➤ Ampliação da visão de aplicabilidade da língua em seu entorno.
PASSEIO	Foi feito um passeio diurno, à Ilha dos Aquários, a 21 quilômetros da Escola. Ao levar turmas do 5ª e 6ª regular para passeios e banhos de piscinas, é comum contar com o apoio de alunos da EJA para ajudar no cuidado com os alunos.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Competência em organização de eventos. ➤ Interação entre gerações. ➤ Interatividade
ARTESANATOS EM INGLÊS	Trabalha-se de várias formas o vocabulário de artesanato pataxó: Diálogos simulando negociação com o turista, Mostra de artesanato em que cada um monta seu quadro de artesanato com seus respectivos nomes em inglês, glossário,	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Valorização do material de trabalho do aluno ➤ Capacitação para interagir socialmente ➤

Tabela 2 – Atividades exitosas desenvolvidas na EJA (continuação).

NOME	DESCRIÇÃO	O QUE SE ALCANÇA
CUIDANDO DO JARDIM	Confecção de placas em Inglês, Patxohã e Português, alusivas ao cuidado com o espaço, com ripas de caixotes de verduras.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aumento do vocabulário ➤ Competência escrita ➤ Sentido de pertencimento ao espaço.
BRINCADEIRAS DE RIO	Registro de nomes de brincadeiras que aconteciam/acontecem nos rios, conhecidos através de bate-papo com os alunos. Questionamento acerca da possibilidade de se pronunciá-los em língua materna e também em língua inglesa. Ensaio e apresentação oral em ordem Patxohã, inglês e português.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Prática de escrita e oralidade ➤ Registro de herança cultural e folclórica.
MINIDICIONÁRIO	Entrega-se um alfabeto móvel a uma equipe de alunos e lhes solicita que escreva três palavras em patxohã, que se conheça também em inglês para cada letra. A equipe que conseguiu registrar mais letras é a vencedora.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aumento do vocabulário ➤ Ortografia ➤ Registro do vocabulário na língua materna
PLACAS INDICATIVAS DOS ESPAÇOS DA ESCOLA	Após convite à percepção dos espaços da Escola, é feito o registro com nome de cada sala/espço. Foram construídas placas indicativas com EVA e colocadas acima das portas/entrada de cada sala/espço.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Valorização dos espaços escolares ➤ Vocabulário e Ortografia ➤ Sentido de utilidade do aprendizado.

Tabela 2 – Atividades exitosas desenvolvidas na EJA (conclusão).

NOME	DESCRIÇÃO	O QUE SE ALCANÇA
<p style="text-align: center;">INTERCÂMBIO ENTRE TURMAS</p>	<p>Alunos da turma da 5/6 manhã, foram conhecer e apresentar a experiência da caminhada de leitura aos da noite.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Prática do conhecimento adquirido. ➤ Autonomia de uso e transmissão do conhecimento adquirido nas aulas ➤ Interação entre a EJA Juvenilizada com a EJA com mais alunos adultos e de terceira idade.

As práticas relacionadas na tabela acima foram desenvolvidas de forma interdisciplinar com a língua nativa, patxohã, numa dinâmica aprende-ensina em que o professor, ao pedir para o aluno traduzir termos para o patxohã, ele os aprende e em seguida desenvolve atividades aplicando o termo aprendido, fazendo da língua nativa uma ponte para o aprendizado de inglês.

Muitas outras atividades específicas e diferenciadas são desenvolvidas, mas, o registro e a percepção da importância dessas práticas se mostra mais perceptível nesse momento.

1.6 Sujeitos do – desejado - intercâmbio Pan-Americano

A eleição dos três povos a serem abordados na cartilha, para intercambiar com o povo Pataxó, deu-se em função de se tratar de povos em grande número de falantes de sua língua originária, como os Quéchuas com cerca de dez milhões de falantes, segundo Cisneiros (2020) a língua mais falada do continente, os Navajos nos Estados

Unidos com mais de 150 mil falantes, os Guaranis com mais de sete milhões de falantes.

A história atual, traz à tona, realidades que irmanam os povos ancestrais de todas as partes do globo, em especial do continente americano como um todo, é o que revela esse excerto de notícia do jornal The New York Times:

Agora a pandemia expôs essas fraquezas como nunca antes, contribuindo para as taxas desproporcionalmente altas de infecção e mortalidade entre os nativos americanos e alimentando uma nova raiva sobre o que os críticos dizem ter sido décadas de negligência do Congresso e sucessivas administrações em Washington. [...]. No Arizona, os nativos americanos respondem por 11% de todas as mortes por coronavírus no estado, apesar de representarem apenas 5% da população. No Novo México, quase 30% das infecções são nativos americanos, embora sejam apenas 11% da população (WALKER, 2020).

Tragédias são uma realidade na história de cada povo ancestral, é possível que uma das poucas características que as diferenciam ao longo do continente seria a forma de contá-las:

Àqueles que não entendem nossa língua, vou traduzir. O povo Guarani era como um rio que corria lentamente em seu curso quando uma pedra gigante foi lançada dentro do córrego. A água espirrou para vários cantos. E os sobreviventes estão aqui hoje reunidos (PERALTA, 2018).

A fala que Anastácio Peralta declarou com anuência de parentes da Bolívia, Paraguai e Argentina no evento Campanha Guarani, traduz de forma singela e eficaz as consequências da interferência do não indígena na realidade dos povos originários, fator que exige ações reestruturantes até os dias atuais.

Reunir, reorganizar, retomar, reagir, resistir são verbos que na realidade indígena, não cessam de ser conjugados no tempo presente, como iniciativa de superação às mazelas oriundas das investidas colonialistas que perduram até hoje.



Aguardam a oportunidade de retornar à terra onde nasceram, onde estão enterrados seus antepassados e onde está a base de sua cultura, visão de mundo e perspectiva de futuro. A situação das terras e a pressão exercida pelos Kaiowá e Guarani fizeram com que nos últimos anos a Funai colocasse essa questão como prioridade em seu planejamento. Nesse sentido, em 2008, a Funai instituiu seis Grupos de Trabalho (GTs) para a identificação e delimitação de terras Guarani e Kaiowá no Cone Sul do estado de Mato Grosso do Sul (AZEVEDO et al., 2008, p. 17).

Percebe-se através das citações que quaisquer destes excertos poderiam compor uma referência temática a qualquer dos povos indígenas, não se tratando de generalizações e sim da promoção de um retrato fiel, dos danos que a colonização causou aos nativos das américas. Um fenômeno que exige lutas comuns, envolvendo territorialidade, saúde e educação.

Hoje, em torno de 62% da população indígena americana mora em áreas urbanas, o restante reside nas reservas e áreas rurais [...]. Dentro das áreas urbanas e também nas rurais os indígenas idosos tentam, através do Pan-Indianismo, um programa de resgate e assimilação dos valores culturais e tradicionais, reacender alguns ensinamentos dentro das comunidades, resgatando a religiosidade, a espiritualidade e suas tradições. (ROCHA, 2009, p. 23)

A despeito das lutas comuns, cada povo tem suas características distintivas, para se conhecer melhor as idiossincrasias dos povos estudados, ainda não sendo encontradas informações de menos de uma década em outra fonte se não a wikipédia, apresentam-se os dados nela constantes.

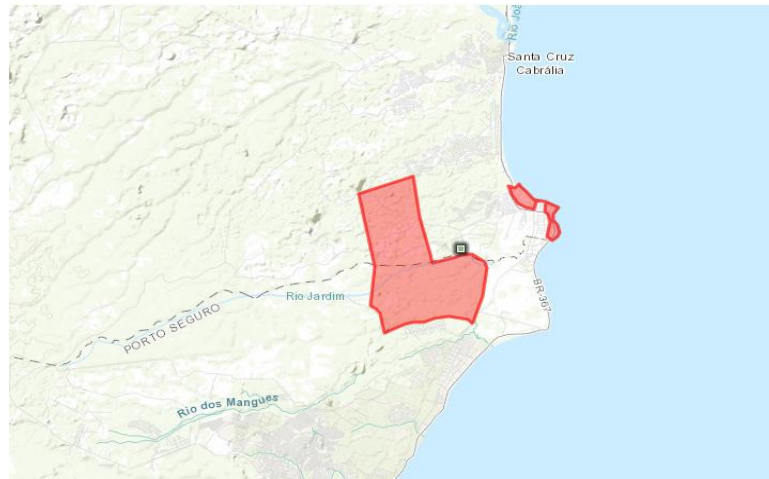
1.6.1 O Pataxó da aldeia indígena Coroa Vermelha

Sendo os “anfitriões” nesse contexto, o povo Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha, começa essa apresentação, com o registro sucinto de sua história, que, como ao falar de toda e qualquer etnia indígena, em todo e qualquer lugar do mundo subjugado pelo colonialismo, redundava em relato de luta e resistência.

A Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha fica localizada na Costa do

Descobrimiento em um Polo Turístico no Extremo Sul da Bahia, Município de Santa Cruz Cabrália, entre os municípios de Porto Seguro e Belmonte na BR 367 quilometro 05 e 06, palco da invasão dos portugueses em abril de 1500.

Figura 8 – Localização geográfica da Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha



Fonte: TERRA, 2021.

O professor unebiano, Chico Cancela, em seu artigo “História dos Pataxó no Extremo Sul da Bahia: Temporalidades, Territorializações e Resistências”, demonstra documentalmente que data do século XVII a percepção da presença do povo pataxó nos “sertões de Porto Seguro” como denomina os registros das capitânicas hereditárias.

“Sobre as origens dos indígenas que chegaram à Coroa Vermelha para constituírem uma nova aldeia, os estudos realizados nos esclarecem, com unanimidade, que de Barra Velha, também conhecida como “aldeia mãe”, e adjacências” (BOMFIM, 2021), sendo mais específico ele cita: “é evidente que tudo começa com o “fogo de 51”, referindo-se à violência sofrida pelo povo patáxo, em que a aldeia de Barra Velha foi saqueada, atacada e incendiada, obrigando a fuga e dispersão dos indígenas.

A primeira “barraca” surgiu em 1973, a partir da anuência informal do responsável pela Capitania dos Portos de Porto Seguro e do

Departamento Nacional de Estradas e Rodagem. O local, no entanto, ainda apresentava certo isolamento. Este quadro começaria a se alterar a partir de 1974, com a inauguração da BR-367 e a instalação de um cruzeiro em homenagem a Primeira Missa do Brasil. Na ocasião, o prefeito de Santa Cruz Cabrália, vendo na figura do índio outra modalidade de atração turística, concedeu aos pataxós uma área situada junto ao referido monumento, onde foram construídos estereótipos de casas indígenas (REGO, 2012, p. 61).

A obra *Lições de Abril* de Amércia César (2011) ao registrar os acontecimentos internos da aldeia que antecederam a comemoração dos 500 anos, explicita, o ideário dos governantes ao lidar com os indígenas:

No projeto comemorativo oficial, cujo discurso procurava fortalecer o imaginário do Brasil como uma nação harmônica, constituída a partir do ato inaugural dos aventureiros portugueses, a comunidade Pataxó de Coroa Vermelha ganhou especial destaque porque seu território abriga o lugar em que os portugueses teriam realizado a primeira missa no novo continente. Por ser o cenário do projeto comemorativo, Coroa Vermelha congregou também o conjunto de manifestações contrárias ao projeto, recebendo cerca de 3.600 representantes de mais de 130 etnias indígenas, além de diversos segmentos dos movimentos sociais, para participar da I Conferência Indígena e da marcha a Porto Seguro, violentamente reprimida pela Polícia Militar do Estado da Bahia, no dia 22 de abril (CÉSAR, 2011).

Queriam, mais uma vez, que fossem meros figurantes, os verdadeiros donos da terra, outra história havia de ser contada. Com bravura e determinação, de novo, os pataxó abraçam a luta de resistência e configura uma re-existência após o ano 2000, pleiteando e alcançando melhorias na saúde, educação e demarcação de terra.

Ademário Braz e Jelevaldo Silva (2019, p. 15), contam que, hoje, a extensão de área total da aldeia Coroa Vermelha em hectares é de 1.492, sendo divididas em duas glebas: A e B, a gleba A fica à beira mar, em uma área urbana e a gleba B que contempla a Reserva da Jaqueira e uma área para a agricultura. “Hoje somos um povo que vive à beira mar com uma população estimada em aproximadamente 6.000 indígenas e 923 famílias, nosso meio de sustentabilidade é o artesanato, pesca, agricultura e o turismo.” Afirmam.

Caroline dos Santos Alves, pataxó, da aldeia barra velha, discorre sobre as mudanças nos hábitos alimentares do seu povo, após a instação da energia elétrica:



Não é diferente para os Pataxó; os alimentos que consomem hoje não são os mesmos aos de 20 a 30 anos atrás, que os anciões comiam. Na época deles não tinha frango de granja, linguiça, biscoitos, refrigerantes, macarrão e muitos outros alimentos industrializados. Eles não conheciam essas coisas. E eram pessoas saudáveis, e não se ouvia dizer que na aldeia tinha essas doenças que existem hoje (ALVES, 2019, p. 13).

A exposição feita da fala da entrevistada Erilsa Braz dos Santos, revela o anseio ao retorno de práticas alimentares mais saudáveis:

Antigamente me lembro que na nossa aldeia não tinha criança obesa, a gente não ouvia dizer que morria parente de enfarto, na aldeia não tinha índio que morria de câncer. A verdade era que não tinha essas doenças que existem hoje na nossa aldeia. As doenças que tinham era gripe; e verme, porque nessa época não tinha banheiro. Dava para ver que o povo da nossa comunidade era saudável, era coisa muito difícil morrer uma criança ou um jovem. Aqui não se via as pessoas com problemas de saúde, os parentes mais velhos morriam de velhice. E ai com passar do tempo começou a mudar isso, lá para os anos de 1990 á 1996 em diante, e começou a estrada de passar carro dentro da aldeia, quando queria ir para cidade tinha que ir para um lugar chamado fazenda do cabrinha. Mas quando essa estrada chegou e o ônibus começou entrar dentro da aldeia, aí já começou a facilidade e não tinha nessa época dentro da aldeia mãe não existia esse tanto de mercearias que tem hoje, só tinha apenas uma, que era a de seu zé piega, que 18 vendia alguns produtos da cidade, ninguém aqui tinha habito de consumir outros tipos de comida. Com a chegada da estrada já foi abrindo as portas para meu povo consumir essas comidas industrializadas, cheio de produtos químicos produzidos nesses mercados do povo branco. Quando foi em 2007, com a chegada da energia, aí que ficou feia a situação, pois aí todo mundo já queria comprar geladeira. Com essa tal de geladeira começou ter outros hábitos de alimentação e ai os parentes ja começou deixar de comprar o peixe de comer todo dia, para comprar em quantidade e deixar na geladeira, comprava aqueles frangos cheio de hormônio, linguiças e essas comidas embutidas; as crianças começaram a ficar gordinhas, e a gente vê muitas crianças gordas por causa da nova alimentação (SANTOS, 2019, p. 17-18).

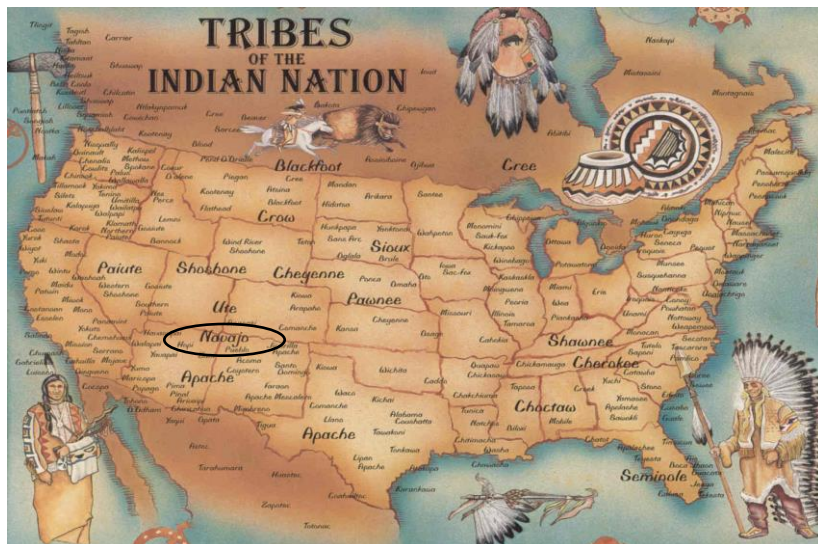
Duas décadas se passaram e a luta dos povos indígenas continua acirrada. No momento dessa escrita, a BR 367 está interditada, o pataxó está na pista, sofrendo acusação de ser preguiçoso, baderneiro, ganancioso e tantos outros adjetivos

pejorativos lhe impingem aqueles que ignoram a realidade histórica e política do país, bem como o impacto da PL490 para os povos originários.

1.6.2 Conhecendo mais sobre os Navajos, Quéchuas e Guaranis

Os *Navajos* (em navajo: Diné ou Naabeehó). Família linguística Athapaskan. Idioma Navajo e da área cultural Sudoeste. São um povo indígena da América do Norte. Originalmente, migraram das áreas do norte e durante o século XVI tornaram-se um povo pastor e caçador. O povo vive numa reserva no nordeste do Arizona e continua em partes do Novo México e Utah. É uma enorme área que vai desde Grants no Novo México, até o Grand Canyon, no Arizona; de Holbrook, no centro do Arizona até o Rio San Juan, já no Colorado, inclui Monument Valley, parte do Deserto Pintado e parte da Floresta Petrificada. De acordo com o censo dos Estados Unidos de 1990, o total de índios navajos era de 220 000, vivendo em 6 milhões de hectares, com um produto interno bruto estimado em 50 milhões de dólares.

Figura 9 – Localização geográfica da Reserva onde vive o povo Navajo.



Fonte: GIRON, 2020.

Figura 10 – Moradia tradicional Navajo (chamada de Hogan)



Fonte: GIRON, 2020.

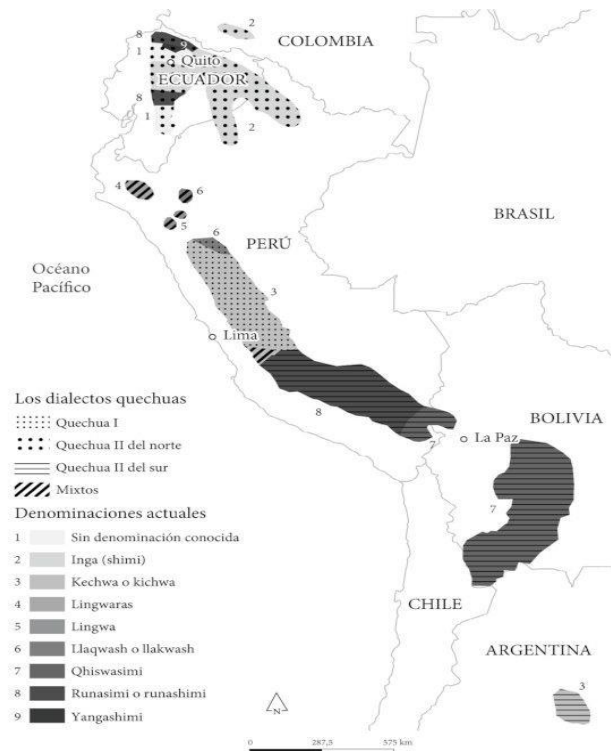
Os *Quíchuas* ou *Quéchuas* (em quíchua: *Qhichwa runa*), por vezes também chamados de "runakuna", ou "ingas"), são uma designação aplicada aos povos indígenas andinos da América do Sul que falam a língua quíchua. Distribuem-se pela maior parte da região da Cordilheira dos Andes, especialmente no Peru e na Bolívia, e, de forma menos expressiva, na Argentina e no Chile. Os quíchuas do Equador chamam a si próprios, bem como à sua língua, *kichwa*. Na Colômbia, autodenominam-se *ingas*. Outros falantes da língua, na região de Junín e partes de Ancash, Peru, chamam a si próprios *runakuna'* ou *nunakuna* ("povo, pessoas"; singular: *runa* ou *nuna*). Os falantes de quíchua, 9 a 14 milhões de pessoas distribuídas entre Peru, Bolívia, Equador, Chile, Colômbia e Argentina, apresentam um escasso senso de identidade comum. Os diversos dialetos são, em alguns casos, tão diferentes que se tornam mutuamente ininteligíveis. Alguns povos quíchuas históricos incluem: Inca; Império Tawantinsuyu (o maior império pré-colombiano), Chancas (em Huancavelica, Ayacucho e Apurímac, no Peru); Huancas (em Junín, Peru; falavam quíchua antes dos incas), Cañaris (no Equador; adotaram a língua quíchua por influência dos incas) (CISNEIROS, 2020).

Figura 11 – Oca tradicional Quíchua, primeira escola do, hoje, mestre em Linguística pela Universidade de Brasília, Armando Gutierrez Cisneiros.



Fonte: CISNEIROS, 2020.

Figura 12 – Mapa da Língua Quéchua.



Fonte: QUÉCHUA, 2020.

Os *Guaranis*. O termo Guaranis refere-se a uma das mais representativas etnias indígenas das Américas, tendo, como territórios tradicionais, uma ampla região da América do Sul que abrange os territórios nacionais da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e a porção centro-meridional do território brasileiro.[...] São chamados "povos" (do espanhol *pueblo*), pois sua ampla população encontra-se dividida em diversos subgrupos étnicos, dos quais os mais significativos, em termos populacionais, são os caiouás, os embiás, os nhandevas, os ava-xiriguanos, os guaraios, os izozeños e os tapietés. Cada um destes subgrupos possui especificidades dialetais, culturais e cosmológicas, diferenciando, assim, sua "forma de ser" guarani das demais. A palavra "guarani", na língua guarani significa guerreiro.

Figura 13 – Casa tradicional Guarani.



Fonte: MELO (2016).

Dados mais específicos apresentados na Tabela 3 permitem a exposição mais detalhada da pesquisa bibliográfica empreendida, promovendo maior proximidade com cada povo:

Tabela 3 – Características dos povos Navajo, Quéchua, Guarani e Pataxó.

ETNIA	LÍNGUA	POPULAÇÃO	ARTESANATO	COMIDAS E ALIMENTOS TÍPICOS
NAVAJO	Navajo	298.197 ⁵	Ouriversaria de prata, bonecos em madeira, fiação de tecidos.	<u>Navajo Taco</u> , uma espécie de pão redondo coberto com alface, feijão, tomate, queijo e o chilli, a famosa pimenta mexicana.
QUÉCHUA	Quíchua	5.444.102 ⁶	Fabricam fios de <u>lã</u> e produzem <u>tecidos</u>	Carne seca de lhama ou alpaca, cordeiro, porco, cobaia. Batata doce, ervilha, cenoura, amendoim, passas, milho, ervilha, feijão, hortelã, orégano, salsa, cominho, cebola e <u>açafrão</u> ⁷
GUARANI	Guarani	285.748 ⁸	Objetos trançados, tecidos, armas, adornos e instrumentos musicais. Bichinhos de madeira	AVAXI (ou milho), junto com a JETY (batata-doce), JEJY (palmito), MANJI'Ó ou mandi'o (mandioca) e MANDUVI (amendoim) constituem alguns dos principais alimentos guaranis. Cozido ou assado, o milho é comido sem sal ⁹
PATAXÓ	Patxohã	11.436 ¹⁰	Utensílios em madeira, adornos em plumagem, instrumentos musicais e armas em madeira com trançados de fibra natural	Farinha de mandioca, peixes e/ou crustáceos e moluscos. Pratos Típicos: Peixe assado na folha da patioba. Bolo de puba, bolo de rolo, kawin – bebida à base de mandioca fermentada.

⁵ Censo americano de 2000⁶ Soma dos censos de 2010 a 2014 em seus respectivos países.⁷ <https://www.nctravelcusco.com/blog/comidas-en-cusco>⁸ Censo Guatemalco de 2002.⁹ [https://terrasindigenas.org.br/noticia/53167#:~:text=AVAXI%20\(ou%20milho\)%2C%20junto,comportada%20para%20ganhar%20o%20seu.](https://terrasindigenas.org.br/noticia/53167#:~:text=AVAXI%20(ou%20milho)%2C%20junto,comportada%20para%20ganhar%20o%20seu.)¹⁰ PIB socioambiental - 2010

Os dados citados foram obtidos a partir da Lista dos povos indígenas nas Américas por país e população (Acima de 10.000 pessoas). De acordo com os censos nacionais e órgãos indigenistas de cada país. Encontrada no site da Wikipédia¹¹. Sendo ainda contínua a busca por dados mais atuais de fonte científica.

1.6.3 Alimentação dos Povos Pesquisados

1.6.3.1 Alimentação Guarani

Para fins desse estudo o termo guarani em relação à etnia indígena, deve englobar todos os grupos que descendem dessa etnia e utiliza ou não, o termo atrelado antes ou depois da sua identidade específica. Logo, os Mbyá, os Kayoá e os Nhandeva, Avá são aqui considerados guarani.

Segundo Saavedra e Câmara (2010), os Mbyá-Guarani “cultivam milho, arroz, aipim, feijão e batata doce ao redor das casas”. Estudando sobre a desnutrição infantil na aldeia... A cultura alimentar Guarani está baseada em alimentos ricos em carboidratos, como milho, feijão, abóbora e batata doce, e em atividades de pesca e caça.

Na realidade dos Araweté Guarani:

A agricultura é a base da subsistência araweté, sendo o milho o produto dominante de março a novembro, e a mandioca no período complementar. De todo modo, há uma predominância absoluta do cultivo do milho sobre o da mandioca, o que distingue o grupo dos demais Tupi-Guarani amazônicos. O milho é consumido como mingau de milho verde, farinha de milho, mingau doce, paçoca de milho e mingau alcoólico. Este último (cauim) é o foco da maior cerimônia, que se realiza várias vezes durante a estação seca. Planta-se também batata-doce, macaxeira, cará, algodão, tabaco, abacaxi, cuieiras, curauá (uma bromeliácea usada para cordoaria), mamão, urucum. A caça também é objeto de intenso investimento cultural. Os Araweté caçam uma grande variedade de animais; em ordem aproximada de importância alimentar, temos: jabotis; tatus; mutuns, jacus; cotia; caititu; queixada; guariba; macacos-pregos; paca; veados; inhambus; araras, jacamins, jaós; anta. Tucanos, araras, o gavião-real e outros gaviões menores, os mutuns, o japu e dois tipos de cotingas são procurados também pelas penas, para flechas e adornos. As araras vermelha e canindé, e os papagaios, são capturados vivos e criados

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_povos_indigenas_na_America_por_pais_e_populacao

como xerimbabos na aldeia. Em 1982, a aldeia tinha 54 araras criadas soltas (CASTRO, 2021).

Além do plantio e da caça tem-se também como forma de subsistência,

A pesca se divide em dois períodos: a estação de pesca com o timbó, em outubro-novembro, e os meses de pesca cotidiana, feita com arco e flecha ou anzol e linha. Embora o peixe seja alimento valorizado, é o menos que a carne de caça, e a pesca é uma atividade principalmente exercida por meninos e mulheres (exceto as pescarias coletivas com timbó). Os Araweté são índios da terra firme: a maioria das pessoas mais velhas não sabe nadar. A água de beber e cozinhar é retirada de cacimbas abertas na margem arenosa dos cursos d'água ou nos açazais (CASTRO, 2021).

Encontra-se nesse excerto a confirmação da presença da entomofagia – consumo de insetos – em seus hábitos alimentares:

A coleta é uma atividade importante. Seus principais produtos alimentares são: o mel, de que os Araweté possuem uma refinada classificação, com pelo menos 45 tipos de mel, de abelhas e vespas, comestíveis ou não; o açaí (*Euterpe oleracea*); a bacaba (*Ænocarpus sp.*); a castanha-do-Pará (*Bertholetia excelsa*), importante na época das chuvas; o coco-babaçu (*Orbygnia phalerata*), comido e usado como liga do urucum, e para ductilizar a madeira dos arcos; e frutas como o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), o frutão (*Lucuma pariry*), o cacau-bravo (*Theobroma speciosum*), o ingá (*Inga sp.*), o cajá (*Spondias sp.*), e diversas sapotáceas. Destaquem-se ainda os ovos de tracajás (*Podocnemis sp.*), objeto de excursões familiares às praias do Ipixuna em setembro, e os vermes do babaçu (*Pachymerus nucleorum*), que podem também ser criados nos cocos armazenados em casa (CASTRO, 2021).

Ao afirmar a presença de abelhas comestíveis e a coleta de vermes do babaçu, pode-se entender que haja consumo desses insetos. Primeira evidência da prática entomofágica da pesquisa.

1.6.3.2 Alimentação Navajo

Em termos de Culinária Ameríndia, temos muito ainda a aprender:



Um pequeno e ainda disperso grupo de chefs dos Estados Unidos anda empenhado em reavivar a cozinha indígena americana. O trabalho faz todo sentido no momento atual: apesar de essa culinária variar de tribo para tribo, ela é marcada por técnicas de preservação, caça de animais e coleta de plantas silvestres. Exatamente aquilo que anda ditando tendências de Copenhague a Lima (MIRAGAIA, 2014, p. 1).

Sabendo que a cozinha indígena americana já tem alguns restaurantes obedecendo a todos os requintes que só um renomado chef sabe dar, os ingredientes básicos dos pratos típicos são os mesmos dos pratos tradicionais de cada etnia.

Neto de indígenas sioux, o chef Sean Sherman vai abrir o Chef Sioux, em Minnesota, quase na fronteira com o Canadá. O restaurante, que deve começar a funcionar no fim do ano, será inspirado na cultura dos grupos indígenas dakota (que deriva dos sioux) e ojibwe. O cardápio deve ter bisão braseado com folhas de cedro, manoomin (uma espécie de arroz selvagem muito fino e longo) servido com cranberry, coelho defumado e um ensopado com milho, pato desidratado e mirtilo. (MIRAGAIA, 2014, p. 3)

Na culinária típica do Arizona¹², local da Nação Navajo, maior aldeia da etnia, onde “a agricultura e criação de animais, como ovelhas e gado, ainda são um importante meio de sustento da tribo”¹³ há a presença marcante da cultura indígena. O alimento que se destaca é “O navajo taco [...] uma espécie de pão redondo coberto com alface, feijão, tomate, queijo e o chilli, a famosa pimenta mexicana”, chega-se a pensar que vem daí os famosos hambúrgueres americanos, uma vez que “as origens do hambúrguer são incertas e permeadas de mitos e histórias”.¹⁴

Filho de uma apache e um navajo, o chef Nephi Craig também trabalha para manter as tradições indígenas. “Fomos forçados a sair de nosso território e realocados em reservas. Perdemos a capacidade de viajar, acompanhando manadas de animais selvagens em sua migração, e de coletar plantas silvestres. Deixamos de reproduzir nossas técnicas e a conexão entre a comida e a terra acabou”, conta. Ele cresceu na

¹² <https://motorhometrips.com.br/pratos-tipicos-estados-unidos/>

¹³ <http://www.qualviagem.com.br/arizona-nos-eua-tem-cultura-nativa-preservada/>

¹⁴ As origens do hambúrguer são incertas e permeadas de mitos e histórias

reserva Fort Apache, nas White Mountains, leste do Arizona, e depois trabalhou num restaurante francês da região antes de decidir dedicar-se à cozinha indígena. Hoje, comanda uma equipe formada apenas por apaches no restaurante do Sunrise Park Resort, instalado na reserva. Fundador da Native American Culinary Association, Nephi Craig já apresentou sua cozinha em países como Inglaterra, Alemanha e Japão. Também esteve no Brasil, onde experimentou receitas ligadas às raízes indígenas brasileiras como o tacacá – que repetiu “três ou quatro” vezes, atraído pelo azedinho do tucupi e a sensação de dormência na boca provocada pelo jambu. A história desse chef ilustra a de um imenso contingente de indígenas americanos que perdeu terras, foi realocado e passou a depender da “ração” fornecida pelo governo, que inclui açúcar refinado e enlatados. “Desses hábitos recentes surgiram doenças como diabetes e uma alimentação que em nada lembra a cozinha original desses povos”, diz o chef (MIRAGAIA, 2014).¹⁵

1.6.3.3 Alimentação Quéchua

Quanto à alimentação oriunda dos Incas, dos quais fazem parte os Quéchuas, a riqueza em ingredientes deve-se à diversidade climática. Afirma-se que o Peru reúne 84 dos 104 ecossistemas existentes no mundo. Dividida em três grandes regiões, essas zonas compreendem:

Costa, serra (Andes) e selva (Amazônia). A primeira disponibiliza mais de mil espécies comestíveis entre peixes e frutos do mar, como corvina, lagosta e linguado. A preparação mais comum é o ceviche [...]. Da segunda chegam a batata, milho, além de carnes de cuy (parecido com porquinho-da-índia) e ají (tipo de pimenta). Já a última é regida por carnes de caça que normalmente são acompanhadas de banana e mandioca, além de peixes de rio (PORTAL SÃO FRANCISCO).

Falando ainda do povo Inca...

Eles foram responsáveis pelo cultivo de batatas e milhos, 2 dos mais importantes ingredientes locais [...]. O consumo de carne de alpaca (animal parecido com a lhama) e de cuy também era costume dos incas, além do uso de pimentas: são mais de 40 tipos, entre eles o ají,

¹⁵ <https://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,como-se-come-na-tribo,10000008381>

usado no ceviche. [...]. Tanto a batata quanto o milho têm variedades de deixar qualquer estrangeiro boquiaberto. São mais de 4 mil tipos de batatas catalogadas, plantadas pelos incas ao longo de terraços na Cordilheira dos Andes. As amarelas são as preferidas dos peruanos; ainda há as brancas, negras e doces – esta última, companheira de muitos **pratos locais**. O Peru é o país com a maior diversidade de tipos de milho – são 35 variedades. Suas cores vão desde o branco e amarelo até o morado (negro) e avermelhado, e a utilização é bem variada: fervido, tostado, como bebida (chicha) e doce. Entre os **pratos** que levam milho estão o pepián (guisado de peru com milho ralado, cebola, alho e ají, típico do Norte do país), o soltero (favas, milho, cebola e queijo fresco, encontrado em Arequipa, Sul do país) e o tamale doce, que lembra a nossa pamonha. (PORTAL SÃO FRANCISCO)

As especificidades da cozinha Quéchua:

A batata era o alimento mais produzido do Império Incaico, era o elemento básico para o preparo de sopas e da Pachamanca (pacha = terra, manca = mãe), uma mistura de carnes e verduras cozidas com pedras quentes em uma fossa coberta de terra. As batatas que sobravam da Pachamanca se secavam e depois, quando se rehidratavam, eram cozidas em um ensopado chamado Carapulcra (kala = pedra quente, purka = buraco na terra), servido até os dias de hoje nas mesas peruanas. Os conquistadores trouxeram novas espécies de animais e plantas, que se integraram à vida dos indígenas e fizeram surgir uma nova cultura, “a comida criolla”. As carnes de frangos, cabritos, vacas e carneiros trazidos pelos espanhóis se juntaram a da llama, da alpaca, do cuy (coelho da índia), de lebres e de vários tipos de aves. O arroz, o trigo e a cevada foram introduzidos na América Latina junto com azeitonas, óleos, vinagres, condimentos e uma grande variedade de verduras e frutas, principalmente a uva. Também trouxeram o forno e diferentes técnicas de cozinhar, curtir e fritar. (PORTAL SÃO FRANCISCO)

A mistura de povos vindos para a América central foi dando um novo tom para a culinária dessa região, proporcionando mistura de ingredientes entre esses, processo em que o colonizador, mais uma vez, interfere na cultura alimentar do colonizado.

Esta nova cozinha, resultado do sincretismo dos ingredientes e técnicas dos dois continentes evoluiu através dos anos até o presente, formando a atual comida peruana. Por exemplo “La Ocopa”, que é uma maionese da cidade de Arequipa, é uma mistura do amendoim e da pimenta pré-colombianos com adição de produtos lácteos (queijo

fresco) trazido pelos espanhóis. Um animal que é parente da galinha que conhecemos hoje existia no Peru na época pré-colombiana. Era conhecido com o nome de “hualpa” e cozinhado com aji (pimenta). O hualpa era muito importante na **culinária** e na vida incaica, tanto que o último inca, executado pelos espanhóis, levava o seu nome, Atahualpa. “El aji de galinha” é o exemplo perfeito da fusão dos ingredientes espanhóis e quéchuas. O pão, as nozes e o queijo, somado ao frango e a pimenta deram a este **prato** uma dimensão internacional. (PORTAL SÃO FRANCISCO)

Importante relatar a importância do cultivo da batata para esse povo:

Segundo o Centro Internacional da Batata, em Lima, os Incas cultivaram mais de mil variedades do tubérculo. Muitas delas já desapareceram, porém, ainda existem, na serra peruana, numerosos tipos de batatas silvestres que são cultivadas em áreas rurais. Pizarro e os conquistadores espanhóis foram responsáveis por levar este alimento para o resto do mundo. (PORTAL SÃO FRANCISCO)

Mas, lembrando de uma tradição junina brasileira, esse povo é, de fato, o “rei do milho” apesar de ser em menor variedade que as batatas, ele faz parte de inúmeros pratos da alimentação cotidiana e carrega uma dimensão religiosa, não dada a nenhum outro alimento:

O mais importante dos cultivos incaicos foi o milho, ingrediente básico da cerveja andina a “Chicha”, feita por mulheres sob a vigilância da deusa do milho Mamasara. Atualmente, ainda se pode ver algumas chicheras, que seguem a tradição antiga de macerar o milho, fervendo com água, agregando pedaços de carvão para espantar os espíritos malvados e fermentando a chicha em jarros de barro, de fundo redondo, colocados em cestos de totora.

Totora é uma espécie de junco tradicional do Peru. Batatas e milhos à parte, importante registrar também, que: “entre as heranças mais significativas dos Incas - na comida contemporânea peruana são os diferentes tipos de pimentas, como Aji e Rocoto, e de ervas, como o “Huacatay” (PORTAL SÃO FRANCISCO).



Nota-se a ausência de uma indissociação entre a culinária Inca e a Quéchuá, visto que a identidade desses onze milhões de indígenas presentes ao longo da América do Sul é diversa:

Recentemente verifica-se uma tendência à construção de uma identidade comum entre os falantes de quíchuá, particularmente no Equador e na Bolívia, onde as diferenças linguísticas são menores. No Peru, as diferenças são mais significativas. Existe uma organização de povos quíchuá no Equador, ECUARUNARI (Ecuador Runakunapak Rikcharimuy: "Movimento dos Indígenas do Equador"). A expressão "nação quíchuá" ocorre em certos contextos. Na Bolívia, existe o Consejo Educativo de la Nación Quechua, CENAQ,^[4] órgão técnico educativo ligado à Confederación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de Bolivia, Federación Nacional de Mujeres Campesinas Indígenas Originarias de Bolivia Bartolina Sisa FNMCIQB-BS e à Confederación de la Comunidades Interculturales. O CENAQ tem como atribuições formular e supervisionar políticas educativas e contribuir para a formação de uma consciência identitária do povo quíchuá, através dos conselhos educativos comunitários e fomentar a educação bilingue nas regiões onde se concentram os falantes de quíchuá.

Nesse contexto, entende-se a culinária Quéchuá como sinônimo da culinária inca.

1.6.3.4 Alimentação Tradicional Pataxó

A alimentação pataxó tradicionalmente foi à base de pesca, frutos e raízes. A mandioca, sem dúvida, é o alimento preferido. É dela que os pataxós fazem a bebida sagrada conhecida como kawi, o makaiaba (o beiju) e kuiuna (farinha). Inhame, batata, amendoim, taioba etc também são cultivadas.

1.7 Relatando a experiência


1.7.1 Estudando na nova realidade

As primeiras pesquisas bibliográficas virtuais acerca dos indígenas das



américas, trouxeram notícias de como a pandemia estava afetando esses povos. Estudar se tornou um estorvo. Ler e não conseguir dialogar com os autores por falta de concentração é como uma anomalia para o pesquisador. Perder a capacidade de diálogo com o orientador porque da sua mente não sai a preocupação com a perda do emprego de seu marido, a doença do pai do seu filho, a morte do pai do seu filho, a depressão do seu filho, a sua mãe que foi visitar aquele filho na capital da antiga colônia Brasílis – e se tornou naquele momento, um foco muito severo da doença, a preocupação do filho mais velho em migrar para um estágio remunerado para ajudar nas despesas da casa que quase foi a leilão no último ano – ufa! Que bom! O governo suspendeu as parcelas. Mas mamãe, se eu conseguir um estágio remunerado vou poder comprar minhas próprias roupas, meu material, e com o tempo tirar minha carteira de motorista. Graças a Deus já consegui o proUni. Vai dar tudo certo.

Todos esses processos, fazem travar a mente, encolhe a capacidade, faz desmoronar o gráfico da produtividade. E te conecta com uma realidade que embora negada a todo o tempo, é real, silenciosa e sufocante. Dá uma sensação de “nada mais importa”. Será que eu vou sobreviver para defender esse memorial dissertativo? Agora, para mim, o quanto ele vale? O que é mais importante? Sim, mas, é preciso continuar, insiste o sistema, é preciso ressignificar, viver um novo normal. Levante, produza... Uma banana pra essas exigências todas! Eu quero falar de mim. Ninguém me ouve. Eu estou sofrendo, será que ninguém percebe? Eu quero falar de mim! Chega de preocupação com o futuro ele talvez não exista para nós. Para mim, para os meus, para aqueles que me são caros, para aqueles que eu amo... Estou com medo, muito MEDO, MEDO, MEDOOO entendeu!!! “explosão de choro” soluços profundos e uma reclamação persistente: eu não quero continuar. Eu quero dar mais atenção à minha família, meus filhos, meu esposo, minha mãe, meus irmãos, meus amigos, minha irmandade da fé. É isso que eu quero. Só isso me basta agora. Taxonomia de bloom.? não entendo, não quero entender, acho que nem a garota do google vai entender se eu perguntar. Lágrimas jorram inesperadamente. Desculpe-me, desculpe-me, perdoe-me. Eu não deveria ter agido assim. Eu tenho que ser forte. Muitos se espelham em mim. Quem foi arrimo de família não pode dar trégua para as adversidades da vida. “Go ahead” vamos em frente, “Let’s go” vamos lá. Lave o rosto, descanse e amanhã recomece. Sem paranóia, vai haver amanhã para você, para os seus, para nós.



Descanse! Obedecer àquela voz, transcendental, se torna a melhor saída. Já é outro dia, onde eu parei mesmo? Fiz o relatório do quadrimestre? O que eu fiz mesmo? Ah! Registre a cartilha... terminei uma pós graduação que estava fazendo paralelamente... Que bom! Voltando à ativa!

1.7.2 Reconfigurando os propósitos

A pandemia fez com que a maioria dos professores e demais profissionais da instituição fosse demitida por trabalhar em regime de contrato temporário. Protestos e demonstrações técnicas da capacidade financeira da prefeitura de pagar seus salários, não foram suficientes para impedir esse triste fato. Muitos dos concursados ficaram inacessíveis. Era hora de repensar o público-alvo, e talvez até a instituição. Sendo, primeiramente, os alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Indígena Pataxó Coroa Vermelha, seguido da tentativa de serem os profissionais da Escola Indígena Coroa Vermelha, agora, os professores de Língua Inglesa da Educação de Jovens e Adultos-EJA, do município de Santa Cruz Cabralia, pareceu ser a melhor saída para a fluência das pesquisas no momento. Reduzindo para dois membros o público-alvo, sendo um, a própria pesquisadora. Nesse panorama, reconfigura-se também os objetivos da pesquisa, adotando-se como objetivo Geral: Criar uma cartilha para subsidiar o ensino da disciplina de língua inglesa, nas aldeias, dentro do contexto do Referencial Curricular Nacional para a Educação Escolar Indígena (RCNEI), e Específicos: Aplicar a metodologia da apresentação da língua espanhola como elemento empoderador para o *entendimento* da Língua Inglesa. Incentivar a criação de um intercâmbio virtual, entre os indígenas Navajos, Quéchuas, Guaranis e Pataxó. E por fim, difundir informações acerca da soberania alimentar indígena e das leis de segurança alimentar e nutricionais do País.

Percebe-se que o percurso da pesquisa evidenciou uma demanda maior de se trabalhar a divulgação da temática na aldeia do que necessariamente pesquisar indígenas de outras Américas, como era o intuito inicial do projeto. Essa nova perspectiva demandou uma reestruturação da pesquisa e novas investidas em pontos até então não explorados. Ficou rasa e superficial a pesquisa a respeito da

alimentação dos povos, mas optou-se por manter a descrição do que se garimpou. Os aspectos pedagógicos em especial o metodológico da aplicação do produto final foram salientados e o título da pesquisa acompanhou essa tendência. Os resultados encontrados, até então, são frutos de pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário, visita a lideranças da aldeia, conversa com colegas professores da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, troca de e-mails com o Conselho Estadual de Segurança Alimentar, visita ao Conselho de Segurança Alimentar de Porto Seguro – cidade vizinha, aprendizado em componentes curriculares do curso, observação do modus operandi da comunidade e participação em eventos. Possibilitando a coleta de dados que mobilizaram a autoria a dar nova perspectiva ao produto final da pesquisa. O que poderia ser mais benéfico para a comunidade? Saber histórias e memórias de parentes distantes ou conhecer e se apropriar de direitos que, hipoteticamente, vão enriquecer seu modus vivendi, sua cultura? Chega-se à conclusão de que ao invés de produzir uma cartilha com respostas, haveria que se ofertar, o que se acreditava ser, uma oportunidade de novos horizontes. Esse pensamento foi o embrião disparador da confecção de uma cartilha consumível, como um misto de cartilha e caderno de atividades, que se traduz em espaço de pesquisa e aprendizagem acerca da existência e dos hábitos alimentares dos povos Navajos, Quéchuas e Guaranis, e das leis brasileiras de soberania alimentar. A problematização do projeto, também precisou ser revisitada. As questões acerca do uso, desuso e/ou abuso das Sementes crioulas, da entomofagia e das Plantas alimentícias não convencionais – terminologia da sociedade científica atual - entre os povos pesquisados, geravam todos os problemas levantados pela pesquisa; deram lugar às questões de ensino-aprendizagem, sua aplicabilidade, fundamentação teórica e metodológica, tão necessárias à devida confecção e aplicação da cartilha. Foi intensificada a pesquisa bibliográfica virtual bem como a virtualidade dos encontros, adicionou-se autores que elucidassem os conceitos inerentes a ensino remoto, híbrido, on-line, virtual e metapresencial. O olhar dos Pesquisadores também passou a contemplar um “novo normal” ao qual deveriam se adaptar.



1.8 Resultados prévios

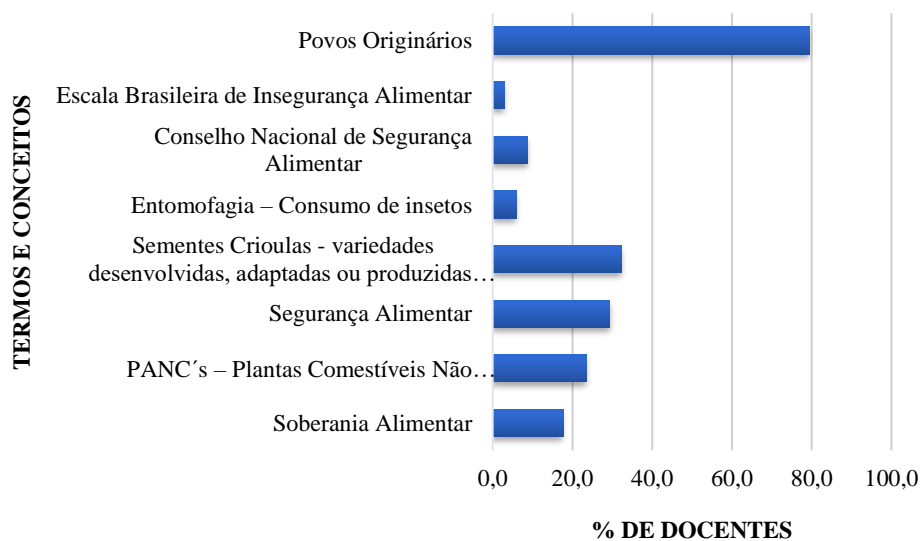
1.8.1 Atividades Iniciais

Perceber o nível de familiaridade que os profissionais da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, público-alvo inicialmente exclusivo, tinham com os conceitos-chave da pesquisa, pareceu algo bem salutar à equipe, fazendo-se necessário a formulação de um questionário, que, segundo Thiollent (1986, p. 64), ao lado de outras técnicas, os questionários convencionais são aplicáveis em maior escala.

Aplicado durante a jornada pedagógica em Fevereiro de 2020. Consistiu no cumprimento da primeira etapa proposta no projeto de pesquisa, como (Auto)diagnóstico, conforme Thiollent (1986). É fase exploratória em descobrir No campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecidos um primeiro levantamento (ou "diagnóstico") da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações (THIOLLENT, 1986. p. 26).

A exposição das duas principais respostas é o que se elenca a seguir (Figura 1), iniciando pelas respostas à primeira pergunta do questionário: *Marque com X as alternativas que trazem conceitos que lhe são familiares ou seja, que você já tenha conhecimentos prévios e ou vivências relacionados a eles.*

Figura 14 – Familiaridade dos docentes com termos e conceitos prévios.

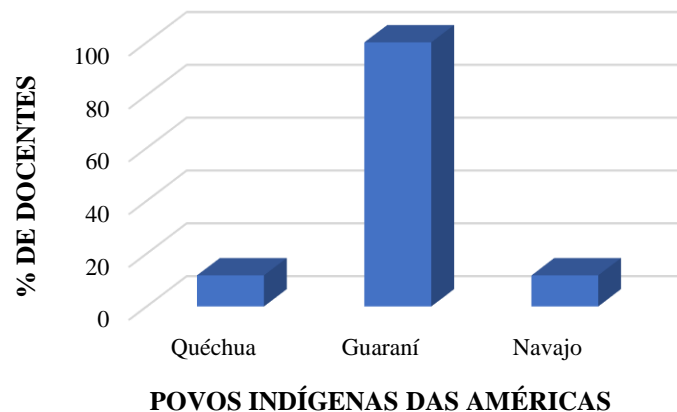


Povos originários é o termo mais conhecido, tendo em vista que, segundo dados fornecidos pela instituição pesquisada, mais de oitenta por cento do professorado da Escola possui graduação, é um resultado bastante coerente, visto que no ambiente acadêmico é comum o termo ao se referir a indígenas. Sementes crioulas vem em seguida, demonstrando-se o termo mais popular no que se refere à opções referentes a alimentos, seguida de PANCs e de forma mais incipiente a entomofagia ou consumo de insetos, evidenciando uma perda, esquecimento ou apagamento dessa prática alimentar entre os indígenas dessa região. Dos termos políticos, o mais conhecido do público alvo é Segurança Alimentar, seguido de Soberania Alimentar, e Conselho de Segurança Alimentar, ficando por último a Escala de Insegurança Alimentar, permitindo o entendimento de uma situação de desconhecimento ou alheamento não apenas dos termos, como também das prática políticas locais e regionais acerca da Segurança Alimentar e Nutricional.

Diante do quadro apresentado, julgou-se totalmente oportuno o intento do projeto de pesquisa: Intercâmbio Pan Americano Indígena e retomada da soberania alimentar sustentável: usos, desusos e abusos das Sementes Crioulas, da Entomofagia, e das Plantas Alimentares Não Convencionais (PANCs) – terminologia da sociedade científica atual - pelos povos ancestrais das Américas pós pandêmicas, podendo ser estabelecida uma interação virtual em rede entre indígenas das três américas, com fins de troca de conhecimentos e de práticas de soberania alimentar comuns ou afins. Motivo pelo qual consta do questionário de pesquisa, a questão sobre o conhecimento ou não, da existência dos povos Quéchua, Navajo e Guaraní (Figura 2), os três povos aldeados mais representativos das Américas em número de habitantes e presença física ao longo dos países que compõem o território em questão. Os Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha têm conhecimento e contato com parentes guaraní, menos de 40% já ouviram falar dos Quéchuas e dos Navajos:



Figura 15 – Percentual de docentes que conhecem os Povos Indígenas Quéchuas, Guaraní e Navajo.



Nesses onze anos de atuação como professora de Língua Inglesa entre os indígenas Pataxó, foi muito comum ver os olhos dos alunos se expandirem exclamativamente frente à afirmativa de que existem indígenas em outros cantos do continente americano:

- Professora, e tem índio nos Estados Unidos?
- Sim. Com certeza.

E a conversa flui acerca das curiosidades advindas da nova descoberta.

Essa percepção cotidiana da minha práxis vem direcionar o desejo de apresentar aos queridos leitores indígenas e não indígenas, uma amplitude de visão e conhecimento acerca da existência e vida cotidiana de Hermanos e Brothers, Parentes, ao longo das Américas.

Com intuito de saber em que medida a alimentação é percebida como instrumento de identificação da etnia e, se esta, se estabelece ou não como ítem de afirmação identitária, o questionário apresentou um elenco de ítems que pudessem ser considerados, podendo ser marcadas todas ou algumas das alternativas a critério do pesquisado:

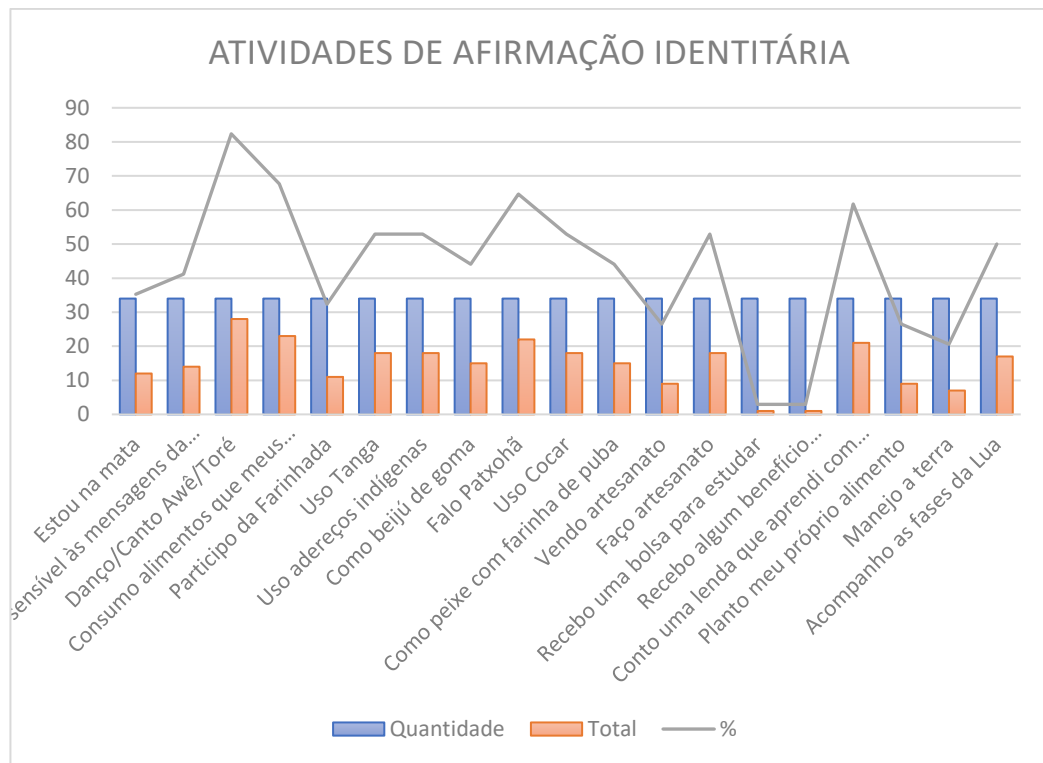
1. Marque todas as alternativas que podem completar a frase: “Sinto que pratico meus conhecimentos e preservo minha identidade indígena quando...”

- () Estou na mata
- () Estou sensível às mensagens da natureza
- () Danço/Canto Awê/Toré
- () Consumo alimentos que meus pais/avós me ensinaram
- () Participo da Farinhada
- () Uso Tanga
- () Uso adereços indígenas
- () Como beijú de goma
- () Falo Patxohã
- () Uso Cocar
- () Como peixe com farinha de puba
- () Vendo artesanato
- () Faço artesanato
- () Recebo uma bolsa para estudar
- () Recebo algum benefício governamental
- () Conto uma lenda que aprendi com meus avós
- () Planto meu próprio alimento
- () Manejo a terra
- () Acompanho as fases da Lua

Cada povo indígena possui tradições culturais próprias, isto é, tem uma história particular, além de possuir práticas e conhecimentos únicos. [...] É por isso que não podemos dizer que existe uma única “cultura indígena”: cada comunidade tem seu modo de ser.¹⁶ O resultado do questionário está demonstrado na Figura 16.

¹⁶ In: <https://mirim.org/o-que-e-ser-indio>. Acesso em: 08 set 2020.

Figura 16 – Resultado do questionário acerca de características identitárias aplicado aos colaboradores indígenas Pataxó.



1.8.1.1 Segurança, Sustentabilidade e Soberania Alimentar: O que se ganha e o que se perde quando o indígena ou povos ancestrais perdem suas origens...

Durante os anos de convivência na aldeia, foi percebido pela autoria, que os principais itens da alimentação indígena Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha é o peixe assado na folha da patioba, comido com farinha de puba - uma farinha grossa, cheia de caroços, conhecida entre os não indígenas como farinha cheia de grolão - e o beiju de goma na palha da patioba, também conhecido como bolo de rolo. Esses itens, embora percebidos como alimentos típicos, não são tidos como itens de afirmação identitária, essa realidade depende-se do percentual apontado pelo gráfico, apenas cerca de cinquenta por cento das pessoas os escolheram, demonstrando uma descaracterização da alimentação como elemento de identificação étnica.

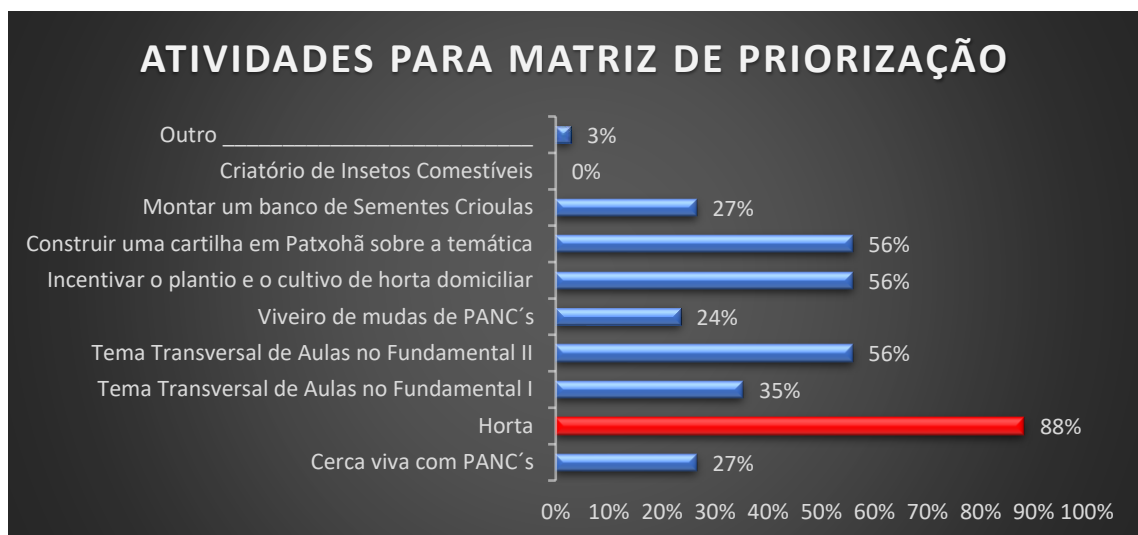
No que diz respeito à produção de alimentos, a participação na farinhada conta

com quarenta por cento, enquanto que, para trinta por cento dos entrevistados, plantar seu próprio alimento consiste em uma atividade de afirmação identitária, o manejo da terra, o é para pouco mais de vinte por cento dos envolvidos. Uma realidade que evidencia uma invisibilidade da alimentação enquanto prática de soberania e segurança alimentar e nutricional.

Pensando nessa possibilidade, foi proposta uma questão que tornou possível coletar dados para a matriz de priorização conforme Zabaleta (2002), presente na proposta metodológica da pesquisa. Nesse espaço, foram eleitas ideias que o grupo sugere adotar para dar início ao resgate da soberania alimentar na aldeia a partir da Escola, conforme ilustrado na Figura 17.

Dados do Conselho de Segurança Alimentar da Bahia – CONSEA-BA, demonstram uma realidade que reafirma o quadro final dessa pesquisa. Poucos municípios baianos têm articulações para a prática interna da segurança alimentar, como o Conselho Municipal de Segurança Alimentar. Destes poucos, ainda um número bem pequeno conseguem manter e/ou desenvolver suas atividades rotineiramente. Ficou subentendida a necessária vontade política, aliada a atuação popular para que as leis redundem em benefício mútuo no interior da sociedade.

Figura 17 – Atividades para matriz de priorização.



1.8.2 Soberania Alimentar na visão indígena

A questão da soberania alimentar ao longo da pesquisa, foi percebida sobre uma outra ótica, enquanto no projeto se afirmava seu conceito como “o direito de cada nação a manter e desenvolver os seus alimentos, tendo em conta a diversidade cultural e produtiva”. (VIVAS, 2017, p. 3), a pesquisa bibliográfica traz o olhar do indígena, que denuncia a impossibilidade do exercício desse direito uma vez que esta está diretamente ligada à questão do território, Márcia Mura, indígena doutora em História Social (USP), afirma: “A soberania alimentar [...] Envolve esse sagrado do alimento, os seus rituais para plantar, de colher, envolve ter território garantido para que essa cultura alimentar seja mantida. É ter esses alimentos livres de veneno e de agrotóxicos” (MURA apud AMANTE, 2020)

Embora não fosse da natureza desse trabalho, registrar a dimensão religiosa da alimentação. Ao sermos confrontados com a realidade da dimensão religiosa da alimentação para os povos Mura, registramos aqui era também ignorada pelos objetivos da pesquisa, no entanto se mostra algo bastante considerável, ponto para ser discutido talvez, a partir da presença/ausência dessa realidade nas etnias estudadas.

Há relação entre a nutrição física e o espiritual na dimensão alimentar indígena, e esse aspecto precisa ser considerado nas políticas alimentares. “O alimento tradicional, além dele nos alimenta fisicamente, também nos alimenta espiritualmente, porque são alimentos dados por, no caso dos Mura do rio Itaparanã por *Namãtuyky*, dos Guarani Mbyá do Jaraguá são alimentos consagrados por *Nhanderu*, e assim cada povo nomeia o seu ente criador que consagra esses alimentos. Então, o alimento tradicional está ligado à nossa ancestralidade, à nossa força física e espiritual. E cada povo traz as suas significações” (MURA apud AMANTE, 2020).

Completando a ideia,

Márcia lembra de um tabu alimentar do Povo Karipuna com quem trabalhou, onde o sagrado define o consumo. “Quando eu trabalhei com a educação escolar indígena, lembro que os Karipuna falaram que não comiam macaco porque era considerado como um irmão deles. Assim também como em outros povos que não comem algum tipo de animal, que considera parente próximo. Os povos indígenas

costumam considerar, faz parte dessa cultura milenar ancestral, de ter essa relação com os animais de uma forma sagrada”. (MURA apud AMANTE, 2020)

Com essa pandemia se agravou muito mais ainda essa questão. Eu vejo que nós só teremos uma alimentação e seremos soberanos quando o nosso povo tiver os seus territórios”, relata Telma Taurepang, professora e coordenadora geral da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) que atua em nove estados da região amazônica. Reside na Terra Indígena Araça, Mangueira, na região do Rio Amajarí, em um território do Povo Taurepang que se estende entre Roraima e a fronteira com a Venezuela e a Guiana Inglesa.

O alimento pra gente sempre teve um olhar de cuidado, mas, a partir do momento que houve uma contaminação dentro dos nossos territórios ou entorno dos nossos territórios com os garimpos, com as grandes plantações que jogam agrotóxico e poluem o nosso solo e a nossa água, hoje, o próprio alimento tradicional está sendo contaminado” (TAUREPANG apud AMANTE, 2020).

Realidade que não pode ser sufocada. Abriu o entendimento a novos olhares, tecendo o que de fato consiste no aprendizado promovido sob uma perspectiva étnico-racial.

A principal atividade econômica da comunidade indígena Coroa Vermelha é o artesanato vendido ao turista. Nesse contexto, as possibilidades de contato com falantes de língua inglesa é alto, o que demanda competência comunicativa para a efetivação da venda de artesanato para esse público.

O mesmo se dá, se, por exemplo, o processo comunicativo em língua inglesa, se tornar necessário em qualquer outro tipo de comércio local, posto que esse absorve mão de obra indígena. Comunicar-se em inglês nesse contexto, torna-se um grande diferencial para o indígena dessa comunidade também para ter acesso à informações de pesquisas realizadas em meio acadêmico eurocentrado.

Bonilla (2021) denuncia em El País, que 95% dos artigos publicados em revistas científicas são feitos em língua inglesa. Uma “Ditadura da Língua”, diz ele. Segundo Nassi-Calò (2016): “O inglês é indubitavelmente a língua franca da ciência

mundial” os artigos em inglês são mais citados que em outros idiomas o que para essa autora se traduz num benefício comum.

Opiniões à parte, ainda que envidemos esforços no estabelecimento de cooperações mais sulistas, e a despeito da década das línguas indígenas promovidas pela Organização das Nações Unidas, essa realidade não se dissipa tão já.

Uma das estratégias mais eficazes nesse sentido, pode ser inclusive falar a língua do opressor como incentiva bel hooks (2017) ao lembrar o impacto das palavras de Adrienne Rich, que ela usa para contextualizar e problematizar a imposição linguística sofrida pelos africanos nos Estados Unidos, dos quais se exigia a pronúncia de um inglês padrão. Assim “existe uma conexão inalterada entre o inglês mal falado do africano deslocado, escravizado, e a diferente fala vernácula negra que o povo negro usa hoje.” Esse é um ponto muito importante, posto que, conclui hooks (2017) “Em ambos os casos, a ruptura do padrão inglês possibilitou e possibilita rebelião e resistência.”

Esse enunciado, pode vir a ser uma realidade no ensino-aprendizagem da língua inglesa na aldeia pataxó Coroa Vermelha, inclusive, as práticas pedagógicas cotidianas, fomentam a construção dessa realidade. Intencionando sempre o incentivo a uma apropriação, um desvelamento, um descortinar, uma quebra da reverência com a qual a língua inglesa é percebida em vários ambientes.

A dinâmica em que o inglês passa de língua do opressor, para língua de resistência por se entrelaçar à língua afro, pode vir a ser um processo padrão para contextos de ensino-aprendizagem de inglês em ambiente intercultural bilíngue. No caso da Escola Indígena Coroa Vermelha por exemplo, o inglês sofre a influência do Patxohã, tornando aquela, uma língua útil, na defesa de seus direitos, inclusive em outros países e espaços, como a Organização das Nações Unidas por exemplo.

A interação entre parentes de etnias norte americanas pode ser também considerada uma salutar vantagem de se dominar o inglês, intercâmbios podem ser promovidos e saberes podem ser partilhados, bem como alianças e cooperações auto protetivas, inclusive, no que diz respeito à soberania e segurança alimentar.

Assim, finalizamos a primeira etapa desta pesquisa que foi desenvolvida a partir das seguintes etapas: 1. levantamento bibliográfico e busca acerca dos hábitos sócio culturais de cada povo; 2. elaboração da cartilha e 3. validação desta por especialistas

no assunto e representantes do público-alvo.

Nessa primeira etapa, foi produzido um memorial descritivo da vida da autora e em seguida uma justificativa de adoção da temática; foram feitas buscas acerca da caracterização da escola e do histórico do ensino de língua inglesa no Brasil, pesquisou-se através de questionário o nível de conhecimento dos agentes da EIPCV sobre o vocabulário da temática, foi levantada a realidade da EREER na EJA em contexto nacional, registrou-se uma breve memória histórica de práticas exitosas nas aulas de língua inglesa, na EJA da EIPCV na última década, realizou-se a busca bibliográfica em meio físico e virtual, também por informações acerca dos povos Quéchuas, Navajos e Guarani, para assim decidir o que necessariamente escrever sobre e como abordá-los no instrumento de ensino.

2 PATXÍXÁ'IRÁ THE CARTILHA – CONSTRUINDO A CARTILHA

A segunda etapa foi a ocorrência da prática da escrita da cartilha, pensada como um instrumento de ensino consumível. Para a qual foi adotado um formato composto de cinco partes: “Você sabia”, “Tempo de pesquisa”, “Você precisa saber”, “Registre sua opinião” e “Dica”. A repetição do formato tem a intenção de facilitar a memorização dos nomes das partes em inglês e assim levá-lo a entender melhor o intuito e o conteúdo de cada lição.

A primeira parte de cada página da cartilha “Você Sabia” é um alerta ao aluno, acerca da possibilidade de ele aprender algo novo, pretendendo chamar e prender a sua atenção. O espaço “Tempo de pesquisa” evoca a importância da prática pedagógica construtivista, intencionando levar o aluno a um espaço-tempo-mundo de aprendizado palpável. Em “Você precisa saber” o aluno deve ser desperto para algo que é necessário à realização de toda a atividade, o propósito é que ele perceba as respostas ou dicas que muitas das vezes esse espaço traz. “Registre sua opinião” é o espaço mais interativo e integrativo. A opinião do aluno é coletada para que ele seja agente da possível mudança que o estudo possa promover. A “Dica” está recheada de opções de interação mais profunda com o assunto abordado. Seja através de livros, sites, artigos ou vídeos, sendo bem provável que haja momentos em que o aluno queira começar a partir desta etapa.

Foram elaborados os textos primando pela clareza e coesão, abordando em seu conteúdo questões de impacto para desencadear pensamentos reflexivos acerca das possíveis posturas a serem discutidas e quiçá, adotadas pela comunidade.

As possibilidades legais e atitudinais foram postas em cheque durante todo o texto. Questões apelativas relevantes foram adotadas a fim de chamar à atenção do leitor à uma postura crítica, como deve ser o ensino decolonial.

À priori, não foi consultado especialista em desenho para confeccionar as figuras, a autoria selecionou através de pesquisas de internet. A intenção era não caricaturar o indígena, que o trabalho fosse atrativo, de fácil compreensão e condizentes com o contexto cultural do público-alvo.


Como possibilidades e caminhos no ensino-aprendizagem da língua inglesa, a aplicação das oito sequências didáticas, revelará novos parâmetros e abrangências ou não deste experimento, a receptividade por parte dos alunos, suas contribuições, suas avaliações serão analisadas e registradas, para melhor compreensão das possibilidades previstas.

Após longas e trabalhosas empreitadas acerca da melhor forma de se assegurar a originalidade do produto final, a cartilha trilingue, foi registrada como capítulo do livro: Educação, Recursos Didáticos, Cotidiano Escolar e Pesquisas em Março de 2021, pela editora Bagai, tendo como organizadora Andreia de Bem Machado. Necessário salientar que à época da publicação a autora ainda utilizava o sobrenome Higino como assinatura, hoje Batista.



Figura 18 – Páginas da cartilha

INDIGENOUS PEOPLE HERE AND THERE



DID YOU KNOW?
That there are indigenous people in the three parts of the American continent?
The American continent is subdivided into South America, Central America and North America. In these three large regions, we have the presence of indigenous people still organized in villages of different ethnicities.


RESEARCH TIME:
Who are the QUECHUAS, NAVAJOS AND GUARANÍS?
After all, where do our relatives live?
NAVAJOS _____
QUECHUA _____
GUARANÍS _____

YOU NEED TO KNOW:
The Quéchua, Navajos and Guarani peoples are the heroes of the resistance, they represent the largest native population in each America. The Navajos in North America, the Quechua in Central America, and the Guarani in South America.

REGISTER YOUR OPINION:
What else would you like to know about the ethnicities that we had studied? As indigenous people, what do we have in common?

ONE TIP! Access the links and find out more about each people:
<https://www.surfingtheplanet.com/en/living-in-a-quechua-community/>
<https://en.ripleyleaves.com/who-are-navajo-people-11226>

EATING TO BE



DID YOU KNOW?
Did you know that the food basis for indigenous people is very similar in each America?
Fishing, as well as the seeds of wild plants and hunting, constituted the food basis for the indigenous or indigenous people of the Americas. Throughout history, agriculture has also become a common practice among them.

RESEARCH TIME:
Write the name of the foods that make up the traditional peoples of the food basis:
QUECHUA _____
NAVARROS _____
GUARANÍS _____

YOU NEED TO KNOW:
Native Americans, pre-Columbian civilizations, and indigenous peoples are nomenclatures given to people and populations who already inhabited the American continent before the entry of European explorers. In North America, they were called Native Americans, in Central America by pre-Columbian people or who lived in that region, before the entry of the Italian navigator Christopher Columbus. In South America, the Indigenous People, since the first Indians, were baptized by Columbus as Indians, because they thought that they had arrived in India, in the Asian continent. Other terms were also used. Do you know some? Record:

REGISTER YOUR OPINION:
What is your village's traditional food basis?


Is your food culture most similar to which people's food culture?
() Navajos () Quechua () Guarani

How much of your food today includes foods from the traditional food basis of your ethnic group?
() 20% () 30% () 50% () 70%

As close as the traditional food is to your daily diet, in your conception, will it be () healthier or () unhealthy?

ONE HINT! Promote a traditional food tasting fair in your village.

YESTERDAY AND TODAY'S FOOD



DID YOU KNOW?
Did you know the difference between the way our ancestors grew food and current agricultural practices?
The corn you eat may contain more or fewer vitamins, depending on how it was grown. As more pesticides, as fewer the vitamins and the more likely, you are to develop body diseases.

RESEARCH TIME:
What kind of agriculture did our ancestors develop?

What are the advantages of traditional agriculture over modern agriculture?


What are GMOs, what are their advantages and disadvantages?

YOU NEED TO KNOW:
Agriculture is the set of techniques used for plant cultivation. There are two types of Agriculture: Traditional Agriculture, also called subsistence or family agriculture, and Modern Agriculture. Agriculture can be developed in its traditional form, which is developed on a small or family-scale, for consumption, without the use of machines and the use of pesticides; and in a more modern way that is developed with the use of machines and a lot of fertilizer, also known as Market Agriculture, Mechanized Agriculture and Specialized Agriculture.

REGISTER YOUR OPINION:
What would be the biggest difficulties you and your family would face when trying to produce food?
() lack of space () lack of time () lack of seeds
What are the chances that you will start producing part of your food?
() home garden () planting in caqueiros type pots () vertical garden
What kind of food would be interesting to grow? () tomato () Beans () Others _____

ONE TIP! Promote a Secret Santa of traditional foods in your village.

FOOD SOVEREIGNTY, WHAT IS IT?



DID YOU KNOW?
Did you know that the First People are considered people who have food sovereignty?
Indigenous peoples have the right to use their methods of food production for community sustainability and food and nutrition security.

RESEARCH TIME:
What is entomophagy?

What are PANCS?

What are creole seeds?

YOU NEED TO KNOW:
Unconventional edible insects and plants are considered by many researchers as a future food alternative. Among the tribes that usually consume insects are the Guarani M'byi, the Kaingang and the Kayapó. The pandemic caused by the COVID-19 virus puts this practice at risk. Research about it!

REGISTER YOUR OPINION:
With the repression in the media that the Coronavirus appeared in China and may have developed from Chinese eating habits, what do you think about eating insects as an alternative food?


Have you ever eaten () pumpkin leaf () Taioba () Ora-pro-nobis () Another PANC _____

What do you about of PANCS, consumption of insects, and Creole seeds? () Bad food () No food () Much better to avoid () poor food _____

Justify your answer:

ONE TIP! Grow an unconventional food plant and add it to your menu.

QUALITY, RIGHT, OR ATTITUDE FEEDING?



DID YOU KNOW?
Did you that, in Brazil, quality food is a constitutional right?
"These are social rights to education, health, food, work, housing, leisure, security, social security, protection for motherhood and childhood, assistance to homeless people, in the form of dismissal". (6th Article of the Federal Constitution, after Constitutional Amendment 64/2010)

RESEARCH TIME: In the Brazilian context of Food Sovereignty, discover the meaning of the acronyms:
LOSAN _____
SISAN _____
CASAN _____
CONSEA _____

YOU NEED TO KNOW:
Food and Nutritional Security consists in the direct realization of everyone to regular and permanent access to quality food, in sufficient quantity, without compromising or accessing the other essential needs, based on health-promoting nutritional practices that respect cultural diversity and that are environmentally, culturally, economically, and socially sustainable. (Brazil - Law 11.346 of 2006 Organic Law on Food and Nutritional Security Art. 3).


REGISTER YOUR OPINION:
In your opinion, as a legal apparatus has already been defined, why then, do so many people in Brazil go hungry, or eat inadequately?

Are you ensuring your food and nutritional security? () Yes () No _____
Justify _____

What has changed in your vision and how can this information impact your community?

ONE TIP! Access the link below and learn more about the National Food Security System. <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direto-a-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan>

TO EAT, TO ACT, AND TO RESIST!



DID YOU KNOW?
Did you know that political participation is necessary to ensure compliance with Food and Nutrition Security laws? Sisan is based on two important principles: social participation and intersectorality, and houses in its legal framework institutionalizations that aim to guarantee these principles.

RESEARCH TIME:
How do social participation and intersectorality take place in Sisan's actions?


YOU NEED TO KNOW:
Advantages of joining Sisan for municipalities:
• Possibility of receiving technical and political support for the implementation and improvement of Sisan's management and its food and nutritional security plans.
• Receive additional points for proposals to support actions and programs included in their respective food and nutrition security plans, when enabled in edicts for the decentralization of resources from federal ministries, as long as their plans meet the criteria and parameters established in Decree no. 7.272, of August 25, 2010.
• Enables the organization and greater participation of civil society in the formulation and implementation of policies related to SAN.
• Facilitates the monitoring and monitoring of SAN indicators, programs, and budget and analysis of the food and nutritional security situation, among others.

REGISTER YOUR OPINION:
Is there legislation on food sovereignty where you live? Justify.

How could you contribute to the compliance of the right to food and nutrition in your municipality?

ONE TIP! Promote a conversation circle in your community about the need to preserve Food Sovereignty.

EVALUATE TO IMPROVE



Do you consider the contents of this booklet
() Relevant () Irrelevant () Indifferent

What lessons have you learned from studying the lessons in this booklet?

What changes did the content of this booklet motivate you to make?
() A greater interest in the topic
() Increase in English vocabulary
() A greater desire for political participation
() A Greater desire to master the English language
() Desire to share the information contained in this booklet
() Change in the way of looking at food in general
() Change of critical perspective about hunger
() Greater awareness of the individual social role of each person for Food and Nutritional Security
() Motivation to adopt small actions as more criteria when choosing food
() Motivation to plant food within the possibilities.
() Greater appreciation of food from family agriculture and small farmers
() Others _____

7.1 EXHIBITION SEMINAR OF CLASS ACTIVITIES BOOKS AND WORKS AND OR IDEAS RAISED ... DATE
_____/_____/_____

8. RESULTS PRESENTATION TO SCHOOL DATE ____/____/_____
Paste photos or register the e-mail address where the event(s) were recorded.

3 VALIDATION DA FAP'BWÁ'KWI – VALIDAÇÃO DA CARTILHA

Na terceira etapa do processo, ocorreram necessariamente os trâmites relativos à validação da cartilha, iniciando-se pela apresentação desta aos alunos. Como a escola ainda estava em aulas remotas, foi consenso entre o coordenador escolar de EJA, os professores das turmas e a autora, o envio da cartilha, em anexo às atividades da unidade; feita uma folha de apresentação com explanação, um questionário e contato telefônico da autoria para estabelecimento de interação, conforme apêndice 4.

O questionário estruturado com cinco questões optativas e uma questão aberta, pretendeu extrair a opinião do aluno inquirindo: 1. Qual a sua primeira impressão da cartilha? 2. Qual o seu primeiro pensamento ao se deparar com os textos em inglês? 3. O que há de mais diferente no conteúdo da matéria nesta unidade? 4. Percebeu que a cartilha estava escrita em uma outra língua também? Conseguiu identificar essa língua? 5. Consideração sobre a exposição do texto também em espanhol. A última questão foi aberta: *Escreva sua opinião sobre ter aulas de inglês, tendo o texto também em espanhol:*

Foram contemplados 25 alunos do 7/8 da Eja nos turnos vespertino e noturno, das turmas dos professores de língua inglesa, Edenildo e Branca. Infelizmente apenas 11 alunos deram retorno das atividades, caso ainda se tratassem de alunos com os quais a autoria tivesse estabelecido contato efetivo de sala de aula, teria se tornado mais fácil, porém já no segundo ano de licença estudo, ficara distante dos alunos atuais; no entanto, considerando-se a realidade pandêmica e a pouca efetividade das aulas remotas em EJA, o percentual de retorno foi visto de forma positiva.

A intenção primeira do estudo que era chamar a atenção para a temática, foi alcançada, quando 45% dos alunos apontam esse item como o diferencial da cartilha, e isso é entendido como algo que lhe chamou a atenção de forma especial, posto que a mesma quantidade de alunos (45%) foi cativado pela exposição do texto em uma terceira língua. Algo muito mais perceptível e alheio à realidade das aulas anteriores.

As respostas à questão 5, que questiona sobre a atitude do aluno quando percebeu que a cartilha estava também em espanhol, denunciaram o quanto o aluno de Eja 7/8 da EIPCV se sente inseguro na hora de empreender o entendimento de uma outra língua escrita. Mesmo que achando interessante (64%) a opção de texto

também em espanhol ele não a explorou. O que pode ser explicitado a partir da análise das respostas à pergunta de número 2, em que (64%) dos alunos assumem que sabem “tão pouca coisa” de inglês. Quanto à percepção de que o texto estava em espanhol 27% encontrou ainda maior dificuldade. Questionados acerca da sua impressão acerca da cartilha, os adjetivos estranha e chata, somados, foram adotados por mais de um terço do alunado (36%), um percentual representativo.

Abaixo expomos, em tabela, o percentual das ocorrências de cada questão optativa, uma realidade da EJA já em períodos letivos ditos normais, que se agrava em tempos pandêmicos. (Tabela 4).

Tabela 4 – Resultados da aplicação da cartilha

QUESTÕES	OCORRÊNCIA DAS RESPOSTAS (%)					
Qual a sua primeira impressão da cartilha?	Estranha 18%	Interessante 64%	Chata 18%	-	-	-
Qual o seu primeiro pensamento ao se deparar com os textos em inglês?	Impossível fazer a atividade 27%	Entendo tão pouca coisa! 64%	Não entendi nada. 9%	Fácil Fácil! 0%	-	-
O que há de mais diferente no conteúdo da matéria nesta unidade?	O tema da cartilha 45%	As atividades 9%	O conteúdo também em espanhol 45%	-	-	-
Quando você abriu a cartilha, você:	Percebeu que estava escrita em uma outra língua, mas não identificou que era espanhol. 36%	Logo percebeu que estava escrita também em espanhol. 36%	Não percebeu que estava escrita em duas línguas. 27%	-	-	-
Quando você percebeu que o conteúdo da cartilha estava também em espanhol você:	Achou que ficaria mais difícil ainda responder às atividades. 27%	Achou que ficaria mais fácil, pois consegue entender mais perguntas em espanhol que em inglês. 36%	Tentou ler a escrita em inglês e deixou o espanhol de lado. 9%	Tentou ler a escrita em espanhol e deixou o inglês de lado. 9%	Tentou traduzir o texto em inglês a partir da leitura do mesmo texto em espanhol. 18%	Não tentou nada. 0%

Apenas cinco alunos manifestaram opinião de forma escrita, repondendo à questão de número 6:

“É bom a cartilha ter menos texto. Tem muito texto pra nós. Mas, achei bom. Muito bom. Pelo menos a gente entende mais.”

“Professora, achei a cartilha muito interessante, mas esse negócio de estudar duas línguas é muito difícil. Agora falar sobre os alimentos eu gostei mais.”

“Eu sabia que tinha mais outra língua, mas, não sabia que era espanhol, depois que fiquei sabendo foi mais fácil, só que me perdi um pouco quando o texto era maior, tem palavra que não dá pra saber aonde tá. Mas, tá muito boa mesmo, se agente soubesse mais ia ser bom”

“Eu não sei muito nem inglês nem espanhol, mas espanhol eu leio mais. Aí eu entendi sobre a alimentação e gostei, acho bom a gente estudar mais.”

“Eu consegui responder tudo porque eu fui ler o espanhol, aí respondi o espanhol, depois eu passei as respostas para o inglês. Foi muito bom. Não sei se tá certo, mas foi muito bom mesmo.”

É perceptível que os alunos que se dispuseram a escrever, foram os que mais se identificaram com a escrita em espanhol. Possível pensar, dada a realidade, que trata-se também de alunos que trabalham em hotel ou com turismo, espaços em que é possível conviver com placas indicativas em mais de uma ou duas línguas.

Após o processo de análise dos dados, acatadas as sugestões dos alunos, a cartilha foi reelaborada, os textos reduzidos e a linguagem reformulada. O que não aconteceu de uma hora para outra, posto que testei positivo para Covid-19 e tive lenta recuperação da capacidade cognitiva; empreendeu-se bastante tempo nessa empreitada.

Foram efetuadas as revisões para adaptação da cartilha ao público EJA. A nova versão, não mais tem a opção em língua espanhola, uma vez que a amostra não foi o suficiente para análise e validação. Não haverá também o espaço para tradução, uma vez que a ideia era promover o entendimento integral do texto através da língua espanhola e depois promover ambiente para tradução na língua indígena da aldeia. Logo, as reformulações deram origem a uma nova cartilha, aqui apresentada.

Após acatadas as sugestões dos alunos, a cartilha foi reelaborada, com muita

dedicação e carinho, originando ao final das contas, uma outra cartilha, mais leve, tão interativa quanto, mas, como foi sugerido, menos densa e mais acessível ao público que se deseja alcançar, conforme Figura (19).

Figura 19 – Cartilha revisada

1. COMER PARA SER

VOCÊ SABIA?

Que a base alimentar para os povos indígenas é muito semelhante em cada uma das Américas?

TEMPO DE PESQUISA:
Escreva o nome dos alimentos que formam a base alimentar dos povos tradicionais:
QUÉCHUA

NAVARROS

GUARANÍS

VOCÊ PRECISA SABER

A pesca, assim como as sementes de plantas silvestres e a caça, constituíram uma base alimentar para os povos indígenas ou indígenas das Américas. Ao longo da história, a agricultura também se tornou prática comum entre eles.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Qual é a base alimentar tradicional da sua aldeia?

Com quais povos a sua cultura alimentar é mais semelhante?
() Navajos () Quéchua () Guaranis
Quanto de sua comida hoje inclui alimentos da base alimentar tradicional de seu grupo étnico?
() 10% () 30% () 50% () 70%
Quanto mais próximo da alimentação tradicional estiver sua alimentação diária, na sua concepção, será:
() mais saudável ou () menos saudável?

UMA DICA! Promova uma feira de degustação de alimentos tradicionais da sua aldeia.

2. COMIDA DE ONTEM E DE HOJE

VOCÊ SABIA?

Que a diferença entre a maneira como nossos ancestrais cultivavam alimentos e as práticas agrícolas atuais?

TEMPO DE PESQUISA:
Que tipo de agricultura nossos ancestrais desenvolveram?

Quais são as vantagens da agricultura tradicional sobre a agricultura moderna?

VOCÊ PRECISA SABER

O milho que você come pode conter mais ou menos vitaminas, dependendo de como foi cultivado. Quanto mais pesticidas, menos vitaminas e maior a probabilidade de desenvolver doenças em seu corpo.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Quais seriam as maiores dificuldades que você e sua família enfrentariam ao tentar produzir alimentos?
() falta de espaço () falta de tempo () falta de sementes

Quais são as chances de você começar a produzir parte de sua comida?
() horta doméstica () plantio em vasos tipo caqueiros () horta vertical

Que tipo de alimento seria interessante cultivar? () tomate () Feijão () Outros

UMA DICA! Promova um amigo secreto de alimentos tradicionais de sua aldeia.

3. SOBERANIA ALIMENTAR, O QUE É?

VOCÊ SABIA?

Que todos países têm direito à soberania alimentar?

TEMPO DE PESQUISA:
Você já ouviu falar em Soberania Alimentar Indígena? () Yes () No
No que consiste a Soberania Alimentar?

No que consiste a Soberania Alimentar Indígena?

VOCÊ PRECISA SABER

Os povos indígenas, como nações que são, têm o direito de usar seus próprios métodos de produção de alimentos para fins de sustentabilidade da comunidade e segurança alimentar e nutricional.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Precisamos de uma lei para nos orientar a forma correta de nos alimentar? Porquê?
() Yes, we need () No we don't need
Because: _____

UMA DICA! Pergunte aos seus familiares e amigos, o que eles sabem sobre Soberania Alimentar Indígena e compartilhe com os seus colegas de classe.

4. SEGURANÇA ALIMENTAR INDÍGENA, O QUE É?

VOCÊ SABIA?

Que, no Brasil, a alimentação de qualidade é um direito constitucional?

TEMPO DE PESQUISA: 1. O que é Segurança Alimentar e Nutricional?

2. No contexto brasileiro de Segurança Alimentar, descubra o significado das siglas:
LOSAN _____
SISAN _____
CAISAN _____
CONSEA _____

VOCÊ PRECISA SABER

A alimentação tradicional das sociedades indígenas é vista como uma dieta saudável e a forma de plantio de seus alimentos são quimicamente mais adequados por não utilizar fertilizantes e adubos químicos, um exemplo positivo para as demais comunidades.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Na sua opinião, porquê apesar da lei que garante a segurança alimentar, muita gente no Brasil passa fome, ou se alimenta inadequadamente?

Você está garantindo sua segurança alimentar e nutricional?
() Sim () Não
Justifique _____

UMA DICA! Acesse o link abaixo e saiba mais sobre o Sistema Nacional de Segurança Alimentar. <http://mda.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-e-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan>

5. COMER, AGIR E RESISTIR!

VOCÊ SABIA?

Que a participação política é necessária para garantir o cumprimento das leis de Segurança Alimentar e Nutricional?

TEMPO DE PESQUISA:
Como se dá a participação social e a intersectorialidade nas ações do Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN)?

VOCÊ PRECISA SABER:

Para receber recursos técnicos e financeiros para a Segurança Alimentar o município precisa formar um Conselho Municipal de Segurança Alimentar, que deve ser formado por representantes de vários setores da sociedade.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Há uma legislação acerca da segurança alimentar onde você mora? Justifique.

Como você poderia contribuir para o cumprimento do direito à alimentação e nutrição no seu município?

UMA DICA! Promova uma roda de conversa em sua comunidade sobre a necessidade de se preservar a Soberania Alimentar.

6. PARTICIPAÇÃO E MUDANÇA!

VOCÊ SABIA?

Que é possível incentivar e participar da criação de um conselho municipal de Segurança Alimentar?

TEMPO DE PESQUISA:
1. Como é formado um Conselho Municipal de Segurança Alimentar?

VOCÊ PRECISA SABER

O município que tem um Conselho reconhecido pelo Sistema Segurança Alimentar Nacional, pode contar com:

- apoio técnico e político
- Recursos dos ministérios federais, desde que seus planos atendam aos critérios e parâmetros estabelecidos no Decreto nº. 7.272, de 25 de agosto de 2010.
- Maior participação da sociedade civil na formulação e implementação de políticas relacionadas à Segurança Alimentar Nacional.
- Análise e monitoramento da situação da segurança alimentar e nutricional da população.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Se o município tivesse recursos para enviar agentes porta a porta para identificar as dificuldades da população em garantir sua segurança alimentar e nutricional, isso faria alguma diferença na qualidade de vida das pessoas da comunidade?

UMA DICA! Descubra quais municípios próximos à sua cidade contam com um Conselho de Segurança Alimentar. Sugira à comunidade escolar que convide um participante para palestrar na Escola.

Não havendo tempo hábil de aplicação da cartilha revisada aos alunos, pois o término já foi no período de férias, optou-se por consultar então, os professores de língua inglesa com expertise em ambiente intercultural indígena, para isso foram contatadas as três professoras do município com essa característica, Marcelle, Edilande e Shirley para serem juízas da validação da cartilha. Sendo indígena, apenas

Edlande, uma Pataxó. A professora Shirley ministra aulas no ensino médio indígena há mais de uma década. A professora Marcelle trabalhou na EIPCV antes da atuação da autora desta pesquisa, e atualmente é professora de língua inglesa para o público não indígena.

Foram convidados também professores e profissionais qualificados, voluntários, simpatizantes da iniciativa, que prontamente se propuseram a auxiliar, como a professora da rede estadual, especialista em Língua Inglesa, Marama, a Analista de projetos indígenas na Superintendência de Assuntos Indígenas da cidade de Porto Seguro, Qelia Dias, a especialista em educação especial de alunos indígenas, Rosenete Fulni ô, a anciã, primeira professora indígena da Aldeia e da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, Alzira Ferreira. A aluna Maria Aparecida, estudante do 7/8 turno noturno, com o professor Edenildo, representou os alunos.

É de uma conversa com Marcelle que vem o incentivo para produzir uma cartilha também para o público não indígena e então a lembrança das falas do professor Casé na banca de qualificação reforçam a ideia. Sim. De fato, talvez isso seja possível, conjecturei; talvez um instrumento que pudesse ser difusor da cultura indígena contemplando a questão da alimentação. Debrucei-me sobre esse processo e então foi alinhavado o instrumento que ora se apresenta na figura (20).

O padrão estrutural de tópicos foi mantido, no entanto, foi dado maior espaço à apresentação acerca dos povos e cultura indígenas: sendo seus tópicos 1. *Indígenas Aqui, ali e acolá*, traz o entendimento de que há indígenas em outras partes do continente, e que a sua presença não é uma ocorrência endógena como muitos podem acreditar 2. *Quantos nomes para um só povo*, ressalta dicas de quão discriminatória pode ser uma atitude ignorante para com os indígenas. 3. *Pelo quê os indígenas lutam?*, amplia o conhecimento do aluno acerca das causas que levaram o indígena a estar sempre pleiteando direitos usurpados. 4. *Indígenas Aldeados e Indígenas sem aldeia*, reforça a necessidade de terra e território para que as nações indígenas possam viver com soberania e segurança alimentar. 5. *O indígena que eu quero ver*, traz uma temática muito recorrente na realidade pataxó de Coroa Vermelha, a busca de turista e até mesmo de moradores, pela figura do índio genérico, o índio pré conceituado pelo colonialismo desde o século XVI. 6. Um povo que sabe produzir alimento, nesse ítem especificamente consegue-se abordar a contribuição indígena para a segurança alimentar. 7. Avaliar para Melhorar. Esse espaço é reservado à ítems

de avaliação do produto apresentado.

Como dá para perceber através dos tópicos, promove-se uma apresentação paulatina dos povos, da cultura e das questões inerentes a estes. Uma introdução elucidativa necessária, uma sensibilização do olhar estudantil para os povos ancestrais visando desconstruir preconceitos, romper barreiras e estabelecer pontes de aprendizado intercultural multilíngue, representado na Figura (20).

Figura 20 – Cartilha para não-indígenas

1. INDÍGENAS AQUI, ALI E ACOLÁ

VOCÊ SABIA?

Que existem indígenas nas três partes do continente americano?

HORA DA PESQUISA:
RESPONDA ÀS PERGUNTAS ABAIXO EM INGLÊS:

1. Em que parte do continente americano você mora?
2. Existem indígenas próximos de onde você vive? () Yes () No
3. Se existe, qual a etnia?
4. Como você os vê? () Estranhos () Diferentes () Suspeitos () feios () bonitos () Outros:
5. Onde e quando você tem ou teve contato com indígenas?
6. Você acredita que os indígenas falam todos a mesma língua? () yes () No
7. Existem indígenas nos Estados Unidos e na Argentina? () yes () No
8. Os indígenas são todos iguais? () Yes () No

VOCÊ PRECISA SABER:

O continente americano está subdividido em América do Sul, América Central e América do Norte. Nestes três grandes espaços temos a presença de indígenas ainda organizados em aldeias de diferentes etnias.

Reescreva as palavras que estão em negrito no texto, em inglês, na ordem em que se apresentam no dicionário:

UMA DICA! Acesse os links e descubra mais. <https://pib.socioambiental.org/https://indigepetrop.org.br/rito-filmes-com-a-tematica-indigena-para-ver-na-quarentena/>

2. QUANTOS NOMES PARA UM SÓ POVO...

VOCÊ SABIA?

Que as palavras povos originários, povos ancestrais, índios, nativos, caboclos, cabocos, pardos, povos aborígenes, autóctones, todas se referem aos indígenas?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Porque os habitantes do Brasil foram chamados de índios pelos portugueses?
2. O termo "índio" é adequado para nomear os povos que já existiam em nosso país?
3. Como devemos nos referir aos povos nativos do Brasil?

VOCÊ PRECISA SABER:

Os povos indígenas sofrem muito preconceito.

REGISTRE SUA OPINIÃO. Você conhece outras palavras para se referir aos povos indígenas? Alguma delas é ofensiva? Qual a sua opinião sobre isso?

UMA DICA! Evite palavras e frases como "programa de índio" "tribo" "índio" "a cultura do indígena é atrasada" "Não existe mais índio verdadeiro" "tudo começou em 1500" dentre outras. <https://www.youtube.com/watch?v=xv0QznkQdw> assisa e descubra. (colocar Professor Edson Kayapó desmistifica conceitos indígenas vídeo Qr code. Tem como colocar? <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/05/nao-existem-ndios-no-brasil-disse-indigena-em-abertura-de-congresso.html> Daniel Munduruku

3. PELO QUE OS INDÍGENAS LUTAM?

VOCÊ SABIA?

Que luta é uma palavra muito presente no vocabulário indígena?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Qual a maior demanda, atualmente, dos povos indígenas do Brasil?

VOCÊ PRECISA SABER:

Os indígenas lutam até hoje, pela sobrevivência de suas etnias, combatendo tentativas de apagamento da sua história e a negação de sua existência.

REGISTRE SUA OPINIÃO. 1. Se você perdesse um anel muito valioso e visse diariamente alguém usando ele, o que você faria?

2. Como você enxerga a luta indígena? O que você realmente sabe sobre isso?

Considere a afirmativa e opine:

1. Se os indígenas fossem completamente extintos, então, a dívida de invasão das suas terras deixaria de existir. Quem poderia estar interessado nessa extinção?

DICA! <https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s> Os indígenas Raízes do Brasil

4. INDÍGENAS ALDEIADOS E INDÍGENAS SEM ALDEIA

VOCÊ SABIA?

Que a posse da terra influencia na qualidade de vida dos povos originários?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Qual a importância da terra para as sociedades originárias?
2. Que relação esses povos estabelecem com a terra?

VOCÊ PRECISA SABER:

São comuns os conflitos como tentativas de parar a exploração nas terras indígenas. Jornais internacionais como CNN e The New York Times, veicularam que o ano de 2020 foi o ano recorde de assassinatos de indígenas no Brasil.

REGISTRE SUA OPINIÃO. Se os indígenas eram donos de todas as terras do território nacional brasileiro, determinar o que é e o que não é terra indígena foi um ato arbitrário? Justifique:

UMA DICA! Compartilhe com colegas os endereços abaixo:
<https://www.brasildifato.com.br/2021/03/22/terras-nao-demarcadas-dificultam-acesso-de-indigenas-a-vacina-e-politicas-publicas>
<https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-tem-maior-numero-de-indigenas-assassinados-em-25-anos-2525543#...text=5%3%830%20PAULO%20%2D%200%20n%C3%BAmero%20de,%20e,%20de%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20em%201995>
<https://www.cmba.org.br/nacional/invasoes-a-terras-indigenas-aumentam-em-2020-a-mortes-tem-alta-de-63/> É possível incluir os Qr codes?

5. O INDÍGENA QUE EU QUERO VER

VOCÊ SABIA?

Que é sinônimo de ignorância esperar que a pessoa indígena apresente uma imagem física e comportamental de acordo com as figuras dos antigos livros de história?

TEMPO DE PESQUISA:

Descreva os povos citados abaixo:

Ainu - Japão _____

Navajos - EUA _____

Quéchuas - América do Sul _____

Pgmeus - África do Sul _____

Guarani - Brasil e América do Sul _____

VOCÊ PRECISA SABER:

Os indígenas de um modo geral, adotaram práticas atuais de vivência. Têm acesso à tecnologia, e, muitos não restringem seus relacionamentos afetivos às pessoas de etnias indígenas.

REGISTRE SUA OPINIÃO

1. Você tem uma imagem mental da aparência física ideal do indígena? () Yes () No
2. Descreva em inglês, a aparência física que você tem da pessoa indígena.
3. Como você se sente ao se deparar com uma pessoa indígena com aparência bem diferente das que você esperava?
4. O que você pensa quando vê um indígena dirigindo um automóvel caro?

UMA DICA! Construa um painel com imagens de indígenas dos Estados Unidos, da Austrália, do Japão, do Chile, da África Central e do Brasil. Exponha para a sua classe.

6. UM POVO QUE SABE PRODUZIR ALIMENTO

VOCÊ SABIA?

Que a alimentação de qualidade é um direito de todo cidadão brasileiro?

TEMPO DE PESQUISA:

Qual a diferença entre Soberania e Segurança Alimentar Indígena?

VOCÊ PRECISA SABER:

As nações indígenas brasileiras, tradicionalmente, cultivam seus alimentos promovendo menor impacto ambiental. São conhecidos como guardiões das florestas, por conseguirem sobreviver em harmonia com a natureza.

REGISTRE SUA OPINIÃO. O Brasil é um dos grandes consumidores de agrotóxicos. Como você acredita que isso impacta a qualidade da comida que você consome?

Com a demarcação de mais terras indígenas, seria possível mais agricultura sustentável?

UMA DICA! <https://mis-my.facebook.com/tvuesonline/videos/s%3%A3o-j%C3%A3o-dos-povos-da-terra/330676907843047/>
<https://www.nytimes.com/pt/2020/04/19/world/americas/bolsonaro-brasil-amazonia-indigenas-funai.html>

A análise das interações foi efetuada, calculando-se o índice de validade de conteúdo (IVC), esse método emprega escala tipo Likert¹⁷ com pontuação de um a cinco e baseia-se nas respostas dos juízes com relação ao grau de adequação de cada item, assim, estes poderiam classificar a cartilha como: (1) Sem opinião, (2) Inadequada, (3) Parcialmente adequada, (4) Adequada, (5) Totalmente Adequada.

O Cálculo do IVC seguiu as orientações de somar as respostas **4 e 5** dos voluntários e dividir o resultado dessa soma pelo número total de respostas obtidas para o item, (conforme postagem do site psicometria on-line).

Desta forma, foi verificado um nível de aprovação de 100%, Porém, alguns dos especialistas, mesmo avaliando bem os itens, fizeram sugestão para melhoria da cartilha para não indígenas, em relação ao conteúdo, pedindo a inserção de atividades em que pudessem ser trabalhados nomes de alimentos tradicionais. Essa proposta foi analisada e acatada, ficando a versão pós-validação 13 páginas. Ao final da validação de aparência e conteúdo pelos juízes, foi contatada a design e implementadas as sugestões.

As cartilhas foram elaboradas em tamanho de papel A4 (297x210 mm) constituído por 10 páginas, a cartilha para indígenas, e 13 páginas para não indígenas. A diagramação foi feita com o programa não atualizável, Canvas, uma cortesia da design gráfico Carol Santos. As versões em inglês foram validadas pela tradutora Adriana Quint, certificada do CELTA (Certificate of English Learning Teaching to adults) pela Cambridge University, professora do Instituto de Línguas da Universidade Adventista de São Paulo. O título “Let’s talk about security food?” é para a cartilha direcionada a indígenas e “Food Security: Indigenous Contribution” para o público não indígena,

Dr. Milton Ferreira da Silva Junior prefacia a cartilha para indígenas e Dra. Amanda Post, assina a Resenha final. Na Cartilha para não indígenas, a professora mestranda da UESC, Marama Sarubi assina a resenha final e Rayô Pataxó, mestranda PPGER o prefácio, no Apêndice encontra-se as duas cartilhas, expostas na íntegra.

¹⁷ Produto do educador e psicólogo Rensis Likert, combina estatística à psicologia. Uma escala com descrições verbais que contempla extremos – como “concordo totalmente” e “discordo totalmente.”

4 NOTAS (IN)CONCLUSAS

Os desafios pandêmicos foram superados, a saúde resistiu, as demandas familiares foram conciliadas e uma conclusão de curso em Direito colocou sorrisos nos lábios dos parentes. Hoje temos um primeiro escrevente, estudioso das implicações legais e sociais do parcelamento irregular do solo atuando à todo vapor. Com o pé no primeiro step da faculdade de Engenharia da computação está o rapaz outrora apavorado pela perda do pai e pelas deficiências de aprendizado em função do surto de Covid. Ainda na fila de espera pela resposta da instituição à solicitação de ação de seguro de vida para quitação da casa, mas com muita esperança de positiva resposta. Familiares vêm e vão para a europa com mais tranquilidade.

Tudo parece se acomodar, o coração bate mais tranquilo e as respostas se apresentam pacíficas, possibilitando a acomodação psicoemocional adequada à prática das atividades finais dessa escrita, como um lembrete de que luta, na maioria das vezes vem conjugada no plural nas vidas interseccionadas pelos desafios sócioeconômicos.

A abrangência da temática dessa pesquisa, promoveu volumosa correnteza de informações, que a fez desaguar em um mar de possibilidades; necessário se fez muita reflexão, leitura, releitura, aprendizado e reaprendizado para efetuar o recorte adequado às expectativas e obrigações da autoria frente à oportunidade oferecida através da licença para a efetivação desse curso e às restrições promovidas pela pandemia da COVID-19.

Frequentar eventos de grupos de promoção da agoecologia foi uma das primeiras atividades, estudar as leis inerentes ao projeto, pesquisar sobre os COMSEAS, buscar a realidade alimentar de cada etnia e pensar a dimensão, formatação e apresentação da cartilha foram ações constantes que abriram possibilidades para encaminhamento de novas pesquisas, que poderiam se adequar à área da saúde, da psicologia, da agricultura, agronomia, educação e ensino. Como assim?! Essa história de pensar o consumo de sementes crioulas, de insetos e de plantas alimentares não-convencionais para discutir a segurança alimentar e o ensino de LI, abrangendo etnias das américas foi algo realmente desafiador.

Como a visão de um telescópio, informações eram aproximadas e afastadas, para se chegar à eleição do formato da cartilha, como produto principal, utilizando o espanhol como ponte, com abertura para a valorização da língua indígena da etnia envolvida. Assim foi promovida a imagem final do encaminhamento da pesquisa, trazida para o campo do

ensino-aprendizagem o qual demandou novos estudos.

Algumas ideias tiveram que ficar à margem, muitas conjecturações tiveram que ser deixadas e expectativas abandonadas. O Intercâmbio? Ficou no campo da proposição, do incentivo mediante apresentação textual da cartilha para indígenas, quem sabe até através do próprio facebook da instituição. E o texto em espanhol? As sementes crioulas, as PANCs e a entomofagia, seguiram o mesmo caminho.

Por entender que a forma de exposição da cartilha ao aluno, não foi frutuosa, a autoria descarta a ideia de continuar com a oferta do texto também em língua espanhola, deixando esse empreendimento quiçá, para uma pesquisa de doutorado.

Diante das muitas possibilidades que a aplicação das cartilhas pode vir a promover, a mais esperada é que, venha a surgir o interesse em traduzir seu conteúdo para a língua indígena, posto que é uma atividade totalmente alheia à vontade da autoria, dependendo estritamente dos anciãos pesquisadores da língua mãe da aldeia.

Muito ainda precisa ser dito acerca da importância da temática e da necessidade de envolvimento social acerca dela. Como tônica de abrangência global, envolve ações da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF), do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (WFP), da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), que juntos produziram O relatório O Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo (SOFI) 2021, segundo o qual, há 60 milhões de pessoas subalimentadas na América Latina e Caribe. Denunciando a prevalência de uma insegurança alimentar de moderada a grave no globo, afirmando que o maior número de vítimas é do sexo feminino.

Anemia, atraso no crescimento infantil, subpeso, diabetes e sobrepeso são algumas das implicações da subnutrição causada pela violação do direito à segurança alimentar. A meta de vencer esses desafios até 2030 está longe de ser cumprida, apesar dos cinco anos de empreitada já ocorridos. O processo pandêmico pode ser culpabilizado, no entanto, não isenta a necessidade de uma reforma nos sistemas agroalimentares, a falta de responsabilização ou de medidas que limitam as propagandas midiáticas de comidas de pouco valor nutricional com apelo ao público infantil, a economia de mercado que dita o uso de agrotóxicos e a má distribuição interna do alimento em função da malha viária, mudanças climáticas, má distribuição de renda, dentre outros, são fatores que ampliam os desafios para os próximos e últimos cinco anos para cumprimento da meta de

erradicação da fome no mundo e conseqüente garantia da segurança alimentar mundial.

Encerra-se essa pesquisa, gratos e esperançados. Satisfeitos em romper tantas barreiras. Felizes pelo crescimento que a pesquisa proporcionou e certos de que um embrião de mudança acabou de ser gerado. Mudamos com mais informações sobre a temática, mudamos com a colaboração mútua desenvolvida, mudamos com a presença física de um corpo vibrante que é a cartilha, fruto dessa empreitada, mudamos quando vencemos a COVID-19 (meu caso), mudamos e havemos de mudar no ritmo contínuo de resistência e re(e)xistência, vamos comer, vamos ser, e, parafraseando Gonzaguinha, num estilo bem Lucicleia de ministrar aulas de inglês: Txuháp lá make o que será!

Muká Mukaú!!! Unite Reunite!!! Unir Reunir!!! É o cântico que nossas vozes ecoam.... Kahab txê Siratã!

Apiba - acabou



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Z. A. As relações étnico-raciais negra e indígena na escola: possibilidades de ações pedagógicas reduzindo o preconceito. #Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014. <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1856> Acesso em 04 de abril de 2021

ALVES, C. S. **A chegada da energia elétrica e as mudanças nos hábitos alimentares do Povo Pataxó da Aldeia de Barra Velha – BA**. Percurso acadêmico apresentado no âmbito do curso de licenciatura em Formação Intercultural para Educadores indígenas, habilitação em Ciências da Vida e da Natureza, da Faculdade de Educação da universidade Federal de Minas Gerais. 2019.

AMANTE, V. Mulheres Indígenas na Pandemia. Filhas da Terra: soberania alimentar indígena é território demarcado. **Catarinas**, Florianópolis, 04 set. 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/filhas-da-terra-soberania-alimentar-indigena-e-territorio-demarcado/>. Acesso em 19 dez. 2020.

ARROYO, M. A Educação de Jovens e Adultos em Tempos de Exclusão. In: **Construção coletiva: Contribuições à Educação de Jovens e adultos**. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAB. 2008. 362p. (Coleção Educação Para Todos). Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/178642/mod_resource/content/1/11.%20A%20EJA%20em%20tempos%20de%20exclus%C3%A3o.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

AZEVEDO, M.; BRAND, A.; HECK, E.; PEREIRA, L. M.; MELIÁ, B. Guarani Retã 2008: Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. **Caderno. Ed. Bartomeu Meliá**. 2008. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/guarani-reta-2008-povos-guarani-na-fronteira-argentina-brasil-e-paraguai>. Acesso em: 20 jul. 2021

BAINES. S. G. **As chamadas "aldeias urbanas" ou índios na cidade**. 2004. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto55/FO-CX-55-3502-2006.PDF> Acesso em 31 ago. 2021.

BARRETO, R. Fotografia do Cruzeiro de Porto Seguro / Coroa Vermelha. **Turismo Bahia. 2008**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/turismobahia/4155010315>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BOMFIM, A. R. **Aldeia indígena Pataxó de Coroa Vermelha : uma comunidade pluriativa, um sítio simbólico de pertencimento**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021. 141 fl. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/33131/1/Tese_Antnio_DMMDC.pdf.

BRASIL. Agência Senado. **Brasil tem 11 milhões de analfabetos, aponta IBGE**. 13 nov. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar. **Lei nº 11.346**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Brasília: D. O. U., 15 set. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria De Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília : 1998. 120 p. Disponível em: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-09-lingua-estrangeira.pdf>. Acesso em 05 mar. 2019.

CARVALHO, M. R. e MIRANDA, S. **Pataxó**. Verbete site Povos Indígenas do Brasil, 2013. Instituto Sócio Ambiental. Disponível em: <https://www.pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>. Acesso em 31 ago. 2021.

CASTRO, V. **Araweté**. Povos Indígenas no Brasil. ISA. 23 jan. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Arawet%C3%A9>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CISNEIROS, A. G. **Quíchua Ayacuchano: panorama sociohistórico, linguístico e educacional**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2020. Disponível em: 2020_ArmandoGutiérrezCisneros.pdf (unb.br). Acesso em 14 set. 2021.

COROA Vermelha está virando favela. **Jornal A Tarde**, 23 nov. 2003. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/noticia/10393>. Acesso em: 12 jan. 2022.

COUTO, G. Primeira aldeia urbana da Capital agora é só mais um bairro. In: **Correio do Estado**. 2019. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/cidades/campo-grande/primeira-aldeia-urbana-da-capital-agora-e-so-mais-um-bairro/344680/>. Acesso em: 11 jun 2019.

DECLARAÇÃO Mundial sobre Educação para Todos. Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Jomtiem, 05 a 09 de março de 1990. # Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014. 8 jul. 2010.

FREITAS, A. C.; SILVA, M. A. C. M. B. Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada** [online]. 1998, v. 14, n. 2, p. 489-492. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000200011>. Epub 21 Jan 2000. Acesso em 20 jul. 2021.

GIRON, K. **Traditional Navajo Homes: The Hogan**. 2020. Disponível em: <https://www.hhhhistory.com/2020/01/navajo-hogan-by-kaldari-own-work-cc0.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

HADDAD, S.; DIPIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai-ago 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/abstract/?lang=pt> Acesso em: 24 jun. 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-Krenak-Ailton.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2020.

LIMA, D. **Como começou o Ensino de Inglês no Brasil**. Blog. 18 mar 2017. Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2017/03/como-comecou-o-ensino-de-ingles-no-brasil.html> Acesso em 05 maio 2021.

MELO, D. C. S. K. T. **Escolas Mbyá Guarani na Bienal do Mercosul: reflexões sobre educação e estética decolonial**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

MIRAGAIA, Marília. Como se Come na Tribo. **Estadão**. São Paulo, 29 out.2014. Disponível em: <https://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,como-se-come-na-tribo,10000008381#:~:text=Um%20pequeno%20e%20ainda%20disperso,e%20cole%20de%20plantas%20silvestres>. Acesso em: 12 nov. 2020

MONUMENTO da Cruz onde se rezou a primeira missa. **TripAdvisor**, 2021. Disponível em: https://ar.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g2349553-d2414369-i141589128-Coroa_Vermelha_Beach-Santa_Cruz_Cabralia_State_of_Bahia.html. Acesso em: 12 jan. 2022.

PERALTA, A. Campanha Guarani. **Povos Indígenas no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PERIN, J. O. R. Ensino/aprendizagem de inglês em escolas públicas: um estudo etnográfico. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 25, n. 1, p. 113-118, 15 abr. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2203>. Acesso em: 04 dez. 2020.

PORTAL São Francisco. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/culinaria/culinaria-peruana>. Acesso em: 03 dez. 2020.

QUÉCHUA, a língua dos Incas. 2020. Disponível em: <https://www.ingressomachupicchu.com/quechua-lingua-dos-incas/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

REGO, A. **“Uma aldeia diferenciada”: Conflitos e sua administração em Coroa Vermelha/BA**. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

ROCHA, A. K. S. **Prevalência da Síndrome Metabólica no Envelhecimento Indígena**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://repositorio>.

pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3691/1/000419692-Texto%2BCompleto-0.pdf.
Acesso em 20 jul. 2021.

ROSSATO, V. As diferentes metodologias de ensino da língua inglesa em diferentes segmentos de ensino. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n 01. 2012. Disponível em: [http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article /view/562](http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/562)
Acesso em: 21 abr. 2021.

SAAVEDRA, L. P.; CÂMARA, S. Desnutrição infantil em indígenas Mbyá-Guarani: estudo etnoepidemiológico. **R. bras. Med. Fam. e Comun.**, v. 5, n. 17, p. 24-32, jan-dez 2010. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/08/880990/199-texto-do-artigo-610-1-10-20110324.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021

SANTOS, J. A. Conquistas de Direitos, Cotidianos das Diferenças: Leis 10.639/03 e 11.645/08. In: IX Fórum FAPA, Porto Alegre. 2010. Palestra Inaugural. # Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/arthu/Downloads/1856-Texto%20do%20artigo-5743-1-10-20140620%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/arthu/Downloads/1856-Texto%20do%20artigo-5743-1-10-20140620%20(1).pdf). Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, M. A. T. **Saberes docentes construídos na prática pedagógica de professores da EJA Indígena Potiguará na Baía da Traição – PB**. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9769>. Acesso em: 21 jun. 2021.

TERRA Indígena Coroa Vermelha. Pataxó. **Terras Indígenas no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3651>. Acesso em: 12 jan. 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. Disponível em: https://www.academia.edu/32028417/Metodologia_Da_Pesquisa_Acao_Michel_Thiolleant. Acesso em: 13 maio 2021.

VIVAS, E. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. Disponível em: <https://www.expressaopopular.com.br/loja/wp-content/uploads/2020/06/o-negocio-da-comida.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.

WALKER, M. Pandemic Highlights Deep-Rooted Problems in Indian Health Service. **The New York Times**, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/09/29/us/politics/coronavirus-indian-health-service.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ZABALETA, J. P. L. **Matriz De Priorização: Uma Ferramenta Para Estabelecer Prioridades**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2002. 40p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos,78). ISSN 1516-8840. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/31652/1/documento-78.pdf>. Acesso em: 03 maio 2019.

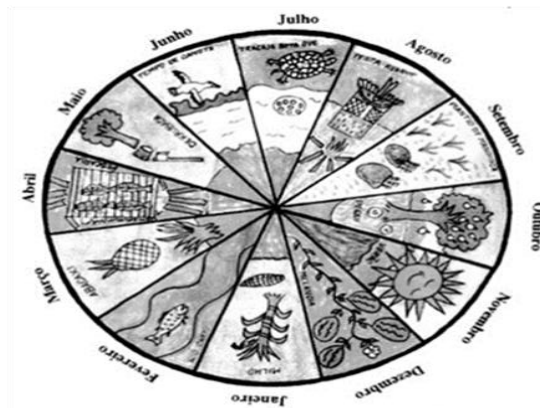
APÊNDICES



APÊNDICE 1 – CARTILHAS – Informações acerca de revisores e imagens ainda em processo.

1.1 Cartilha integral Original

YESTERDAY AND TODAY'S FOOD **LA COMIDA DE AYER, E LA DE HOY**



Lucicleia Santos Batista

PREFÁCIO

A presente cartilha pretende nortear discussões intra e extraclasse a respeito dos hábitos alimentares de diversas etnias indígenas pan-americanas. Notadamente no que os refere como elementos estruturantes de suas identidades étnicas.

Pretende estimular uma autonomia em pesquisas bibliográficas e de campo, na medida das limitações pandêmicas, pela comunidade étnica frequentadora dos cursos de línguas não vernaculares da formação oficial.

Busca “brechas inter étnico linguísticas” nas convergências daqueles hábitos e a reafirmação identitária, por vezes esquecidos ou desconhecidos das gerações quanto aos usos no consumo ancestral comestível e medicinal, por vezes, de insetos, animais silvestres, vegetais e tantos outros seres vivos, de ignorância urbana crassa...

Seu teste educacional e popularização paulatina poderá reconstituir, passo a passo, uma memória esvanecida e substituída por uma alimentação industrializada desestruturadora da identidade étnica dos parentes daqui e de além mar. Ao mesmo tempo que oportunizará um melhor domínio e aprendizagem significativa de línguas não vernaculares articulando esses povos globalmente, nas suas lutas pela conservação de suas memórias a respeito de si.

Dr. Milton Ferreira da Silva Junior

Eng. Agrônomo (UFRPE) / Esp. Gestão Ambiental (GTZ) / MSc Sociologia Rural (UFRGS) / Dr. Educação (UFBA) – Professor Universidade Federal Sul da Bahia (UFSB) Campus Jorge Amado – Itabuna - Bahia



ÍNDICE

1	INDIGENOUS PEOPLE HERE AND THERE	04
2	EATING TO BE	05
3	YESTERDAY AND TODAY'S FOOD	06
4	FOOD SOVEREIGNTY, WHAT IS IT?	07
5	QUALITY	08
6	TO EAT, TO ACT AND TO RESIST	09
7	EVALUATE TO IMPROVE	10
8	CAN YOU READ SPANISH?	11
9	PUEBLOS INDÍGENAS AQUÍ, ALLÁ Y ALLÁ	12
10	COMER PARA SER	13
11	LA COMIDA DE AYER E DE HOY	14
12	SOBERANIA ALIMENTARIA, QUE ES?	15
13	ALIMENTACIÓN DE CALIDAD, DERECHO O ACTITUD	16
14	COMER, ACTUAR Y RESISTIR	17
15	EVALUAR PARA MEJORAR	18
16	NOW IS IT TURN, TRANSLATE YOUR BOOKLET INTO THE LANGUAGE OF YOUR PREFERENCE	19
17	TRADUCTION SPACE	20





INDIGENOUS PEOPLE HERE AND THERE

DID YOU KNOW?

That there are indigenous people in the three parts of the American continent?

The American continent is subdivided into South America, Central America and North America. In these three large regions, we have the presence of indigenous people still organized in villages of different ethnicities.

RESEARCH TIME:

Who are the QUÉCHUAS, NAVAJOS AND GUARANÍS?

After all, where do our relatives live?



NAVAJOS _____

QUÉCHUA _____

GUARANÍS _____

YOU NEED TO KNOW:

The Quéchua, Navajos and Guarani peoples are the heroes of the resistance, they represent the largest native population in each America. The Navajos in North America, the Quechua in Central America, and the Guarani in South America.

REGISTER YOUR OPINION:

What else would you like to know about the ethnicities that we had studied? As indigenous people, what do we have in common?



ONE TIP! Access the links and find out more about each people:

<https://www.surfingtheplanet.com/en/living-in-a-quechua-community/>

<https://en.ripleybelieves.com/who-are-navajo-people-11226>





EATING TO BE



DID YOU KNOW?

Did you know that the food basis for indigenous people is very similar in each America?

Fishing, as well as the seeds of wild plants and hunting, constituted the food basis for the indigenous or indigenous people of the Americas. Throughout history, agriculture has also become a common practice among them.

RESEARCH TIME:

Write the name of the foods that make up the traditional peoples of the food basis:

QUÉCHUA _____

NAVARROS _____

GUARANÍS _____

YOU NEED TO KNOW

Native Americans, pre-Columbian civilizations, and indigenous peoples are nomenclatures given to people and populations who already inhabited the American continent before the entry of European explorers. In North America, they were called Native Americans, in Central America by pre-Columbian people or who lived in that region, before the entry of the Italian navigator Christopher Columbus. In South America, the Indigenous People, since the first Indians, were baptized by Columbus as Indians, because they thought that they had arrived in India, in the Asian continent. Other terms were also used. Do you know some? Record:

REGISTER YOUR OPINION.

What is your village's traditional food basis?



Is your food culture most similar to which people's food culture?

() Navajos () Quechua () Guaranis

How much of your food today includes foods from the traditional food basis of your ethnic group? (

) 10% () 30% () 50% () 70%

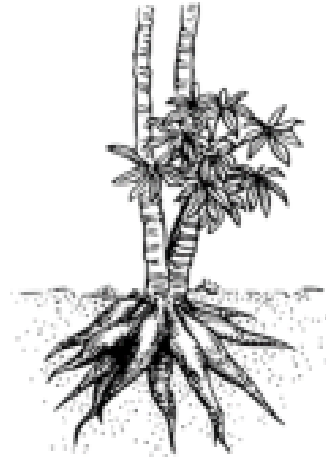
As closer, the traditional food is to your daily diet, in your conception, will it be () healthier or () unhealthy?

ONE HINT! Promote a traditional food tasting fair in your village.





YESTERDAY AND TODAY'S FOOD



DID YOU KNOW?

Did you know the difference between the way our ancestors grew food and current agricultural practices?

The corn you eat may contain more or fewer vitamins, depending on how it was grown. As more pesticides, as fewer the vitamins and the more likely, you are to develop body diseases.

RESEARCH TIME:

What kind of agriculture did our ancestors develop?

What are the advantages of traditional agriculture over modern agriculture?

What are GMOs, what are their advantages and disadvantages?

YOU NEED TO KNOW

Agriculture is the set of techniques used for plant cultivation. There are two types of Agriculture: Traditional Agriculture, also called subsistence or family agriculture, and Modern Agriculture. Agriculture can be developed in its traditional form, which is developed on a small or family-scale, for consumption, without the use of machines and the use of pesticides; and in a more modern way that is developed with the use of machines and a lot of fertilizer, also known as Market Agriculture, Mechanized Agriculture and Specialized Agriculture..

REGISTER YOUR OPINION:

What would be the biggest difficulties you and your family would face when trying to produce food?

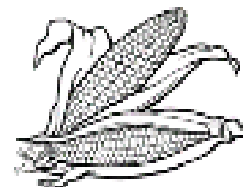
lack of space lack of time lack of seeds

What are the chances that you will start producing part of your food?

home garden planting in caqueiros type pots vertical garden

What kind of food would be interesting to grow? tomato Beans Others

ONE TIP! Promote a Secret Santa of traditional foods in your village.





FOOD SOVEREIGNTY, WHAT IS IT?

DID YOU KNOW?

Did you know that the First People are considered people who have food sovereignty?

Indigenous peoples have the right to use their methods of food production for community sustainability and food and nutrition security.

RESEARCH TIME:

What is entomophagy? _____

What are PANCs? _____

What are creole seeds? _____



YOU NEED TO KNOW

Unconventional edible insects and plants are considered by many researchers as a future food alternative. Among the tribes that usually consume insects are the Guaraní M'byá, the Kaingang and the Kayapó. The pandemic caused by the COVID-19 virus puts this practice at risk. Research about it!

REGISTER YOUR OPINION

With the repercussion in the media that the Coronavirus appeared in China and may have developed from Chinese eating habits, what do you think about eating insects as an alternative food?

Have you ever eaten () pumpkin leaf () Taioba () Ora-pro-nobis () Another PANC _____

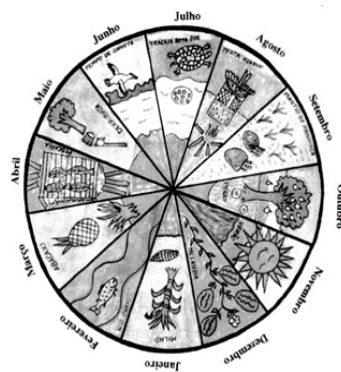
What do you think about PANCs, consumption of insects, and Creole seeds? () Bad food () No food () Much better to avoid () poor food

Justify your answer: _____

ONE TIP! Grow an unconventional food plant and add it to your menu.



QUALITY, RIGHT, OR ATTITUDE FEEDING?



DID YOU KNOW?

Did you that, in Brazil, quality food is a constitutional right?

"These are social rights to education, health, food, work, housing, leisure, security, social security, protection for motherhood and childhood, assistance to homeless people, in the form of dismissal".
(6th Article of the Federal Constitution, after Constitutional Amendment 64/2010)

RESEARCH TIME: In the Brazilian context of Food Sovereignty, discover the meaning of the acronyms:



LOSAN _____

SISAN _____

CAISAN _____

CONSEA _____

YOU NEED TO KNOW

Food and Nutritional Security consists in the direct realization of everyone to regular and permanent access to quality food, in sufficient quantity, without compromising or accessing the other essential needs, based on health-promoting nutritional practices that respect cultural diversity and that are environmentally, culturally, economically, and socially sustainable. (Brazil - Law 11.346 of 2006 Organic Law on Food and Nutritional Security Art. 3).

REGISTER YOUR OPINION

In your opinion, as a legal apparatus has already been defined, why then, do so many people in Brazil go hungry, or eat inadequately?

Are you ensuring your food and nutritional security? () Yes () No

Justify _____

What has changed in your vision and how can this information impact your community?

ONE TIP! Access the link below and learn more about the National Food Security System.<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan>

[//mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan](http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan)

TO EAT, TO ACT, AND TO RESIST!



DID YOU KNOW?

Did you know that political participation is necessary to ensure compliance with Food and Nutrition Security laws? Sisan is based on two important principles are social participation and intersectoriality, and houses in its legal framework institutionalities that aim to guarantee these principles.

RESEARCH TIME:

How do social participation and intersectoriality take place in Sisan's actions?

YOU NEED TO KNOW

Advantages of joining Sisan for municipalities:

- Possibility of receiving technical and political support for the implementation and improvement of Sisan's management and its food and nutritional security plans.
- Receive additional points for proposals to support actions and programs included in their respective food and nutrition security plans, when enabled in edicts for the decentralization of resources from federal ministries, as long as their plans meet the criteria and parameters established in Decree no. 7,272, of August 25, 2010.
- Enables the organization and greater participation of civil society in the formulation and implementation of policies related to SAN.
- Facilitates the monitoring and monitoring of SAN indicators, programs, and budget and analysis of the food and nutritional security situation, among others

REGISTER YOUR OPINION

Is there legislation on food sovereignty where you live? Justify.

How could you contribute to the compliance of the right to food and nutrition in your municipality?

ONE TIP! Promote a conversation circle in your community about the need to preserve Food Sovereignty.



EVALUATE TO IMPROVE

Do you consider the contents of this booklet

() Relevant () Irrelevant () Indifferent

What lessons have you learned from studying the lessons in this booklet?

What changes did the content of this booklet motivate you to make?

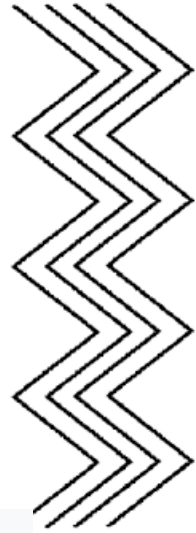
- () A greater interest in the topic
- () Increase in English vocabulary
- () A greater desire for political participation
- () A Greater desire to master the English language
- () Desire to share the information contained in this booklet
- () Change in the way of looking at food in general
- () Change of critical perspective about hunger
- () Greater awareness of the individual social role of each person for Food and Nutritional Security
- () Motivation to adopt small actions as more criteria when choosing food
- () Motivation to plant food within the possibilities.
- () Greater appreciation of food from family agriculture and small farmers
- () Others _____

7.1 EXHIBITION SEMINAR OF CLASS ACTIVITIES BOOKS AND WORKS AND OR IDEAS RAISED ... DATE

_____/_____/_____

8. RESULTS PRESENTATION TO SCHOOL DATE ____/____/_____

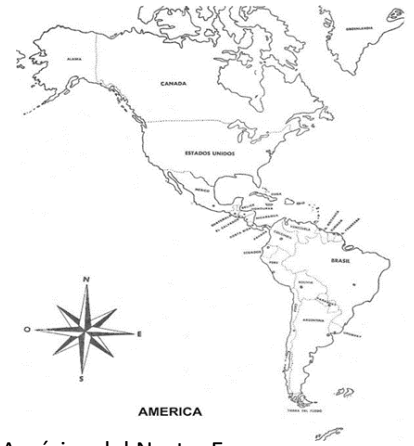
Paste photos or register the e-mail address where the event(s) were recorded.



Can you read Spanish?

¿Sabes leer español?





PUEBLOS INDÍGENAS AQUÍ, ALLÁ Y ALLÁ

¿SABÍAS?

¿Que hay indígenas en las tres partes del continente americano?

El continente americano se subdivide en América del Sur, América Central y América del Norte. En estos tres grandes espacios contamos con la presencia de indígenas aún organizados en aldeas de diferentes etnias.

HORA DE BÚSQUEDA:

¿Quiénes son los QUÉCHUAS, NAVAJOS Y GUARANÍS?

Después de todo, ¿dónde viven nuestros familiares?



NAVAJOS _____

QUÉCHUA _____

GUARANÍS _____

NECESITAS SABER:

Los pueblos quechuas, navajos y guaraníes son los héroes de la resistencia, representan en cada América la mayor población nativa. Los navajos en Norteamérica, los quechuas en Centroamérica y los guaraníes en Sudamérica.

REGISTRE SU OPINIÓN:

¿Qué más le gustaría saber sobre las etnias estudiadas? Como pueblo indígena, ¿qué tenemos en común?

¡UNA PISTA! Accede a los enlaces y descubre más sobre cada pueblo:

<https://www.surfingtheplanet.com/en/living-in-a-quechua-community/>

<https://en.ripleybelieves.com/who-are-navajo-people-11226>

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>





COMER PARA SER

¿SABÍAS?

¿Que la base alimentaria de los pueblos indígenas es muy similar en cada una de las Américas?

La pesca, así como las semillas de plantas silvestres y la caza, constituyeron una base alimentaria para los pueblos indígenas o indígenas de las Américas. A lo largo de la historia, la agricultura también se ha convertido en una práctica común entre ellos.

HORA DE BÚSQUEDA:

Escribe el nombre de los alimentos que componen los pueblos tradicionales de la base alimentaria:



QUÉCHUA _____

NAVARROS _____

GUARANÍS _____

NECESITAS SABER

Los nativos americanos, los pueblos precolombinos y los pueblos indígenas son nomenclaturas que se dan a las personas y pueblos que ya habitaban el continente americano antes de la entrada de los exploradores europeos. En Norteamérica, fueron llamados indios americanos, en Centroamérica por los pueblos precolombinos o que vivieron en esa región, antes de la entrada del navegante italiano Cristóbal Colón. En Sudamérica, los Pueblos Indígenas, desde los primeros indios, fueron bautizados por Colón como indios, por pensar que habían llegado a las Indias, al continente asiático. También se utilizaron otros términos. ¿Conoces algunos? **Registro:**

REGISTRE SU OPINIÓN.

¿Cuál es la base alimentaria tradicional de su pueblo?



¿A qué pueblos se parece más su cultura alimentaria?

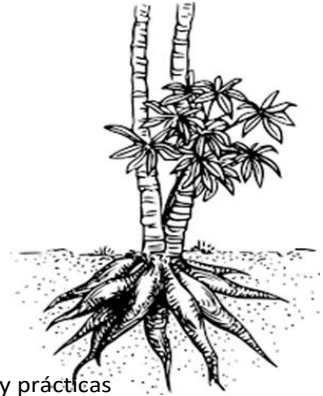
() Navajos () Quechua () Guaranis

¿Qué cantidad de su comida actual incluye alimentos de la base alimentaria tradicional de su grupo étnico? () 10% () 30% () 50% () 70%

Cuanto más cerca esté la comida tradicional de su dieta diaria, en su concepción, ¿será () más saludable o () menos saludable?

¡UNA PISTA! Promociona una feria de degustación de comida tradicional en tu pueblo.

LA COMIDA DE AYER Y DE HOY



¿SABÍAS?

Que la diferencia entre la forma en que nuestros antepasados cultivaban alimentos y prácticas agrícolas actuales?

El maíz que consume puede contener más o menos vitaminas, dependiendo de cómo se cultivó. Cuantos más pesticidas, menos vitaminas y más probabilidades hay de desarrollar enfermedades en su cuerpo.

HORA DE BÚSQUEDA:

¿Qué tipo de agricultura desarrollaron nuestros antepasados?

¿Cuáles son las ventajas de la agricultura tradicional sobre la agricultura moderna?

¿Qué son los OMG, cuáles son sus ventajas y desventajas?

NECESITAS SABER

La agricultura es el conjunto de técnicas utilizadas para el cultivo de plantas. Hay dos tipos de agricultura: la agricultura tradicional, también llamada agricultura de subsistencia o familiar, y la agricultura moderna. La agricultura puede desarrollarse en su forma tradicional, que se desarrolla a pequeña escala o familiar, para el consumo, sin el uso de máquinas y sin el uso de pesticidas; y de una manera más moderna que se desarrolla con el uso de máquinas y mucho fertilizante, también conocida como Agricultura de Mercado, Agricultura Mecanizada y Agricultura Especializada.

REGISTRE SU OPINIÓN:

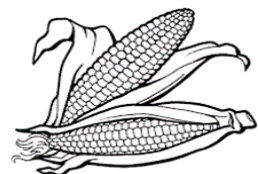
¿Cuáles serían las mayores dificultades que usted y su familia enfrentarían al tratar de producir alimentos? falta de espacio falta de tiempo falta de semillas

¿Cuáles son las posibilidades de que empieces a producir parte de tu comida?

huerto siembra en macetas tipo caqueiros huerto vertical

¿Qué tipo de alimento sería interesante cultivar? tomate frijoles otros

¡UNA PISTA! Promociona a un amigo secreto de las comidas tradicionales en tu aldea.



SOBERANÍA ALIMENTARIA, ¿QUÉ ES?

¿SABÍAS?

¿Que los pueblos originarios son considerados pueblos con soberanía alimentaria?

Los pueblos indígenas tienen derecho a utilizar sus propios métodos de producción de alimentos con el fin de lograr la sostenibilidad de la comunidad y la seguridad alimentaria y nutricional.

HORA DE BÚSQUEDA:

¿Qué es la entomofagia? _____

¿Qué son los PANC? _____

¿Qué son las semillas criollas? _____

NECESITAS SABER



Muchos investigadores ven a los insectos y plantas comestibles no convencionales como una alternativa alimenticia futura. Entre las tribus que suelen consumir insectos se encuentran los Guaraní M'byá, los Kaingang y los Kayapó. La pandemia causada por el virus COVID-19 pone esta práctica bajo control. ¡Investiga al respecto!

REGISTRE SU OPINIÓN

Con la repercusión en los medios de comunicación de que el virus Corona apareció en China y pudo haberse desarrollado a partir de los hábitos alimentarios chinos, ¿qué opinas sobre comer insectos como alternativa alimenticia?

¿Alguna vez has comido () hoja de calabaza () Taioba () Ora-pro-nobis () Otro PANC _____

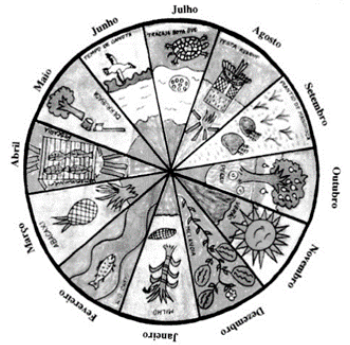
¿Qué opinas de las PANC, el consumo de insectos y semillas criollas?

() Mala comida () No es comida () Es mucho mejor evitar () mala comida

Justifica tu respuesta: _____

¡UNA PISTA! Cultiva una planta alimenticia poco convencional y agrégala a tu menú.





¿ALIMENTACIÓN DE CALIDAD, DERECHO O ACTITUD?

¿SABÍAS?

¿Que en Brasil la comida de calidad es un derecho constitucional?

Se trata de derechos sociales a la educación, la salud, la alimentación, el trabajo, la vivienda, el ocio, la seguridad, la seguridad social, la protección de la maternidad y la infancia, la asistencia a las personas sin hogar, en forma de despido ". (Artículo 6 de la Constitución Federal, después de la Enmienda Constitucional 64/2010)

TIEMPO DE BÚSQUEDA: En el contexto brasileño de Soberanía Alimentaria, descubra el significado de las siglas:



LOSAN _____

SISAN _____

CAISAN _____

CONSEA _____

NECESITAS SABER

La Seguridad Alimentaria y Nutricional consiste en la realización directa de todas las personas al acceso regular y permanente a alimentos de calidad, en cantidad suficiente, sin comprometer o acceder a las demás necesidades esenciales, sobre la base de prácticas nutricionales promotoras de la salud, respetuosas con la diversidad cultural y que sean ambiental, culturalmente , económica y socialmente sostenible. (Brasil - Ley 11.346 de 2006 Ley Orgánica de Seguridad Alimentaria y Nutricional Art. 3).

REGISTRE SU OPINIÓN

En su opinión, como ya se ha definido un aparato legal, ¿por qué entonces tanta gente en Brasil pasa hambre o come de forma inadecuada?

¿Está garantizando su seguridad alimentaria y nutricional? () Sí () No

Justificar _____

¿Qué ha cambiado en su visión y cómo puede esta información afectar a su comunidad?



COMER, ACTUAR Y RESISTIR!



¿SABÍAS?

¿Que la participación política es necesaria para asegurar el cumplimiento de las leyes de Seguridad Alimentaria y Nutricional? El Sisan se basa en dos principios importantes que son la participación social y la intersectorialidad, y alberga en su marco legal institucionalidades que buscan garantizar estos principios.

HORA DE BÚSQUEDA:

¿Cómo se da la participación social y la intersectorialidad en las acciones de Sisan?

NECESITAS SABER

Ventajas de unirse a Sisan para los municipios:

- Posibilidad de recibir apoyo técnico y político para la implementación y mejoramiento de la gestión de Sisan y sus planes de seguridad alimentaria y nutricional.
- Recibir puntos adicionales por propuestas de apoyo a acciones y programas incluidos en sus respectivos planes de seguridad alimentaria y nutricional, cuando se habilite en edictos de descentralización de recursos de los ministerios federales, siempre que sus planes cumplan con los criterios y parámetros establecidos en el Decreto núm. 7.272, de 25 de agosto de 2010.
- Posibilita la organización y mayor participación de la sociedad civil en la formulación e implementación de políticas relacionadas con SAN.
- Facilita el seguimiento y seguimiento de los indicadores, programas y presupuesto de la RAS y análisis de la situación de seguridad alimentaria y nutricional, entre otros

REGISTRE SU OPINIÓN

¿Existe legislación sobre soberanía alimentaria donde vive? Justificar.

¿Cómo podría contribuir al cumplimiento del derecho a la alimentación y la nutrición en su municipio?

¡UNA PISTA! Promueva un círculo de conversación en su comunidad sobre la necesidad de preservar la Soberanía Alimentaria.

EVALUAR PARA MEJORAR

¿Considera el contenido de este folleto

() Relevante () Irrelevante () Indiferente

¿Qué lecciones ha aprendido al estudiar las lecciones de este folleto?

¿Qué cambios le impulsó a realizar el contenido de este folleto?

- () Mayor interés en el tema
- () Aumento del vocabulario en inglés
- () Mayor deseo de participación política
- () Mayor deseo de dominar el idioma inglés
- () Deseo de compartir la información contenida en el mismo.
- () Cambio en la forma de ver la comida en general
- () Cambio de perspectiva crítica frente al hambre
- () Mayor conciencia del rol social individual de cada persona para la Seguridad Alimentaria y Nutricional
- () Motivación para adoptar pequeñas acciones como más criterio a la hora de elegir alimentos
- () Motivación para plantar alimentos dentro de las posibilidades.
- () Mayor valorización de los alimentos de la agricultura familiar y los pequeños agricultores
- () Otros _____

7.1 SEMINARIO DE EXPOSICIÓN DE LIBROS DE ACTIVIDADES Y OBRAS DE CLASE E IDEAS PLANTEADAS ... FECHA _____ / _____ / _____

8. PRESENTACIÓN DE RESULTADOS A LA ESCUELA FECHA _____ / _____ / _____

Pegue fotos o registre la dirección de correo electrónico donde se grabaron los eventos.

**NOW IT'S YOUR TURN! TRANSLATE YOUR BOOKLET
INTO THE LANGUAGE OF YOUR PREFERENCE!**

**¡AHORA ES TU TURNO! TRADUCE SU FOLLETO AL IDIOMA DE SU
PREFERENCIA!**



_____?

_____:

_____:

_____:

_____!



Nota: *Essa sessão em Língua Portuguesa só aparece nessa versão, para facilitar o processo de contribuições.*



INDÍGENAS AQUI, ALI E ACOLÁ

VOCÊ SABIA?

Que existem indígenas nas três partes do continente americano?

O continente americano está subdividido em América do Sul, América Central e América do Norte. Nestes três grandes espaços temos a presença de indígenas ainda organizados em aldeias de diferentes etnias.



HORA DA PESQUISA:

Quem são os QUÉCHUAS, NAVAJOS E GUARANÍS?

Afinal, onde moram nossos parentes?

NAVAJOS _____

QUÉCHUA _____

GUARANÍS _____

VOCÊ PRECISA SABER:

Os povos Quéchua, Navajos e Guarani são os heróis da resistência, eles representam em cada América a maior população nativa. Os Navajos na América do Norte, os Quéchuas na América Central e os Guarani na América do Sul.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

O que mais você gostaria de saber sobre as etnias estudadas? Como indígenas, o que temos em comum?



UMA DICA! Acesse os links e descubra mais sobre cada povo:

<https://www.surfingtheplanet.com/en/living-in-a-quechua-community/>

<https://pt.ripleybelieves.com/who-are-navajo-people-11226>

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>





COMER PARA SER



VOCÊ SABIA?

Que a base alimentar para os povos indígenas é muito semelhante em cada uma das Américas?

A pesca, assim como as sementes de plantas silvestres e a caça, constituíram uma base alimentar para os povos indígenas ou indígenas das Américas. Ao longo da história, a agricultura também se tornou prática comum entre eles.

TEMPO DE PESQUISA:

Escreva o nome dos alimentos que formam os povos tradicionais da base alimentar:

QUÉCHUA _____

NAVARROS _____

GUARANÍS _____

VOCÊ PRECISA SABER

Nativos americanos, povos pré-colombianos e povos indígenas são nomenclaturas dadas a pessoas e povos que já habitavam o continente americano antes da entrada dos exploradores europeus. Na América do Norte, foram chamados de índios americanos, na América Central por povos pré-colombianos ou que viviam naquela região, antes da entrada do navegador italiano Cristóvão Colombo. Na América do Sul os Povos Indígenas, desde os primeiros índios foram batizados por Colombo como índios, por pensar que haviam chegado às Índias, no continente asiático. Outros termos também foram usados. Você conhece algum? Registre:

REGISTRE SUA OPINIÃO.

Qual é a base alimentar tradicional da sua aldeia?



Com quais povos a sua cultura alimentar é mais semelhante?

() Navajos () Quéchua () Guaranis

Quanto de sua comida hoje inclui alimentos da base alimentar tradicional de seu grupo étnico? ()

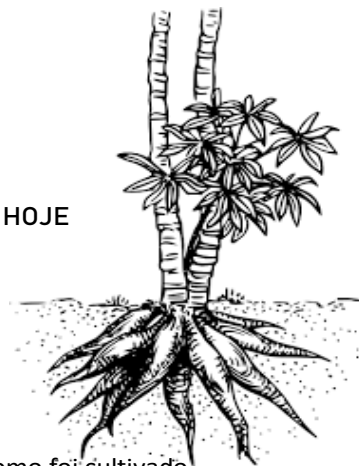
10% () 30% () 50% () 70%

Quanto mais próximo da alimentação tradicional estiver sua alimentação diária, na sua concepção,

será () mais saudável ou () menos saudável?

UMA DICA! Promova uma feira de degustação de alimentos tradicionais da sua aldeia.

COMIDA DE ONTEM E DE HOJE

**VOCÊ SABIA?**

Que a diferença entre a maneira como nossos ancestrais cultivavam alimentos e as práticas agrícolas atuais?

O milho que você come pode conter mais ou menos vitaminas, dependendo de como foi cultivado. Quanto mais pesticidas, menos vitaminas e maior a probabilidade de desenvolver doenças em seu corpo.

TEMPO DE PESQUISA:

Que tipo de agricultura nossos ancestrais desenvolveram?

Quais são as vantagens da agricultura tradicional sobre a agricultura moderna?

Quais são os OGM, quais são suas vantagens e desvantagens?

VOCÊ PRECISA SABER

Agricultura é o conjunto de técnicas utilizadas para o cultivo de plantas. Existem dois tipos de Agricultura: Agricultura Tradicional, também chamada de agricultura de subsistência ou familiar, e Agricultura Moderna. A agricultura pode ser desenvolvida na sua forma tradicional, que se desenvolve em pequena escala ou familiar, para consumo, sem uso de máquinas e sem uso de agrotóxicos; e de uma forma mais moderna que se desenvolve com o uso de máquinas e muito fertilizante, também conhecida como Agricultura de Mercado, Agricultura Mecanizada e Agricultura Especializada.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

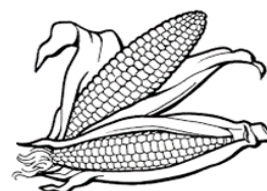
Quais seriam as maiores dificuldades que você e sua família enfrentariam ao tentar produzir alimentos? () falta de espaço () falta de tempo () falta de sementes

Quais são as chances de você começar a produzir parte de sua comida?

() horta doméstica () plantio em vasos tipo caqueiros () horta vertical

Que tipo de alimento seria interessante cultivar? () tomate () Feijão () Outros

UMA DICA! Promova um amigo secreto de alimentos tradicionais de sua aldeia.





SOBERANIA ALIMENTAR, O QUE É?

VOCÊ SABIA?

Que os povos originários são considerados povos com soberania alimentar?

Os povos indígenas têm o direito de usar seus próprios métodos de produção de alimentos para fins de sustentabilidade da comunidade e segurança alimentar e nutricional.

TEMPO DE PESQUISA:

O que é entomofagia? _____

O que são PANCs? _____

O que são sementes crioulas? _____



VOCÊ PRECISA SABER

Insetos e plantas comestíveis não convencionais são vistos por muitos pesquisadores como uma futura alternativa alimentar. Entre as tribos que costumam consumir insetos estão os Guaraní M'byá, os Kaingang e os Kayapó. A Pandemia causada pelo vírus COVID-19, coloca essa prática em cheque. Pesquise sobre isso!

REGISTRE SUA OPINIÃO

Com a repercussão na mídia de que o vírus Corona surgiu na China e pode ter se desenvolvido a partir dos hábitos alimentares chineses, o que você acha de comer insetos como alternativa alimentar?

Você já comeu () folha de abóbora () Taioba () Ora-pro-nobis () Outra PANC _____

O que você acha de PANCs, consumo de insetos e sementes crioulas?

() Comida ruim () Sem comida () Muito melhor evitar () comida de pobre

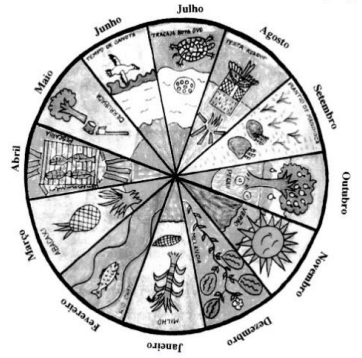


Justifique sua resposta: _____

UMA DICA! Cultive uma planta alimentar não convencional e insira-a em seu cardápio.



ALIMENTAÇÃO DE QUALIDADE, DIREITO OU ATITUDE?



VOCÊ SABIA?

Que, no Brasil, o alimento de qualidade é um direito constitucional?

“São direitos sociais à educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, lazer, seguridade, seguridade social, proteção à maternidade e infância, assistência aos sem-teto, na forma de desligamento”. (Artigo 6º da Constituição Federal, após Emenda Constitucional 64/2010)

TEMPO DE PESQUISA: No contexto brasileiro de Soberania Alimentar, descubra o significado das siglas:



LOSAN _____

SISAN _____

CAISAN _____

CONSEA _____

VOCÊ PRECISA SABER

A Segurança Alimentar e Nutricional consiste na realização direta de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer ou aceder às demais necessidades essenciais, com base em práticas nutricionais promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambientalmente, cultural, econômica e socialmente sustentável. (Brasil - Lei 11.346 de 2006 Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional Art. 3).

REGISTRE SUA OPINIÃO

Na sua opinião, como um aparato jurídico já foi definido, por que então, muita gente no Brasil passa fome, ou se alimenta inadequadamente?

Você está garantindo sua segurança alimentar e nutricional? () Sim () Não

Justifique _____

O que mudou em sua visão e como essas informações podem impactar sua comunidade?

UMA DICA! Acesse o link abaixo e saiba mais sobre o Sistema Nacional de Segurança Alimentar. <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan>

COMER, AGIR E RESISTIR!



VOCÊ SABIA?

Que a participação política é necessária para garantir o cumprimento das leis de Segurança Alimentar e Nutricional? O Sisan fundamenta-se em dois importantes princípios que são a participação social e a intersetorialidade, e abriga em seu arcabouço jurídico institucionalidades que visam garantir esses princípios.

TEMPO DE PESQUISA:

Como se dá a participação social e a intersetorialidade nas ações do Sisan?

VOCÊ PRECISA SABER

Vantagens da adesão ao Sisan para os municípios:

- Possibilidade de receber apoio técnico e político para implantação e aprimoramento da gestão do Sisan e seus planos de segurança alimentar e nutricional.
- Receber pontos adicionais para propostas de apoio a ações e programas incluídos em seus respectivos planos de segurança alimentar e nutricional, quando habilitados em editais de descentralização de recursos dos ministérios federais, desde que seus planos atendam aos critérios e parâmetros estabelecidos no Decreto nº . 7.272, de 25 de agosto de 2010.
- Possibilita a organização e maior participação da sociedade civil na formulação e implementação de políticas relacionadas à SAN.
- Facilita o monitoramento e monitoramento de indicadores, programas e orçamento de SAN e análise da situação da segurança alimentar e nutricional, entre outros

REGISTRE SUA OPINIÃO

Há uma legislação acerca da soberania alimentar onde você mora? Justifique.

Como você poderia contribuir para o cumprimento do direito à alimentação e nutrição no seu município?



UMA DICA! Promova uma roda de conversa em sua comunidade sobre a necessidade de se preservar a Soberania Alimentar.



7. AVALIAR PARA MELHORAR

Você considera o conteúdo dessa cartilha

() Relevante () Irrelevante () Indiferente

Que aprendizagens você construiu ao longo do estudo das lições dessa cartilha?

Que mudanças o conteúdo dessa cartilha lhe impulsionou a fazer?

- () Maior interesse no tema
- () Aumento do vocabulário da Língua Inglesa
- () Maior desejo de participação política
- () Maior desejo de dominar a Língua Inglesa
- () Desejo de compartilhar as informações nela contidas
- () Mudança na forma de encarar a alimentação de um modo geral
- () Mudança de perspectiva crítica no que diz respeito à fome
- () Maior consciência do papel social individual de cada pessoa para a Segurança Alimentar e Nutricional
- () Motivação para adotar pequenas ações como mais critério na escolha de alimentos
- () Motivação para plantar, dentro das próprias possibilidades o próprio alimento.
- () Maior valorização de alimentos da agricultura familiar e pequenos agricultores
- () Outros _____

7.1 SEMINÁRIO DE EXPOSIÇÃO DOS CADERNOS DE ATIVIDADES DA TURMA E DE TRABALHOS E OU IDEIAS LEVANTADAS...

DATA ____/____/____

8. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS PARA A ESCOLA DATA ____/____/____

Cole fotos ou registre o endereço eletrônico em que o(s) evento(s) foram registrados.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/vantagens-desvantagens-alimentos-transgenicos/>

<https://meioambiente.culturamix.com/recursos-naturais/diferenca-entre-a-agricultura-tradicional-e-a-moderna>

<https://escola.britannica.com.br/>

<https://pt.wikipedia.org/wiki>

https://watermark.silverchair.com/2085s.pdf?token=AQECAHi208BE49Ooan9kkhW_Ercy7Dm3ZL_9Cf3qfKAc485ysgAAAqMwggKfBgkqhkiG9w0BBwagggKQMIICjAIBADCCAOUGCSqGSib3DQEHATAeBgIghkGBZQMEAS4wEQQMtloyrai4bz7wAOegAgEQgIICVo4CAjlsOO6nUrwkJ5jt8jmBfLk3gMEZAsVk-

https://watermark.silverchair.com/2085s.pdf?token=AQECAHi208BE49Ooan9kkhW_Ercy7Dm3ZL_9Cf3qfKAc485ysgAAAqMwggKfBgkqhkiG9w0BBwagggKQMIICjAIBADCCAOUGCSqGSib3DQEHATAeBgIghkGBZQMEAS4wEQQMtloyrai4bz7wAOegAgEQgIICVo4CAjlsOO6nUrwkJ5jt8jmBfLk3gMEZAsVk-3uA74boFHd57gVmsLwgyeTNXOgeJWicJ0V_o2iOcGMAb3CfRUYWINRuX8cDii6BWUXfM3IFrD8yGU2FkpR6l93yoyaYubDDbApltohoX1L_wAy1Vob31BuZ9OucPI-93lytPuklvRLuzxo6NpmmV3HL3dcbz8LP2TwRreilHqeNkLpwDLR3gerQp0u5qlQ3MZ64wFXAqq99rgB_9cNs4cOBTakZmUc2QfWvU23sCkLrCqtjSyk3vkdccJJ5rIhxWq7hmawNb_07n-4RZZtcVbF2l3XiOEMbcvat_XtHdgUHm3tjiuVupV17HaBBplvJtpemUniDThPg2CkssJUlwr05r6ouC7wmvSRK5DPFVs1rdrNW2mi8a24PKWVEkiEhGMF35-xFmd_H1wCEWfCUptVD7ZEruE_8CT3n_QKBjiMuS6wy_PsAO6z5i6xrvPBlqEO7BV1aCdRGvv5xm_buwyffin18QVkf1F1kjFGdC3Ry920pzsucEO389qxy1DD_HCRf2_kkubKzHQw-_Wm0oshRqZ3TvgrTyQCwsV0EijTxxMd7mZY_ghMwwMd-7raE4YVnXRCxKTAoq8FwaKVHeuTqJaTk2CdhBdY1C7THz4DXBhuL8TOGKHAUMv6qDxZHRf0g2JdvXuiBnhIYbgr5fl15tOfcXLfrynYLbhUUlopSJSgyKDedPfqkPk9b741v14y8hDtqWK4oOzQtCficyOI1RU800Xf34VKAiMva0sh0u-GmR2cOJ6pzcM ALIMENTAÇÃO NAVAJO

https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=WzKpX6-5FuDD5OUPpMWjqA4&q=tradutor+portugu%C3%AA+para+espanhol&oq=tradutor+potugu%C3%AA+par+espanhol&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQARgAMgQIABANMgQIABANMgQIABANMgQIABANMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeOgUIABCxAzolCAAQsQMqgwE6AggAOggILhCxAXCDAToECAAQCjoHCAAQsQMqCkoFCAgSATFKBQgJEgEyUJLJAVj5hANgop0DaAJwAHgDgAGVBlgBqD2SAQ0wLjEyLjEyLjQuMC4zmAEAoAEBqgEHZ3dzLXdpeg&scIent=psy-ab Goolge Tradutor

<https://mpabrazil.org.br/artigos/soberania-alimentar-deve-ser-debatida-pelo-conjunto-da-sociedade/#:~:text=O%20Movimento%20dos%20Pequenos%20Agricultores,toda%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%2C%20com%20base>

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/le-monde/2015/04/11/que-risco-corremos-ao-comer-insetos.htm>

<http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2014/direito-humano-a-alimentacao-adequada-e-soberania-alimentar>

<http://redesans.com.br/gestao-do-sisan/>

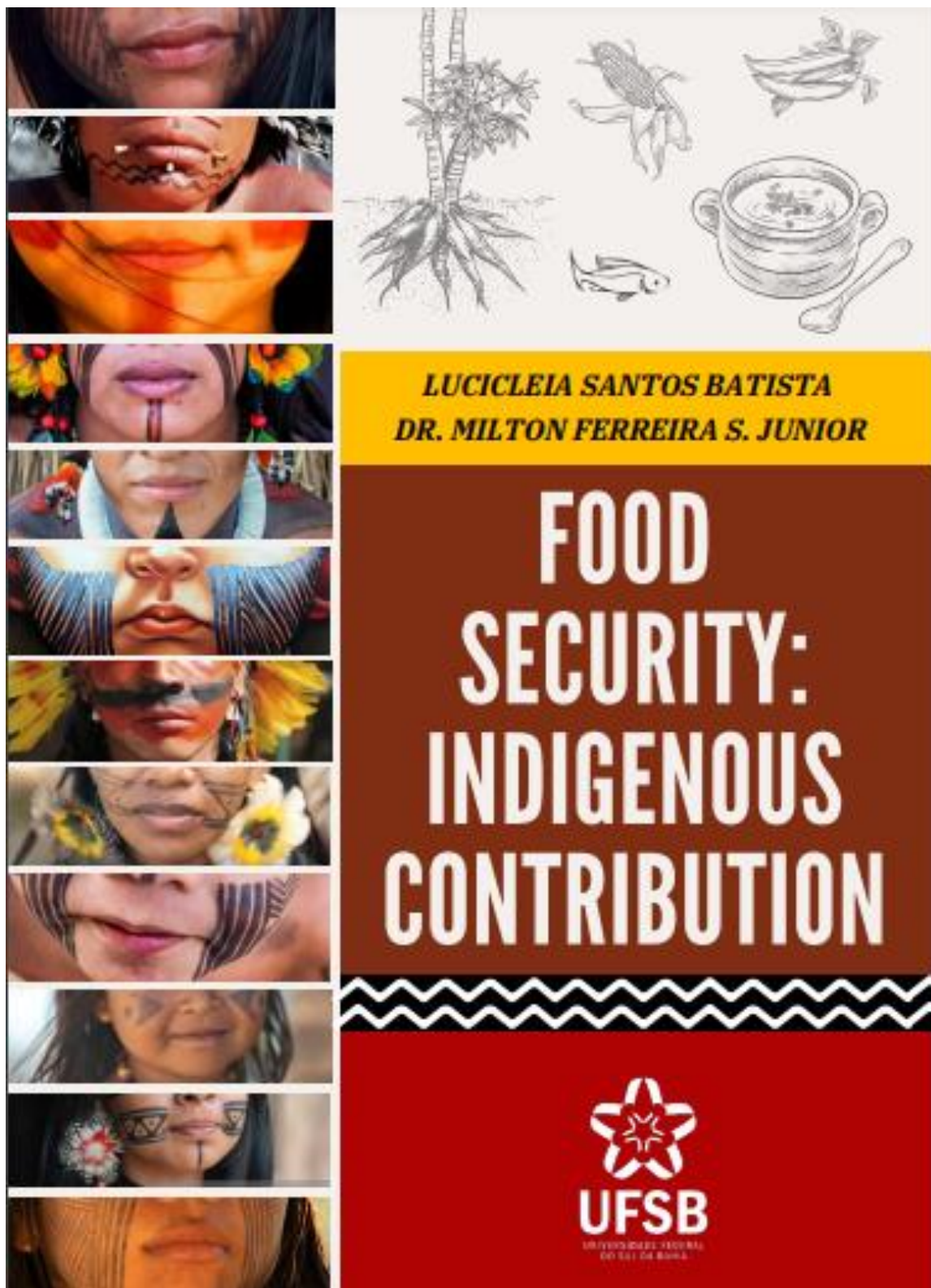
Esta cartilha é importante não só para o ensino de línguas não nativas, como é de suma relevância para ensino e valorização de aspectos culturais indígenas. Com enfoque nas informações sobre alimentação de várias etnias, na escolha do tema, a autora contempla uma das bases do meio comunicativo no ensino de línguas, que é partir de um interesse comum do cotidiano dos seus alunos, sobre o qual queiram saber, porque faz parte da sua realidade e do seu dia a dia. Para isso, querem aprender a língua não nativa, para atingir o fim comunicativo. A autora atinge novamente mais um objetivo do ensino-aprendizagem comunicativo, mas principalmente, um objetivo de ensino de línguas descolonizado, quando foca o ensino-aprendizagem de línguas não nativas nas culturas e etnias dos aprendizes, nas suas identidades, nas suas historicidades, no seu contexto de interação. Esse objetivo é atingido desde as ilustrações, que não são estereotípicas, pois são selecionadas por ela mesma, uma professora-pesquisadora indígena, o que causa identidade e familiaridade aos alunos; na valorização e respeito com que traz informações sobre os povos indígenas; mas também, e sobretudo, pela valorização do conhecimento trazido pelos aprendizes, que é buscado por ela a cada etapa, em cada exercício. São esses elementos que encontro nesta cartilha que a fazem um instrumento de ensino de línguas com o potencial de empoderamento e de ensino-aprendizagem significativo de línguas para os indivíduos e para as comunidades que dele compartilharem.

Parabéns pela iniciativa e pelo trabalho!

Profa. Dra. Amanda Post da Silveira



1.2 CARTILHA REVISADA – Versão em inglês em breve



INTRODUÇÃO

A presente cartilha pretende nortear discussões intra e extraclasses a respeito dos hábitos alimentares de diversas etnias indígenas pan-americanas. Notadamente no que os refere como elementos estruturantes de suas identidades étnicas.

Pretende estimular uma autonomia em pesquisas bibliográficas e de campo, na medida das limitações pandêmicas, pela comunidade étnica frequentadora dos cursos de línguas não vernaculares da formação oficial.

Busca "brechas inter étnico linguísticas" nas convergências daqueles hábitos e a reafirmação identitária, por vezes esquecidos ou desconhecidos das gerações quanto aos usos no consumo ancestral comestível e medicinal, por vezes, de insetos, animais silvestres, vegetais e tantos outros seres vivos, de ignorância urbana crassa...

Seu teste educacional e popularização paulatina poderá reconstituir, passo a passo, uma memória esvanecida e substituída por uma alimentação industrializada desestruturadora da identidade étnica dos parentes daqui e de além mar. Ao mesmo tempo que oportunizará um melhor domínio e aprendizagem significativa de línguas não vernaculares articulando esses povos globalmente, nas suas lutas pela conservação de suas memórias a respeito de si.

Dr. Milton Ferreira da Silva Junior
Eng. Agrônomo (UFRPE) / Esp. Gestão Ambiental (GTZ) / MSc Sociologia Rural (UFRGS) / Dr. Educação (UFBA) - Professor Universidade Federal Sul da Bahia (UFSB) Campus Jorge Amado - Itabuna - Bahia



1. COMER PARA SER

VOCÊ SABIA ?

Que a base alimentar para os povos indígenas é muito semelhante em cada uma das Américas?

TEMPO DE PESQUISA:

Escreva o nome dos alimentos que formam a base alimentar dos povos tradicionais:

QUÉCHUA

NAVARROS

GUARANÍS

VOCÊ PRECISA SABER

A pesca, assim como as sementes de plantas silvestres e a caça, constituíram uma base alimentar para os povos indígenas ou indígenas das Américas. Ao longo da história, a agricultura também se tornou prática comum entre eles.

REGISTRE SUA OPINIÃO. 🎯

Qual é a base alimentar tradicional da sua aldeia?

Com quais povos a sua cultura alimentar é mais semelhante?

() Navajos () Quéchua () Guaranis

Quanto de sua comida hoje inclui alimentos da base alimentar tradicional de seu grupo étnico?

() 10% () 30% () 50% () 70%

Quanto mais próximo da alimentação tradicional estiver sua alimentação diária, na sua concepção, será:

() mais saudável ou () menos saudável?

UMA DICA! Promova uma feira de degustação de alimentos tradicionais da sua aldeia.

2. COMIDA DE ONTEM E DE HOJE

VOCÊ SABIA?



Que a diferença entre a maneira como nossos ancestrais cultivavam alimentos e as práticas agrícolas atuais?



TEMPO DE PESQUISA:

Que tipo de agricultura nossos ancestrais desenvolveram?

Quais são as vantagens da agricultura tradicional sobre a agricultura moderna?

VOCÊ PRECISA SABER



O milho que você come pode conter mais ou menos vitaminas, dependendo de como foi cultivado. Quanto mais pesticidas, menos vitaminas e maior a probabilidade de desenvolver doenças em seu corpo.

REGISTRE SUA OPINIÃO:



Quais seriam as maiores dificuldades que você e sua família enfrentariam ao tentar produzir alimentos?

() falta de espaço () falta de tempo () falta de sementes

Quais são as chances de você começar a produzir parte de sua comida?

() horta doméstica () plantio em vasos tipo caqueiros () horta vertical

Que tipo de alimento seria interessante cultivar? () tomate

() Feijão () Outros



UMA DICA! Promova um amigo secreto de alimentos tradicionais de sua aldeia.

3. SOBERANIA ALIMENTAR, O QUE É?

VOCÊ SABIA?



Que todos países têm direito à soberania alimentar?

TEMPO DE PESQUISA:

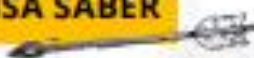
Você já ouviu falar em Soberania Alimentar Indígena? () Yes

() No


No que consiste a Soberania Alimentar?

No que consiste a Soberania Alimentar Indígena?

VOCÊ PRECISA SABER



Os povos indígenas, como nações que são, têm o direito de usar seus próprios métodos de produção de alimentos para fins de sustentabilidade da comunidade e segurança alimentar e nutricional.

REGISTRE SUA OPINIÃO 

Precisamos de uma lei para nos orientar a forma correta de nos alimentar? Porquê?

() Yes, we need () No we don't need

Because: _____



UMA DICA! Pergunte aos seus familiares e amigos, o que eles sabem sobre Soberania Alimentar Indígena e compartilhe com os seus colegas de classe.

4. SEGURANÇA ALIMENTAR INDÍGENA, O QUE É?

VOCÊ SABIA?



Que, no Brasil, a alimentação de qualidade é um direito constitucional?



TEMPO DE PESQUISA: 1. O que é Segurança Alimentar e Nutricional?

2. No contexto brasileiro de Segurança Alimentar, descubra o significado das siglas:

LOSAN _____
 SISAN _____
 CAISAN _____
 CONSEA _____

VOCÊ PRECISA SABER



A alimentação tradicional das sociedades indígenas é vista como uma dieta saudável e a forma de plantio de seus alimentos são quimicamente mais adequados por não utilizar fertilizantes e adubos químicos, um exemplo positivo para as demais comunidades.

REGISTRE SUA OPINIÃO: 

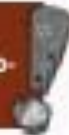
Na sua opinião, porquê apesar da lei que garante a segurança alimentar, muita gente no Brasil passa fome, ou se alimenta inadequadamente?

Você está garantindo sua segurança alimentar e nutricional?

() Sim () Não

Justifique _____

UMA DICA! Acesse o link abaixo e saiba mais sobre o Sistema Nacional de Segurança Alimentar. <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/sistema-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-sisan>



5. COMER, AGIR E RESISTIR!

VOCÊ SABIA?

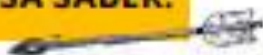


Que a participação política é necessária para garantir o cumprimento das leis de Segurança Alimentar e Nutricional?

TEMPO DE PESQUISA:

Como se dá a participação social e a intersetorialidade nas ações do Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN)?

VOCÊ PRECISA SABER:



Para receber recursos técnicos e financeiros para a Segurança Alimentar o município precisa formar um Conselho Municipal de Segurança Alimentar, que deve ser formado por representantes de vários setores da sociedade.

REGISTRE SUA OPINIÃO:

Há uma legislação acerca da segurança alimentar onde você mora? Justifique.

Como você poderia contribuir para o cumprimento do direito à alimentação e nutrição no seu município?



UMA DICA! Promova uma roda de conversa em sua comunidade sobre a necessidade de se preservar a Soberania Alimentar.



6. PARTICIPAÇÃO E MUDANÇA!

VOCÊ SABIA ?



Que é possível incentivar e participar da criação de um conselho municipal de Segurança Alimentar?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Como é formado um Conselho Municipal de Segurança Alimentar?

VOCÊ PRECISA SABER



O município que tem um Conselho reconhecido pelo Sistema Segurança Alimentar Nacional, pode contar com:

- apoio técnico e político
- Recursos dos ministérios federais, desde que seus planos atendam aos critérios e parâmetros estabelecidos no Decreto nº . 7.272, de 25 de agosto de 2010.
- Maior participação da sociedade civil na formulação e implementação de políticas relacionadas à Segurança Alimentar Nacional.
- Análise e monitoramento da situação da segurança alimentar e nutricional da população.

REGISTRE SUA OPINIÃO

Se o município tivesse recursos para enviar agentes porta a porta para identificar as dificuldades da população em garantir sua segurança alimentar e nutricional, isso faria alguma diferença na qualidade de vida das pessoas da comunidade?

UMA DICA! Descubra quais municípios próximos à sua cidade contam com um Conselho de Segurança Alimentar. Sugira à comunidade escolar que convide um participante para palestrar na Escola.



7. AVALIAR PARA MELHORAR



Você considera o conteúdo dessa cartilha:

() Relevante () Irrelevante () Indiferente

Que aprendizagens você construiu ao longo do estudo das lições dessa cartilha?

Que mudanças o conteúdo dessa cartilha lhe impulsionou a fazer?

- () Maior interesse no tema
 () Aumento do vocabulário da Língua Inglesa
 () Maior desejo de participação política
 () Maior desejo de dominar a Língua Inglesa
 () Desejo de compartilhar as informações nela contidas
 () Mudança na forma de encarar a alimentação de um modo geral
 () Mudança de perspectiva crítica no que diz respeito à fome
 () Maior consciência do papel social individual de cada pessoa para a Segurança Alimentar e Nutricional
 () Motivação para adotar pequenas ações como mais critério na escolha de alimentos
 () Motivação para plantar, dentro das próprias possibilidades o próprio alimento.
 () Maior valorização de alimentos da agricultura familiar e pequenos agricultores
 () Outros _____

7.1 SEMINÁRIO DE EXPOSIÇÃO DOS CADERNOS DE ATIVIDADES DA TURMA E DE TRABALHOS E OU IDEIAS LEVANTADAS...

DATA ____/____/____

8. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS PARA A ESCOLA DATA

____/____/____

Cole fotos ou registre o endereço eletrônico em que o(s) evento(s) foram registrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- > <https://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/vantagens-desvantagens-alimentos-transgenicos/>
- > <https://meioambiente.culturamix.com/recursos-naturais/diferenca-entre-a-agricultura-tradicional-e-a-moderna>
- > <https://escola.britannica.com.br/>
- > <https://pt.wikipedia.org/wiki>
- > [https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=WzKpX6-5FuDD5OUPpMWjqA4&q=tradutor+portugu%C3%AAs+para+espanhol&oq=tradutor+potugu%C3%AAs+par+espanhol&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQARgAMgQIABANMgQIABANMgQIABANMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeOgUIABCxAzoiCAAQsQMqgwE6AggAOGgILhCxAXCDAToECAAQCjoHCAAQsQMqCkoFCagSATFKBQgJEGEyUJLJAVjShANGop0DaAJwAHgDgAGVBigBqD2SAQ0wLjEYLjEYLjQuMC4zmAEAoAEBqgEHZ3dzLXdpeg&scient=psy-ab Goolge Tradutor](https://watermark.silverchair.com/2085s.pdf?token=AQECAHI208BE490oan9kkhW_Ercy7Dm3ZL_9CF3qfKAc485ysgAAAqMwggKFBgkqhkIG9w0BBwagggKQMIIcJAIBADCCaOUGCSqGS1b3DQEHATAeBgIghkgBZQMEAS4wEQQMtloyrai4bz7wAOeqAgEQgIICVo4CAjlsOQ6nUrwk5jt8jmBfLk3gMEZAsVk-_3uA74boFHd57gVmsLwgyeTNXOgeJWicJ0V_o2iOcGMAB3CFRUUYWINRUx8cDii6BWUXfM3IFrD8yGU2FkpR6I93yoaYubDDbApItohoX1L_wAy1Vob31BuZ9OucPI-93lytPuklvRLuzxo6NpmmV3HL3dcbz8LP2TwRreiIHqeNkLpwDLR3gerQp0u5qIQ3MZ64wFXAqq99rgB_9cNs4cOBTakZmUc2QfWvU23sCkLrCqtjSyk3vkdocjJ5rixhWq7hmaWnb_07n-4RZ2tcVbF2I3XiOEMbcvat_XtHdgUHm3tjuVupV17HaBBplvJtpemUniDThPg2CkssjUIwR05r6ouC7wmvSRKSDPFVs1drNW2mi8a24PKWVEkiEhGMF35-xFmd_H1wCEWfCUptVD7ZEruE_8CT3n_QKBjjMu56wy_PsAO6z5i6xrvPBIqEO78V1aCdRGvv5xmbuvyffin18QVk1F1kjFGdC3Ry920pzs_uEO389qxyp1DD_HCRf2_kkubKzHQw-_Wm0oshRqZ3TvgrTyQCwsV0EijTxhMd7mZY_ghMwwMd-7raE4YVnXRCxKTaoq8FwaKVHeuTqjaTk2CdhBdY1C7Thz4DXBhuL8T0GKHHAUMv6qDxZHRf0g2jdvXuiBnhiYbgr5fl15tOfcXLfrynYLBhUUlop5J5GyKDedPfqkPk9b741v14y8hDtqWK4oOzQtCFicYOI1RU800XF34VKaIMva0sh0u-GmR2cOj6pzcM_ALIMENTAÇÃO NAVAJO
> <a href=)
- > <https://mpabrazil.org.br/artigos/soberania-alimentar-deve-ser-debatida-pelo-conjunto-da-sociedade/#:~:text=O%20Movimento%20dos%20Pequenos%20Agricultores,toda%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%2C%20com%20base>
- > <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/lemonde/2015/04/11/que-risco-corremos-ao-comer-insetos.htm>
- > <http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2014/direito-humano-a-alimentacao-adequada-e-soberania-alimentar>
- > <http://redesans.com.br/gestao-do-sisan/>

Esta cartilha é importante não só para o ensino de línguas não nativas, mas para ensino e valorização de aspectos culturais indígenas de suma relevância, com enfoque nas informações sobre alimentação de várias etnias. Na escolha do tema, a autora contempla uma das bases do meio comunicativo no ensino de línguas, que é partir de um interesse comum do cotidiano dos seus alunos, sobre o qual queiram saber, porque faz parte da sua realidade e do seu dia a dia. Para isso, querem aprender a língua não nativa, para atingir o fim comunicativo. A autora atinge novamente mais um objetivo do ensino-aprendizagem comunicativo, mas principalmente, um objetivo de ensino de línguas descolonizado, quando foca o ensino-aprendizagem de línguas não nativas nas culturas e etnias dos aprendizes, nas suas identidades, nas suas historicidades, no seu contexto de interação. Esse objetivo é atingido desde as ilustrações, que não são estereotípicas, pois são selecionadas por ela mesma, uma professora-pesquisadora indígena, o que causa identidade e familiaridade aos alunos; na valorização e respeito com que traz informações sobre os povos indígenas; mas também, e sobretudo, pela valorização do conhecimento trazido pelos aprendizes, que é buscado por ela a cada etapa, em cada exercício. São esses elementos que encontro nesta cartilha que a fazem um instrumento de ensino de línguas com o potencial de empoderamento e de ensino-aprendizagem significativo de línguas para os indivíduos e para as comunidades que dele compartilharem. Parabéns pela iniciativa e pelo trabalho!

PROFA. DRA. AMANDA POST DA SILVEIRA




APENDICE 1.3 CARTILHA PARA NÃO INDÍGENAS – Versão em inglês breve



LUCICLEIA SANTOS BATISTA
DR. MILTON FERREIRA S. JUNIOR

**FOOD
SECURITY:
INDIGENOUS
CONTRIBUTION**



UFSB
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

INTRODUÇÃO

Honrada estou com o convite da professora Lucicleia, autora dessa cartilha, para prefaciar esta lindeza de trabalho que sem dúvidas, terá uma grande contribuição para dar visibilidades as populações Indígenas que foram silenciadas e subalternizadas.

No contexto Brasileiro, na perspectiva de exclusão e inclusão, as populações Indígenas são as mais atingidas. Em pleno século XXI, que segundo o IBGE, com mais de trezentas etnias e em média de cento e setenta línguas faladas no Brasil, existem ainda muitas

desinformações referente as suas histórias seus hábitos, costumes culturas e tradições. E as contribuições advinda desta cartilha, serão de grande importância para melhor conhecer os aspectos históricos das populações

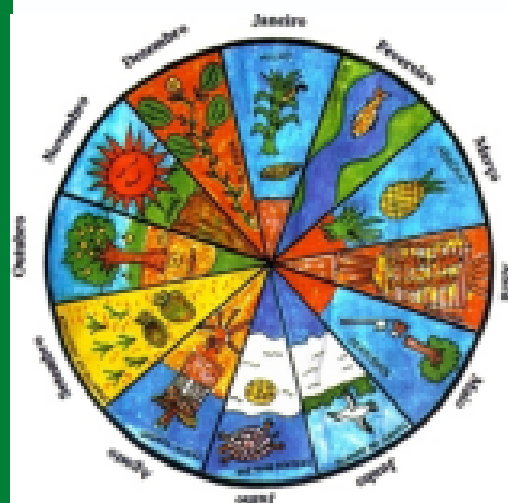
Indígenas e desta forma, os beneficiados e leitores deste trabalho, irão compreender melhor e terão outras concepções sobre o que é ser Índio neste mundo contemporâneo, e as grandes consequências genocidas e etnocidas herdadas pelos colonizadores. Como diz

Marcos Terena: "posso ser quem você é sem deixar ser quem sou". Essa compreensão é suma importância. Hoje, para ser Índio não se restringe a vida intelectual ou material da pessoa Indígena. É urgente e necessário que se tenha índios professores, médicos,

enfermeiros, antropólogos, advogados, engenheiros dentre outros. Que tenham direito de possuir automóveis e imóveis. São os próprios Indígenas que cobram do nosso País e Estado, políticas públicas e todos os direitos os quais lhes foram negados e negligenciados no passado e até nos dia atuais.

Todas essas perspectivas trazidas por esta cartilha didática e pedagógica, acredito que seja um grande legado deixado para as populações Indígenas que irão contribuir para a atualizar a visão estereotipada e colonizadora que, infelizmente, ainda se perpetua nas sociedades do Brasil e do mundo.

Hayô Pataxó



UFSC
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

1 - INDÍGENAS AQUI, ALI E ACOLÁ	4
2 - TANTOS NOMES IMPRECISOS	5
3 - PELO QUÊ OS INDÍGENAS LUTAM?	6
4 - INDÍGENAS ALDEIADOS E INDÍGENAS SEM ALDEIA	7
5 - O INDÍGENA QUE EU QUERO VER	8
6 - UM POVO QUE SABE PRODUZIR ALIMENTO	9
7 - AVALIAR PARA MELHORAR	10



1. INDÍGENAS AQUI, ALI E ACOLÁ

VOCÊ SABIA ?



Que existem indígenas nas três partes do continente americano?

HORA DA PESQUISA:

RESPONDA ÀS PERGUNTAS ABAIXO EM INGLÊS:

1. Em que parte do continente americano você mora? _____
2. Existem indígenas próximos de onde você vive? () Yes () No
3. Se existe, qual a etnia? _____
4. Como você os vê? () Estranhos () Diferentes () Suspeitos () feios
() bonitos
() Outros: _____
5. Onde e quando você tem ou teve contato com indígenas?

6. Você acredita que os indígenas falam todos a mesma língua? () yes () No
7. Existem indígenas nos Estados Unidos e na Argentina? () yes () No
8. Os indígenas são todos iguais? () Yes () No

VOCÊ PRECISA SABER:



O continente americano está subdividido em América do Sul, América Central e América do Norte. Nestes três grandes espaços temos a presença de indígenas ainda organizados em aldeias de diferentes etnias.

Reescreva as palavras que estão em **negrito** no texto, em inglês, na ordem em que se apresentam no dicionário:

UMA DICA! Acesse os links e descubra mais. <https://pib.socioambiental.org>;
<https://sindipetrosp.org.br/olto-filmes-com-a-tematica-indigena-para-ver-na-quarentena/>

2. QUANTOS NOMES PARA UM SÓ POVO...



VOCÊ SABIA ?

Que as palavras povos originários, povos ancestrais, índios, nativos, caboclos, cabocos, pardos, povos aborígenes, autóctones, todas se referem aos indígenas?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Porque os habitantes do Brasil foram chamados de índios pelos portugueses?

2. O termo "Índio" é adequado para nomear os povos que já existiam em nosso país?

3. Como devemos nos referir aos povos nativos do Brasil?

VOCÊ PRECISA SABER:



Os povos indígenas sofrem muito preconceito.

REGISTRE SUA OPINIÃO. Você conhece outras palavras para se referir aos povos indígenas? Alguma delas é ofensiva? Qual a sua opinião sobre isso?

UMA DICA! Evite palavras e frases como "programa de índio" "tribo" "índio" "a cultura do indígena é atrasada" "Não existe mais índio verdadeiro" "tudo começou em 1500" dentre outras. <https://www.youtube.com/watch?v=xv0QznkQdw> assisa e descubra. (colocar Professor Edson Kayapó desmistifica conceitos indígenas vídeo Qr code. Tem como colocar? <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/05/nao-existem-indios-no-brasil-disse-indigena-em-abertura-de-congresso.html> Daniel Munduruku

3. PELO QUÊ OS INDÍGENAS LUTAM?

VOCÊ SABIA ?



Que luta é uma palavra muito presente no vocabulário indígena?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Qual a maior demanda, atualmente, dos povos indígenas do Brasil?

VOCÊ PRECISA SABER:



Os indígenas lutam até hoje, pela sobrevivência de suas etnias, combatendo tentativas de apagamento da sua história e a negação de sua existência.

REGISTRE SUA OPINIÃO. 1. Se você perdesse um anel muito valioso e visse diariamente alguém usando ele, o que você faria?

2. Como você enxerga a luta indígena? O que você realmente sabe sobre isso?

Considere a afirmativa e opine:

1. Se os indígenas fossem completamente extintos, então, a dívida de invasão das suas terras deixaria de existir. Quem poderia estar interessado nessa extinção?

DICA! <https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s>
Os Indígenas Raízes do Brasil

4. INDÍGENAS ALDEIADOS E INDÍGENAS SEM ALDEIA



VOCÊ SABIA ?

Que a posse da terra influencia na qualidade de vida dos povos originários?

TEMPO DE PESQUISA:

1. Qual a importância da terra para as sociedades originárias?

2. Que relação esses povos estabelecem com a terra?

VOCÊ PRECISA SABER:



São comuns os conflitos como tentativas de parar a exploração nas terras indígenas. Jornais internacionais como CNN e The New York Times, veicularam que o ano de 2020 foi o ano recorde de assassinatos de indígenas no Brasil.

REGISTRE SUA OPINIÃO.

Se os indígenas eram donos de todas as terras do território nacional brasileiro, determinar o que é e o que não é terra indígena foi um ato arbitrário? Justifique:

UMA DICA! Compartilhe com colegas os endereços abaixo:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/23/terras-nao-demarcadas-dificultam-acesso-de-indigenas-a-vacina-e-politicas-publicas>

[https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-tem-maior-numero-de-indigenas-assassinados-em-25-anos-](https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-tem-maior-numero-de-indigenas-assassinados-em-25-anos-25255543#:~:text=S%C3%83O%20PAULO%20%2D%20O%20n%C3%BAmero%20de,a%20ser%20divulgado%2C%20em%201995.)

[25255543#:~:text=S%C3%83O%20PAULO%20%2D%20O%20n%C3%BAmero%20de,a%20ser%20divulgado%2C%20em%201995.](https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-tem-maior-numero-de-indigenas-assassinados-em-25-anos-25255543#:~:text=S%C3%83O%20PAULO%20%2D%20O%20n%C3%BAmero%20de,a%20ser%20divulgado%2C%20em%201995.)

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/invasoes-a-terras-indigenas-aumentam-em-2020-e-mortes-tem-alta-de-63/> É possível incluir os Qr codes?



5. O INDÍGENA QUE EU QUERO VER

VOCÊ SABIA ?



Que é sinônimo de ignorância esperar que a pessoa indígena apresente uma imagem física e comportamental de acordo com as figuras dos antigos livros de história?

TEMPO DE PESQUISA:

Descreva os povos citados abaixo:

Ainu - Japão _____

Navajos - EUA _____

Quéchuas - América do Sul _____

Pigmeus - África do Sul _____

Guarani - Brasil e América do Sul _____

VOCÊ PRECISA SABER:



Os indígenas de um modo geral, adotaram práticas atuais de vivência. Têm acesso à tecnologia, e, muitos não restringem seus relacionamentos afetivos às pessoas de etnias indígenas.

REGISTRE SUA OPINIÃO

1. Você tem uma imagem mental da aparência física ideal do indígena?

() Yes () No

2. Descreva em inglês, a aparência física que você tem da pessoa indígena.

3. Como você se sente ao se deparar com uma pessoa indígena com aparência bem diferente das que você esperava?

4. O que você pensa quando vê um indígena dirigindo um automóvel caro?

UMA DICA! Construa um painel com imagens de indígenas dos Estados Unidos, da Austrália, do Japão, do Chile, da África Central e do Brasil. Exponha para a sua classe.



6. UM POVO QUE SABE PRODUZIR ALIMENTO



VOCÊ SABIA ?

Que a alimentação de qualidade é um direito de todo cidadão brasileiro?

TEMPO DE PESQUISA:

Qual a diferença entre Soberania e Segurança Alimentar Indígena?

VOCÊ PRECISA SABER:



As nações indígenas brasileiras, tradicionalmente, cultivam seus alimentos promovendo menor impacto ambiental. São conhecidos como guardiões das florestas, por conseguirem sobreviver em harmonia com a natureza.

REGISTRE SUA OPINIÃO.

O Brasil é um dos grandes consumidores de agrotóxicos. Como você acredita que isso impacta a qualidade da comida que você consome?

Com a demarcação de mais terras indígenas, seria possível mais agricultura sustentável?

UMA DICA!

<https://ms-my.facebook.com/tvuesconline/videos/s%C3%A3o-jo%C3%A3o-dos-povos-da-terra/330676907843047/>

<https://www.nytimes.com/pt/2020/04/19/world/americas/bolsonaro-brasil-amazonia-indigenas-funai.html>



7. AVALIAR PARA MELHORAR



Você considera o conteúdo dessa cartilha
 Relevante Irrelevante Indiferente

Que aprendizagens você construiu ao longo do estudo das lições dessa cartilha?

Que mudanças o conteúdo dessa cartilha lhe impulsionou a fazer?

- Maior interesse no tema
- Aumento do vocabulário da Língua Inglesa
- Maior desejo de participação política
- Maior desejo de dominar a Língua Inglesa
- Desejo de compartilhar as informações nela contidas
- Mudança na forma de encarar a alimentação de um modo geral
- Mudança de perspectiva crítica no que diz respeito à fome
- Maior consciência do papel social individual de cada pessoa para a Segurança Alimentar e Nutricional
- Motivação para adotar pequenas ações como mais critério na escolha de alimentos
- Motivação para plantar, dentro das próprias possibilidades o próprio alimento.
- Maior valorização de alimentos da agricultura familiar e pequenos agricultores
- Outros _____

7.1 SEMINÁRIO DE EXPOSIÇÃO DOS CADERNOS DE ATIVIDADES DA TURMA E DE TRABALHOS E OU IDEIAS LEVANTADAS...

DATA ____/____/____

8. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS PARA A ESCOLA DATA

____/____/____

Cole fotos ou registre o endereço eletrônico em que o(s) evento(s) foram registrados.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Esta cartilha é produto da pesquisa de Mestrado sobre alimentação dos povos indígenas pan-americanos. Iniciativa louvável da autora, por utilizar a língua Inglesa aliada a essa temática. Atende aos objetivos a que se propõe, revitalizando a tradição alimentar indígena, descentralizando o ensino de língua estrangeira dos moldes colonizadores hegemônicos, além de valorizar aspectos identitários indígenas e sua ancestralidade. Como CHOMSKY preconiza o ambiente linguístico altera por influência o estado inicial da faculdade da linguagem do sujeito (que é inato, mas mutável).

Marama Sarubi



APÊNDICE 2

TÍTULOS DE ARTIGOS PRODUZIDOS DURANTE A PESQUISA:

- 1. Transições Territoriais dos Povos Originários, Universo Feminino das Aldeias e Percepções do Ensino-aprendizagem do Bem Viver: Leituras de Discursos Digitais à luz de Hall e Foucault.**
- 2. Mulheres Africanas e Indígenas, Lideranças Potenciais na Soberania Alimentar e Literatura: ensinamentos e aprendizagens de possíveis interseções contra hegemônicas. (coautoria)**
- 3. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA MULTILÍNGUE RELATIVA À SOBERANIA ALIMENTAR, NOS IDIOMAS ESPANHOL E INGLÊS: CONTEXTUALIZAÇÃO, TÉCNICAS E/OU MÉTODOS CONFORME FOUCAULT E KUMARAVADIVELU.**
- 4. LÍNGUA INGLESA NA EJA INDÍGENA: POSSIBILIDADES DA SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR COMO TEMÁTICA DE ENSINO**



APÊNDICE 3 QUESTIONÁRIO APLICADO AOS COLABORADORES DA EIPC

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - Você é: () Professor () Téc. Adm () Serv. Apoio () Coordenador/Diretor/outros

2. Marque com X as alternativas que trazem conceitos que lhe são familiares ou seja, que você já tenha conhecimentos prévios e ou vivências relacionados a eles:

- | | |
|--|--|
| () Soberania Alimentar | familiares... |
| () PANC's – Plantas Comestíveis Não Convencionais | () Entomofagia – Consumo de insetos |
| () Segurança Alimentar | () Conselho Nacional de Segurança Alimentar |
| () Sementes Crioulas - variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores | () Escala Brasileira de Insegurança Alimentar |
| | () Povos Originários |

3. Marque todas as alternativas que podem completar a frase: “Sinto que pratico meus conhecimentos e preservo minha identidade indígena quando...”

- | | |
|---|---|
| () Estou na mata | () Uso Cocar |
| () Estou sensível às mensagens da natureza | () Como peixe com farinha de puba |
| () Danço/Canto Awê/Toré | () Vendo artesanato |
| () Consumo alimentos que meus pais/avós me ensinaram | () Faço artesanato |
| () Participo da Farinhada | () Recebo uma bolsa para estudar |
| () Uso Tanga | () Recebo algum benefício governamental |
| () Uso adereços indígenas | () Conto uma lenda que aprendi com meus avós |
| () Como beijú de goma | () Planto meu próprio alimento |
| () Falo Patxohã | () Manejo a terra |
| | () Acompanho as fases da Lua |

4. Sobre quais desses povos indígenas você já ouviu falar? () Quéchuas () Guaraní () Navajo

5. Tem contato frequente com algum indígena das etnias abaixo que ainda mora em sua aldeia de origem? () Quéchuas () Guaraní () Navajo

6. Em sua opinião, o que é possível trabalhar/produzir a partir de estudo/pesquisa acerca da Soberania Alimentar dos Povos Indígenas na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha?

- () Cerca viva com PANC's
 () Horta
 () Tema Transversal de Aulas no Fundamental I
 () Tema Transversal de Aulas no Fundamental II
 () Viveiro de mudas de PANC's
 () Incentivar o plantio e o cultivo de horta domiciliar
 () Construir uma cartilha em Patxohã sobre a temática
 () Montar um banco de Sementes Crioulas
 () Criatório de Insetos Comestíveis
 () Outro _____

7. Em que nível a alimentação é importante para a independência, resistência e conquistas dos povos indígenas? Marque um X no Termômetro que indica a sua opinião



Nome: _____ Nitxi Awêry.

APÊNDICE 4

Hello!

As atividades da disciplina de Língua Inglesa dessa unidade consistem numa cartilha elaborada pela professora Lucicleia, como produto do seu curso de mestrado.

Portanto, importantíssimo você saber que:

1. Você não é obrigado a responder tudo.
2. Mais importante que responder às atividades é responder os dois questionários anexados.
3. Fique à vontade para entrar em contato com a professora Lucicleia pelo WhatsApp 73 9 8879 1463.
4. Tire uma foto ou self com a cartilha
5. Escreva um pequeno texto, ou mande um áudio, falando sobre a sua experiência com a cartilha.

“Tente! Antes de desistir, tente!”



QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua primeira impressão da cartilha:

estranha interessante Chata

1. Qual o seu primeiro pensamento quando se deparou com os textos em inglês?

Impossível fazer a atividade

Entendo tão pouca coisa!

Não entendi nada

Fácil, fácil.

1. O que há de mais diferente no conteúdo da matéria nesta unidade?

O tema da cartilha

As atividades

O conteúdo também em espanhol

1. Quando você abriu a cartilha, você:

Percebeu que também estava escrita em uma outra língua, mas, não identificou que era o espanhol.

Logo percebeu que estava escrita também em espanhol

Não percebeu que estava escrita em duas línguas.

1. Quando você percebeu que o conteúdo da cartilha também estava escrito em espanhol, você:

Achou que ficaria mais difícil ainda responder às atividades

Achou que ficaria mais fácil pois consegue entender mais palavras em espanhol que em inglês.

Tentou ler a escrita em inglês e deixou o espanhol de lado

Tentou ler a escrita em espanhol e deixou o inglês de lado

Tentou traduzir o texto em inglês a partir da leitura do mesmo texto em espanhol

Nem tentou.

1. Escreva sua opinião sobre o seu sentimento em ter aulas de inglês tendo o texto também em espanhol?

Best Regards!

Thanks.

Teacher: Lucicleia.



APÊNDICE 5

CARTAS

5.1 Carta ao Diretor Escolar

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

De: Dr. Milton Ferreira da Silva Junior e Lucicleia Santos Batista – Pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia

Ao Sr. Ademário Ferreira Brás – Diretor da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Prezado Senhor, Ademário

A temática da Segurança Alimentar é objeto de estudo dessa equipe de pesquisa, dentre outros motivos, por ser um dos pré-requisitos de cumprimento do segundo ODS (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável) das Organizações das Nações Unidas.

Resultados constataram ausência de conhecimento conceitual, por parte de atores da comunidade escolar indígena, acerca de termos inerentes ao tema e das políticas públicas relativas a este.

Portanto, vimos recomendar que essa temática seja colocada em pauta para apreciação da comunidade, para que esta julgue o mérito ou não da presença do tema no Projeto Político Pedagógico desta escola; uma vez que foi confeccionada pela autoria da pesquisa, duas cartilhas para subsidiar o ensino de língua inglesa abordando essa questão, reforçando a ideia de que é possível trabalhar a temática a partir dos conteúdos de forma interdisciplinar.

Tivemos ciência, de que, as nações indígenas têm o direito de cultivar seus alimentos de acordo com suas tradições e que esta soberania é reconhecida legalmente em nosso país. Constatou-se ainda, que através de Conselhos Municipais de Segurança Alimentar é possível conseguir para a comunidade e com a participação desta, assistência e subsídios para garantir a segurança alimentar comunitária, motivos que justificam a plena discussão do assunto e tema por parte da comunidade escolar como um todo.

Reiteramos votos de estima e cooperação.

Santa Cruz Cabrália, 10 de Janeiro de 2022.

Dr. Milton Ferreira da S. Junior

notlimf@hotmail.com

73 9 9132 7727

Mstnda. Lucicleia Santos Batista

lucicleiabatista@hotmail.com

73 9 8879 1463



5.2 Carta ao Secretário Municipal de Assuntos Indígenas

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

De: Dr. Milton Ferreira da Silva Junior e Lucicleia Santos Batista – Pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia

Ao Sr. Juari Brás Bomfim – Secretário Mun. de Assuntos Indígenas de Santa C. Cabralia

Prezado Senhor, Juari,

A Segurança Alimentar é o tema de estudo dessa equipe de pesquisa, por ser observada pela autora, professora de Inglês da comunidade, como um ponto de melhoria, ao contemplar alunos consumindo alimentos danosos à saúde, segundo o Guia Nacional de Alimentação, no café da manhã, e por ser um dos pré-requisitos de cumprimento do segundo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Organizações das Nações Unidas.

Resultados constataram ausência de conhecimento conceitual, por parte de atores da comunidade escolar indígena, acerca de termos inerentes ao tema e das políticas públicas relativas a este.

Portanto, viemos recomendar que essa temática seja colocada em pauta para apresentação e oferecimento de capacitação à comunidade, para que esta tenha condições de julgar o mérito ou não da presença do assunto no Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, fomentando deliberações coletivas, sobre possibilidades outras para o povo Pataxó do município, nessa área.

Tivemos ciência, de que, as nações indígenas têm o direito de cultivar seus alimentos de acordo com suas tradições e que esta soberania é reconhecida legalmente em nosso país. Constatou-se ainda, que através de Conselhos Municipais de Segurança Alimentar é possível conseguir para a comunidade e com a participação desta, assistência e subsídios que garantam a segurança alimentar comunitária, motivos que justificam a plena discussão do assunto por parte da comunidade como um todo, reafirmando a soberania alimentar indígena.

Reiteramos votos de estima e cooperação.

Santa Cruz Cabralia, 10 de Janeiro de 2022.

Dr. Milton Ferreira da S. Junior

notlimf@hotmail.com

73 9 9132 7727

Mstnda. Lucicleia Santos Batista

lucicleiabatista@hotmail.com

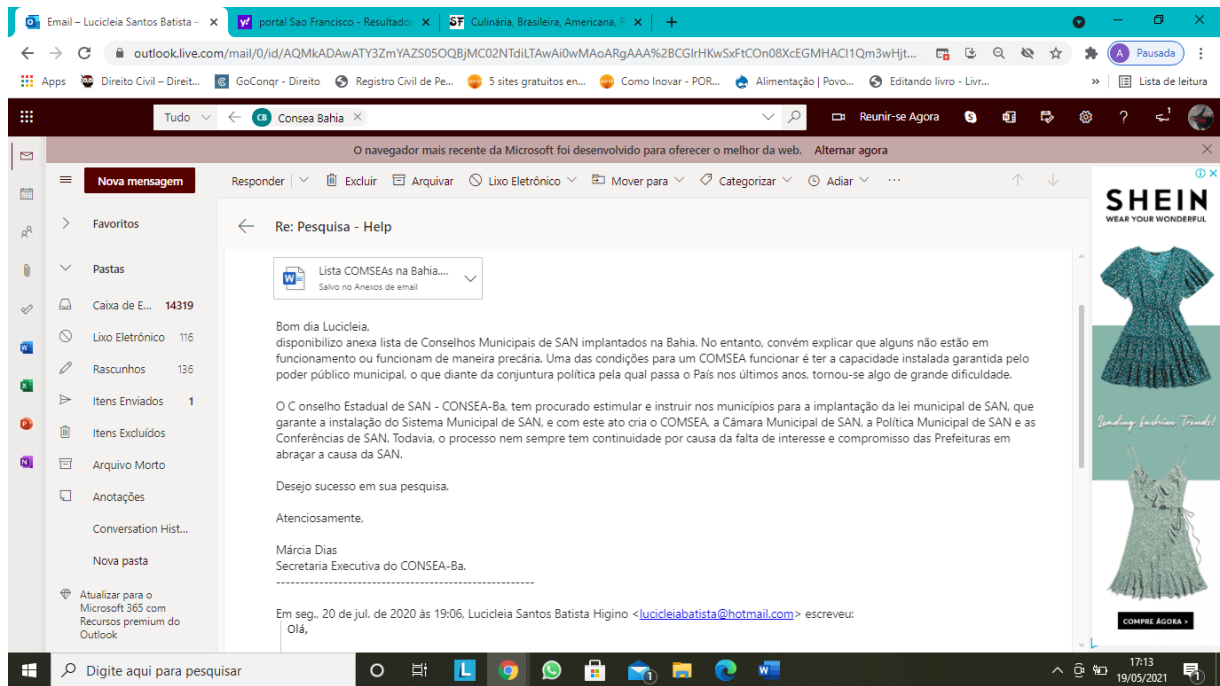
73 9 8879 1463



ANEXOS



1 ANEXO - Print de Correspondência via e-mail, com o Conselho Estadual de Soberania Alimentar.



ANEXO 2 – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, instituição pública de ensino multilíngue de Coroa Vermelha Santa Cruz Cabrália, Bahia, está sendo convidada a participar de um estudo denominado **Intercâmbio Pan Americano Indígena e Retomada da Soberania Alimentar sustentável: usos, desusos e abusos das Sementes Crioulas, da Entomofagia e das Plantas Alimentares Não Convencionais (PANCs) pelos povos ancestrais das Américas**. cujos objetivos e justificativas são: valorizar o ensino e o uso da Língua Estrangeira Moderna como meio de acesso a questões socioculturais relevantes tendo em vista as dificuldades do ser indígena em meio à vida urbana que modifica inclusive o modus vivendi alimentar das etnias.

Sua participação no referido estudo será no sentido de juntamente com os agentes responsáveis pela pesquisa, promover espaços didático-pedagógicos de reflexões acerca do importante papel do ser indígena nos conhecimentos de uma produção alimentar ecologicamente correta e da necessidade de retomada desses conhecimentos para uma prática alimentar agroecologicamente saudável assegurando a soberania alimentar dos povos originários.

Foi alertado de que, da pesquisa a se realizar, pode se esperar alguns benefícios, tais como: promoção de mini-cursos com certificação, uma retomada local da soberania alimentar, possibilidade de captação de recursos para implantação de algum projeto que vier a ser estabelecido a partir da pesquisa, promoção do estudo da Língua Inglesa a partir de tema relevante para a comunidade, protagonismo no ensino/estudo e divulgação da temática pesquisada.



Recebeu-se, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, pode acontecer de uma ou mais das expectativas deixarem de acontecer.

Dá-se conhecimento de que a privacidade dos participantes será respeitada, ou seja, nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar, será mantido em sigilo.

Também foi informado de que é possível a recusa na participação do estudo, ou retirada de consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Lucicleia Santos Batista Higino, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia Campus Jorge Amado Itabuna Bahia sob orientação



 RUBRICA DO PESQUISADOR	 RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA
---	---

do Professor Doutor Milton Ferreira da Silva Junior, professor permanente da Universidade Federal do Sul da Bahia do Programa de Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais e do Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado Acadêmico em Biosistemas, e com eles pode-se manter contato pelos telefones (73) 9 8819 2845 e (73) 9 9142 4579.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que se queira saber antes, durante e depois da participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesta livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo deve ligar para Coordenação do curso (73) 3211 8749 ou mandar um email para cynthiacsbarra.pgger@gmail.com

Santa Cruz Cabralia, 06 de Novembro de 2019.


Zizélia Ferreira – Diretora da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha


Zizélia Ferreira dos Santos
Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha
Diretora Escolar
Ceto N° 285-2018


Luícelia Santos Batista Higino - Mestranda


Doutor Milton Ferreira da Silva Junior - Orientador

ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA
ENDEREÇO BR 367, KM 06 COROA VERMELHA
SANTA CRUZ CABRALIA-BA - CEP 45807-000
ATO DE CRIAÇÃO- LEI MUNICIPAL N.º 63/95
AUTORIZAÇÃO: PARECER 028/2017
RESOLUÇÃO CME N.º 035/2017
INEP- 29.327-140
UNPU 03 184 47.5/0001 84

ASSINATURA DO SUJEITO DE PESQUISA

ASSINATURA DO ORIENTADOR

ANEXO 3 - DECLARAÇÃO DE RECONHECIMENTO COMO MEMBRO DA COMUNIDADE



Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha
CNPJ: 03.184.473.0001-84
BR 367, km 06 – Coroa Vermelha
Santa Cruz Cabrália / BA - CEP: 45807-000
E-mail: kamasary@yahoo.com.br
Telefone: (73) 99968-2010



DECLARAÇÃO

Declaro para os fins de bem e de direito, que a Sra. **Lucicleia Santos Batista**, portadora do CPF 530.358.875-00 e do RG 06.418.293-29. Residente e domiciliada à Av. dos Pataxós, 416, Aldeia Santa Maria. Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália, Bahia. Faz parte do quadro de funcionários concursados dessa instituição, sendo professora de Língua Inglesa e tem desempenhado o seu papel com louvor, já havendo ocupado cadeiras no Conselho Escolar e Conselho de Pais. Demonstra compromisso com a causa indígena em suas atividades profissionais e fora dela. Agindo e convivendo entre nós, Pataxó Coroa Vermelha, como membro da nossa comunidade.

Eu, **Ademario Braz Ferreira**, portador do CPF 937.765.005-49 e do RG 07.966.511-08, liderança da aldeia Pataxó Coroa Vermelha, representante legal da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha na presente data.

Por ser verdade, assino e dou fé à presente declaração, em duas vias de igual teor.

Santa Cruz Cabrália, 15 de Junho de 2021


Ademario Braz Ferreira
DIRETOR ESCOLAR
DECRETO N° 033/2020

Ademario Braz Ferreira.

ANEXO 4 – Modelo de TCLE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB) COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **LÍNGUA INGLESA NA EJA INDÍGENA: Cartilha sobre Segurança Alimentar como subsídio político pedagógico**, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a Lucicleia Santos Batista, a qual pretende construir uma cartilha sobre Segurança Alimentar Indígena, para subsidiar o ensino de língua inglesa. Sua participação é voluntária e se dará por meio de julgamento da validade ou não da cartilha como instrumento político pedagógico, através do preenchimento da escala Linkerte, construída pela autoria para avaliação da cartilha. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são a aparição da divergência da sua opinião com membros da equipe avaliadora e rechaçamento verbal à sua exposição opinativa. Caso uma dessas vivências ocorra, sua idoneidade será mantida, uma vez que sua identidade não será vinculada às suas contribuições nem revelada aos demais membros do grupo de juízes. Se você aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para que a cartilha tenha uma qualidade textual, temática e ilustrativa mais relevante, e com isso, mais pessoas estarão informadas sobre a Segurança Alimentar e sua importância, podendo agir e reagir sócio-política e pedagogicamente, de forma mais conscienciosa, acerca da temática. Se depois de consentir sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, se o/a Sr. tiver alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável, desde acordado antecipadamente. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: BR 367 Km 7, Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália, CEP: 45807-000 e/ou pelo telefone 73 9 8879 1463 ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSB, Praça Joana Angélica, nº 250, Bairro São José, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO Eu, _____ fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Participante

Pesquisador/a Responsável

Data: ____/____/____

ANEXO 5 – ESCALA LINKERT ENVIADA





Olá,

Agradeço por ter aceitado participar da pesquisa **LÍNGUA INGLESA NA EJA INDÍGENA: Cartilha sobre Segurança Alimentar como subsídio político pedagógico**.

Por favor, inclua seus dados abaixo e efetive sua avaliação através do preenchimento da tabela.

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Profissão: _____ Endereço: _____

Local de trabalho atual: _____ Cargo: _____

Escala Linkert de avaliação da Cartilha para alunos indígenas da EJA 7/8

Ítems	Avaliação				
	1	2	3	4	5
1 A linguagem da cartilha é adequada a alunos indígenas de EJA 7/8?	1	2	3	4	5
2 A cartilha atinge seu objetivo de informar e incentivar o conhecimento acerca do tema?	1	2	3	4	5
3 Está a propriedade para manuseio e interação via dispositivo eletrônico digital?	1	2	3	4	5
4 Está a propriedade para manuseio pelos jovens?	1	2	3	4	5
5 O texto e as orientações estão escritos de forma clara e objetiva?	1	2	3	4	5
6 As atividades propostas atendem ao objetivo de formar pesquisa e discussão sobre o tema?	1	2	3	4	5
7 Há uma sequência lógica na realização dos exercícios?	1	2	3	4	5
8 O estilo de redação está de fácil entendimento?	1	2	3	4	5
9 A capa e a folha de rosto estão adequadas visualmente e em informações?	1	2	3	4	5
10 A formatação, no que se refere a tamanho, tipo de letra, organização geral e estética, está adequada?	1	2	3	4	5
11 As figuras representam bem a temática?	1	2	3	4	5
12 Os textos dialogam com a realidade do público-alvo que são os alunos indígenas da EJA 7/8?	1	2	3	4	5
13 Se quem é a temática está adequada?	1	2	3	4	5
14 De forma geral, o layout da cartilha atende de forma simples e funcional o objetivo?	1	2	3	4	5
15 A cartilha tem relevância para seu objetivo de construção?	1	2	3	4	5

Figura xx: Escala Linkert de avaliação da Cartilha para alunos não indígenas da EJA 7/8

Ítems	Avaliação				
	1	2	3	4	5
1 A linguagem da cartilha é adequada a alunos não-indígenas de EJA 7/8?	1	2	3	4	5
2 A cartilha atinge seu objetivo de informar e incentivar o conhecimento acerca da realidade indígena?	1	2	3	4	5
3 Está a propriedade para manuseio e interação em meio físico ou seja, impresso?	1	2	3	4	5
4 Está a propriedade para manuseio pelos jovens?	1	2	3	4	5
5 O texto e as orientações estão escritos de forma clara e objetiva?	1	2	3	4	5
6 As atividades propostas atendem ao objetivo de formar pesquisa e discussão sobre o tema?	1	2	3	4	5
7 Há uma sequência lógica na realização dos exercícios?	1	2	3	4	5
8 O estilo de redação está de fácil entendimento?	1	2	3	4	5
9 A capa e a folha de rosto estão adequadas visualmente e em informações?	1	2	3	4	5
10 A formatação, no que se refere a tamanho, tipo de letra, organização geral e estética, está adequada?	1	2	3	4	5
11 As figuras representam bem a temática?	1	2	3	4	5
12 Os textos dialogam com a realidade do público-alvo que são os alunos não-indígenas da EJA 7/8?	1	2	3	4	5
13 Se quem é a temática está adequada?	1	2	3	4	5
14 De forma geral, o layout da cartilha atende de forma simples e funcional o objetivo?	1	2	3	4	5
15 A cartilha tem relevância para seu objetivo de construção?	1	2	3	4	5

ANEXO 6 – PEQUENA MOSTRA DE SUPERAÇÃO

15/07/2021

QAL - Visão de Labor



Governo do Estado da Bahia
Secretaria de Saúde do Estado da Bahia
Laboratório Central de Saúde Pública Professor Gonçalves Menezes
 Rua Antônio Manoel, 127 - Brasília - Salvador / BA
 CEP: 40.020-900/901-02
 Site: <http://www.saude.ba.gov.br/laboratorio> - E-mail: lacen@lacen.saude.ba.gov.br
 Telefone: (71)3235-5512 - Fax: (71)3218-9046



Requisição	Origem	Data de Coleta
JOSILBOZINET	WELANCI SANTANA E EPIDEMIOLÓGICA DE SANTA CRUZ CABRALIA	15/07/2021
Paciente LUCILEIA SANTOS SANTOS MAGNO	Cartão Nacional de Saúde 70140297009812	Idade Sexo 46 ANOS / FEMEA
Requisitante HOSPITAL PROFESSOR JOSE MARIA DE FIGUEIREDES NETTO SANTA CRUZ CABRALIA	Município	Profissional de Saúde POLLIANA MARCELO DE S. OLIVEIRA

Vírus Respiratórios

Método: RT-PCR em tempo real

Data de Coleta: 15/07/2021 09:47

Materiais: Swab Nasofaríngeo

Kit: KIT BDMOL OneStep/COVID-19 (Protocolo de Biologia Molecular do Pacient - 1849)

Data do Recebimento: 14/07/2021

Registro Interno: 0720A

1ª amostra

Resultado: Detectável

Detecção:

Coronavírus SARS-CoV-2

Nota Técnica:

- 1 - O Hospital de Saúde recomenda a coleta de amostras até o 7º dia após o início dos sintomas. Resultados NÃO DETECTÁVEL, em amostras coletadas após este período não exclui a possibilidade de infecção por vírus Respiratórios.
- 2 - Os vírus Respiratórios não apresentados no teste e que não foram referenciados são considerados não testados.

Observações: Valor de referência: Não Detectável

Exame conferido e liberado por: **PERVANDO JOSÉ COSTA DOS SANTOS** (Biomédico - CRM: 2181) em 15/07/2021
 Escaneado por: **Laboratório Central de Saúde Pública Professor Gonçalves Menezes**

DJS 08/07

Pifre fraqueza, tufalua, dor de garganta, dor de ouvido e
malagueia.

SPO2 - 98%

FC - 91

PA - 100 x 70.

Temp - 36,2.

Handwritten signature
 16.07.21

Handwritten signature
 20/07



VENCEMOS!!!!